

***O segredo de* Márcio França**

por Clóvis Vasconcellos

***O segredo de* Márcio França**

Veja como o ex-prefeito de São Vicente se reelegeu com 93% dos votos; concluiu 8 anos de gestão com 94% de aprovação popular; fez o sucessor com 82% nas urnas e se tornou deputado líder na Câmara Federal

Autor:
Clóvis Vasconcellos
e-mail: clovisvasco@uol.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação:
*Felipe Pinheiro / Marcus Vinicius Gomes / Fabrício Almeida /
Bruno Santana*

Fotos:
Márcio Pinheiro e Tadeu Nascimento

Revisão:
Kátia Locatelli

Gráfica:
VR Color Gráfica e Editora

ISBN

Sumário

Introdução: Comendo com as mãos	06
Criança em jaula na Primeira Vila do Brasil	13
É proibido chorar	19
Imposto para todos	25
Vinde a mim os empresários: parcerias viram febre em SV	31
O grande pacto	37
O amigão boca-dura	45
A virada na Educação	51
A multiplicação das creches	61
Se Liga Galera	67
Bandido ou mocinho? Jepom neles!	71
Da ilegalidade ao sucesso:	
<i>Transporte alternativo atende 3 milhões de passageiros/mês</i>	<i>77</i>
Inferno vira parque	
<i>Como um lixão, onde crianças comiam restos, virou parque ambiental</i>	<i>83</i>
A luta por moradia	
<i>6 mil novas casas em 8 anos; Outras 6 mil consolidadas; 62 mil beneficiados.....</i>	<i>89</i>
Adoro problemas	
<i>Descoberta a estratégia mental, o pulo-do-gato de Márcio França</i>	<i>97</i>
Saindo das sombras	
<i>Projetos de inclusão social resgatam 10 mil pessoas</i>	<i>103</i>
Beleza é fundamental	
<i>Turismo traz justiça social e resgata autoestima</i>	<i>115</i>
Prevenir é melhor	
<i>Saúde ainda desafia, apesar das novas unidades e ações preventivas</i>	<i>125</i>
É preciso mostrar	
<i>Sem comunicação, qualquer político naufraga</i>	<i>131</i>
Esporte resgata alegria	
<i>Favelados velejam, jogam golfe e tênis; escolinhas incentivam gerações</i>	<i>137</i>
Política com paixão	
<i>A arte de se virar do avesso e manter ideais</i>	<i>143</i>
Tercio Garcia amplia ações sociais e se reelege com 73%.....	153
Márcio deputado vira liderança nacional.....	159
As mil obras e ações que mudaram São Vicente	187
Anexos.....	201

Comendo com as mãos

Palácio Martim Afonso, gabinete do prefeito, 16h30. Ninguém conseguiu almoçar. O governador diz que não tem recursos, mas, diante dos insistentes argumentos do prefeito, promete repassar R\$ 250 mil nas próximas 24 horas. O Hospital São José, que atende 30 mil pessoas/mês, desta vez, não fecha as portas.

A comissão de moradores da Favela Vila Fátima, que pegou fogo no domingo, quer ajuda para reconstruir seus barracos. Estão todos no Salão Nobre, bem ao lado, impacientes.

O oficial de Justiça, na outra porta, quer logo ser recebido e entregar mais um procedimento investigatório do Ministério Público. Antes o prefeito precisa ir ao banheiro. Não aguenta mais um segundo sem se aliviar. Assessores e secretários, todos com documentos nas mãos, vão junto.

O prefeito urina enquanto toma conhecimento da ameaça dos precatórios; da queda na arrecadação; da professora que tem faltado às aulas; do fornecedor que está revoltado porque não recebe há meses. Mas não esmorece. Depois de sair do banheiro e assinar mais uma notificação, Márcio controla a emoção e evita as lágrimas quando senta-se à mesa do salão, diante dos moradores que perderam suas casas e estão com as roupas chamuscadas e os olhos esbugalhados, clamando por uma solução para suas vidas e as dos filhos. São 16h34.

Este trecho de quatro minutos não se passou num dia especialmente difícil durante os oito anos dos dois mandatos do prefeito de São Vicente, Márcio França, entre 1997 e 2004. Foi

apenas um dia normal, de rotina.

Isso porque simplesmente não há trégua para quem assume a Prefeitura da Primeira Vila fundada no Brasil e recebe direto no peito o desafio de enfrentar problemas acumulados em 465 anos de história. São, de fato, todos os problemas juntos do Brasil aglomerados em uma Cidade de 320 mil habitantes.

Ou seja, não há clemência. Sentou na cadeira de prefeito, todas as dores do mundo vêm ao seu encontro. Ou enfrenta ou foge. Márcio França enfrentou.

O que justifica este livro não é o desafio representado pela Primeira Cidade do Brasil. Também não é apenas o fato de mostrar os bastidores frenéticos dos oito anos de um governo que ganhou repercussão nacional. O que se torna imprescindível relatar é a forma como foram alcançados resultados expressivos em uma Cidade com orçamento tão baixo: R\$ 60 milhões, em 1997, que representavam R\$ 193,00 por ano para cada habitante.

Afinal, como governar sem dinheiro?

Como mudar a história de mais de quatro séculos de uma Cidade marcada pelo pessimismo?

O contraste fazia estudantes chorar. Assistiam a crianças comendo lixo com as mãos

É preciso explicar, por exemplo, os índices de aprovação e reeleição de Márcio França.

Como França conseguiu o título de melhor prefeito das cidades acima de 150 mil eleitores em todo o Estado de São Paulo, em 1999?

Como Márcio França conseguiu se reeleger com 93% dos votos válidos, alcançando o maior índice do País em 2000?

Mais ainda: como um prefeito termina oito anos de mandato

com aprovação de 94%, segundo pesquisa Ibope?

E para completar, é preciso apurar como França elegeu seu sucessor, com mais de 82% nas urnas.

Por dentro do poder

Depois de 22 anos de exercício no jornalismo diário na Baixada e Litoral Paulista, mergulhei na incerta aventura em uma assessoria de imprensa. Já havia escrito tanto que as linhas seguidas dariam voltas ao mundo. Apenas em São Vicente foram 17 anos convivendo com favelas, mangues, rios, morros, gabinetes da Prefeitura e da Câmara. Enfim, vivendo tudo o que um repórter deve viver para gerar notícias todos os dias.

Até na carreira de professor em universidades trazia alunos para aulas práticas no lixão e nas favelas de São Vicente para que sentissem a realidade cruel de uma Cidade situada na mesma ilha que Santos, bem ao lado, mas com orçamento ínfimo e infraestrutura quase zero. O contraste fazia os estudantes chorar. Eles viam que milhares de pessoas evacuavam direto nos manguezais abaixo de suas palafitas e porcos comiam os dejetos. Assistiam a crianças catando e comendo lixo no Sambaiatuba. Experiências que faziam adolescentes mimados chegarem em casa agradecendo aos pais pelo conforto e por ter comida na geladeira.

Como jornalista do centenário jornal *A Tribuna* assisti à falta de união da classe política de São Vicente, que transformava o cotidiano do Legislativo e do Executivo num manancial de escândalos, intrigas e denúncias que geravam muita notícia, mas que em nada contribuíam para a solução dos enormes problemas da Primeira Cidade do Brasil. Como jornalista, acompanhei vários prefeitos bem-intencionados tentarem mudar o triste quadro marcado pela miséria, falta de recursos públicos, desavenças

políticas insuperáveis e um sentimento de baixa-estima que persistia há décadas. Não conseguiram.

Quando o jovem Márcio França assumiu, em 1997, os prognósticos dos céticos observadores indicavam que, como os demais, seria tragado pelo mito da caveira de burro, que estaria enterrada em algum lugar de São Vicente. Poucos sabiam que aquele rapaz tímido, embora articulado, escondia uma energia descomunal e uma mistura de paixão latina com pragmatismo germânico. O fato é que, como jornalista de *A Tribuna*, pude acompanhar sua primeira gestão (1997-2000) e o primeiro semestre de 2001.

Mas sempre me intrigou saber o que aconteceria naqueles gabinetes. Como um rapaz que conheci nos corredores do Fórum de São Vicente, como oficial de Justiça, alcançara o maior índice de reeleição e aprovação popular do País? Qual o segredo de Márcio França e de seu estilo de governar?

Não se trata de misticismo, de culto à personalidade. Deve haver uma explicação para resultados claros, registrados pela Justiça Eleitoral e pela vontade popular. Como, por exemplo, ele conseguiu firmar mais de 140 parcerias com empresários, Ongs e governos sem ter lastro financeiro, pertencendo a um partido pequeno, o PSB, que não era o do governador nem do presidente da República, quase sem representantes na Assembléia Legislativa, na Câmara Federal ou no Senado?

Além do desafio de atuar no “outro lado do balcão”, na condição de vidraça, depois de anos como estilingue, surgia também a oportunidade de fazer uma matéria vivencial por dentro da Prefeitura que tanto critiquei e cobrei nos 17 anos que cobri São Vicente como jornalista.

Assim, tornei-me parte da equipe de Márcio França. No caso, parte da Secretaria de Imprensa e Comunicação Social. Em questão de minutos estava lá, por dentro do poder municipal,

ainda atônito pela inédita condição em 22 anos de jornalismo.

Tinha sede de entrar no gabinete e logo remexer na papela-da, interpelar os secretários, dar palpites e descobrir a chave do segredo de Márcio França. Já conhecia, como jornalista, sua capacidade de persuasão, de raciocínio. Mas era nada, perto do que começava a presenciar.

A expectativa que a maioria da população e, mesmo os jornalistas, têm dos prefeitos e políticos é que eles passam o dia tomando cafezinho, fechando acordos suspeitos e preparando viagens para desfrutar de jantares e momentos de lazer. Há a sensação de que gabinete de prefeito é sinônimo de refúgio da realidade cruel das periferias.

Numa das vezes que o acompanhei no banco de trás do carro vi Márcio França comer com as mãos, aos solavancos

Qual não foi a surpresa quando, dia após dia, percebi, por exemplo, que o prefeito, uma das pessoas mais importantes da Cidade, não consegue almoçar. Foram centenas de vezes em que vi a marmita de Márcio França (que lhe era trazida de casa) esfriar, sem que ele tivesse tempo de beliscar ao menos uma saladinha. Numa das vezes que o acompanhei no banco de trás do carro vi Márcio França comer com as mãos, aos solavancos, enquanto era levado de um compromisso ao outro.

À primeira vista, tais observações podem parecer detalhes até demagógicos de um político que quer impressionar. Mas logo percebi que, centenas de vezes, a diferença entre comer e não comer representava, por exemplo, a liberação de milhões de reais em recursos para construir 600 casas populares na região continental ou uma nova escola ou um centro de convenções ou

a duplicação de uma avenida.

O sucesso ou o fracasso de um prefeito é definido em segundos, naquele argumento a mais, numa reflexão, num questionamento, numa sutileza cirúrgica. São ações, muitas vezes instintivas, que não podem se submeter às regras ou rotinas. Quem deve se submeter é quem recebe o voto popular.

Confirmei que é mesmo o estilo que faz o homem. E o estilo de Márcio França é para lá de ousado. Alguns comentam que ele vai além dos limites. Afinal, quem abre uma rua sobre a linha férrea e manda prosseguir enquanto é intimado no próprio local pela Polícia Federal para suspender a obra? Que prefeito tem a coragem de chamar os vereadores para trabalhar na Prefeitura, indicando-os para regionais ou assumir secretarias, subvertendo secular relação entre Executivo e Legislativo?

Márcio França ia sozinho para as favelas, logo pela manhã, surpreendendo moradores que saíam para trabalhar e davam de cara com o prefeito, de terno, dizendo que ia urbanizar o Dique do Saquaré, abrir ruas, acabar com as palafitas, para desespero dos secretários e perplexidade dos que ali viviam.

Que prefeito teria peito para legalizar lotações clandestinas, na época caindo aos pedaços, e convidar seus proprietários para formar o chamado Transporte Alternativo? Cobrar impostos de favelados? Ou sortear carro zero, televisão e motocicleta entre contribuintes que passassem a pagar o IPTU em dia? Teria virado Silvio Santos?

É a história resumida desta aventura que tentarei contar aqui, sem deixar de registrar, até para fins didáticos, como Márcio França realizou alguns projetos que hoje são reproduzidos em várias cidades do Estado de São Paulo e do País.



Criança em jaula na Primeira Vila do Brasil

Para se ter uma idéia do desafio que representa governar São Vicente, é preciso lembrar que se trata de uma tarefa que remonta aos idos de 1502, dois anos depois do Descobrimento do Brasil e 30 anos antes da fundação oficial da Primeira Vila do País, que ocorreu a 22 de janeiro de 1532, pelo navegador português Martim Afonso de Sousa. Já naquela época, São Vicente aparecia em mapas italianos e abrigava uma feitoria, com portugueses e índios.

Naquele aglomerado de palhoças e algumas casas começava, silenciosamente, o processo de mescla de raças, credos e culturas que daria origem à Nação Brasileira. Um degredado, o bacharel Cosme Fernandes, imprimia sua liderança no povoado e já exercia, informalmente, a função de administrador.

As notícias do crescente poder do bacharel chegaram a Portugal, principalmente sobre os negócios lucrativos com o comércio de escravos indígenas da “gestão” de Cosme Fernandes. Foi então que o rei D. Manoel escolheu seu amigo de infância, Martim Afonso, para a empreitada de fincar as bases da colonização portuguesa no Brasil. Tratava-se de uma missão oficial para pôr ordem na colônia e assumir a tarefa de governar São Vicente.

Martim Afonso veio com tudo. Instalou cadeia, pelourinho e um conselho que veio a ser a Primeira Câmara das Américas, reconhecida oficialmente como o Berço da Democracia no Novo Mundo. Em São Vicente foram plantadas as primeiras mudas de cana-de-açúcar; criadas as primeiras cabeças de gado; cunhada a primeira moeda; produzido o primeiro vinho; constituída a primeira milícia armada em defesa da terra, dando origem ao Exército. Enfim, não faltam primazias à Cidade, que foi a primeira a ser organizada oficialmente no País.

Martim Afonso ficou pouco tempo e foi tentar achar o caminho do veio de prata mais ao Sul (tentava achar a reserva de Potosi, na Bolívia, através da foz do Rio da Prata). Mas o ritmo de investimento da fundação não durou muito. Apesar de abrigar o primeiro porto alfandegado do País, cujas ruínas ainda estão lá, um fator natural acabou mudando o destino de São Vicente. É que na entrada da Baía, as ondas, que hoje são festa para os surfistas, já quebravam com força e irregularmente, ao sabor dos bancos de areia que acabaram dando o nome ao local de Garganta do Diabo (para os barqueiros) e Porta do Sol (para os surfistas).

Ou seja, como bem relata Frei Gaspar da Madre de Deus, em seus escritos de 1700, a entrada da Baía de São Vicente era instável, perigosa à navegação por causa dos seus bancos de areia, que tornam inúmeros trechos muito rasos e, portanto, fazem a força da gravidade funcionar sob as ondulações, provocando a quebra de ondas que, em dias de mar agitado, podem chegar a três metros de altura e tremenda força. A pouca profundidade da entrada da Baía de São Vicente e seus riscos às embarcações de maior porte e calado acabou por revelar aos navegantes uma outra barra, mais a leste e profunda, que formava um excelente canal navegável que viria a se tornar, mais tarde, o maior Porto da América Latina, porto que deu origem a Santos, cidade que floresceu rapidamente, na mesma proporção que São Vicente decaiu economicamente, apesar de ter sido a Primeira Vila fundada oficialmente no Brasil.

Mais tarde, o Porto de Santos abriu as portas do mundo para o café brasileiro e atraiu intensa atividade econômica que pode ser comprovada hoje na imponência da restaurada Bolsa Oficial do Café, na Rua XV de Novembro, no Centro santista. Depois das estradas de ferro, vieram as estradas de rodagem que ligaram Santos e São Vicente ao pujante Planalto Paulista e ao Interior agrícola. Não demorou muito e os homens de negócio e mercadores que desciam a Serra do Mar descobriram os encantos e as propriedades curativas das praias.

Isso mesmo. As águas do mar, alimentadas pelos nutrientes gerados no imenso complexo de manguezais que circundavam a Ilha de São Vicente, eram repletas de tanino e outras substâncias que combatiam doenças, como o bócio.

Até aí, São Vicente era mais conhecida por abrigar as mansões dos investidores estrangeiros, ingleses, americanos, dinamarqueses, alemães, que preferiam morar ao redor da baía de inigualável beleza cercada de praias repletas de vida marinha e frequentada diariamente por grupos de golfinhos. O cenário idílico e o clima mais ameno por causa da exuberante vegetação dos morros fizeram de São Vicente recanto de privilegiados.

Mas os anos 50 do pós-guerra logo mudariam o cenário da então pacata e bucólica Primeira Vila do Brasil. A construção das primeiras indústrias do maior polo petroquímico do Brasil em Cubatão; a ampliação do Porto de Santos e a descoberta do turismo, que provocou um *boom* imobiliário, deflagraram o processo de migração de mão-de-obra para tocar tantos projetos e atender aos novos rumos da economia regional.

Ganhavam as manchetes os escândalos, as rixas intermináveis e as discussões mesquinhas

Junto com as benesses do progresso e com o surgimento de uma classe produtiva bem remunerada, ocorreu um processo de expansão urbana que logo moldaria o quadro de problemas e desafios que Márcio França recebeu direto no peito, quando assumiu a Prefeitura em 1997.

Oficial de Justiça, advogado e vereador por duas vezes, Márcio França pôde conhecer de perto o drama representado pela formação de 22 favelas junto aos manguezais de São Vicente, onde viviam cerca de 100 mil pessoas, 1/3 da população da Cidade em 1997. Atraídos

pelos empregos criados com a construção das rodovias Anchieta e Imigrantes; a ampliação do Porto; as indústrias de Cubatão e a construção de uma muralha de prédios na orla das praias, milhares de migrantes chegavam à região. Logo descobriam que morar custava muito caro por conta da crescente ocupação da ilha encravada entre a serra e o mar.

Pressionados pelo dilema entre comer ou pagar aluguel, a grande massa de migrantes preferiu se alimentar e ocupar os manguezais, áreas consideradas insalubres antes do despertar da consciência ambiental dos anos 80. O resultado foi a sobrevivência de mais de meio milhão de pessoas e o surgimento de problemas ambientais, de saúde e segurança de proporções alarmantes. São Vicente virou cidade-dormitório - assim como Vicente de Carvalho - de boa parte da mão-de-obra regional.

O esgoto e o lixo gerados por tamanha população eram lançados no estuário e dali às praias. As condições de saúde logo se deterioraram. As ocupações irregulares aterraram mangues, bloquearam cursos d'água e provocaram enormes problemas de drenagem, com as famigeradas enchentes. Mais de 80% das ruas não eram pavimentadas e, como consequência, não havia transporte coletivo eficiente nem serviço de coleta e destinação final adequada do lixo.

No meio da Ilha de São Vicente formou-se o Lixão do Sambaiatuba, que em 1997 tinha 40 mil m², 17 metros de altura de lixo compactado e que recebia, diariamente, 250 toneladas de resíduos sólidos. Cenas dantescas viraram rotina no condenado lixão pelas autoridades ambientais. Animais chafurdavam os restos junto com crianças, que levavam à boca sobras de alimentos ali mesmo. Incêndios se sucediam compondo um quadro quase surrealista de miséria e degradação. Chamado de Serra Pelada do Lixo pelo jornal *Folha de S. Paulo* em matéria de capa, com fotos degradantes, o lixão também representava foco de doenças e exploração do trabalho infantil.

Não havia escolas nem creches para tantas crianças, filhos dos migrantes que iam para o trabalho em ônibus superlotados, pagando a tarifa mais cara do Brasil. A formação de bairros inteiros com submoradias, sem acesso, escolas, saúde e demais serviços básicos logo resultou num quadro de insegurança e palco para o crescimento dos índices de criminalidade. A beleza da Baía de São Vicente ainda estava lá, cercada de prédios e dos poucos casarões que restaram dos tempos áureos, formando uma espécie de casca urbana, mas que já não conseguia mais encobrir a miséria dos bairros sem infraestrutura e muito menos calar a dor de tanta gente que nem sequer sabia que vivia na Primeira Cidade do Brasil. Gente que tinha vergonha de dizer que morava em São Vicente e que, tristemente, se acostumara a ouvir chacotas sobre a “terra de índio” dos gloriosos calungas.

O povo reclamava e era ouvido por políticos tristemente acostumados à condição de coadjuvantes de um processo de negativismo, realimentado diariamente pela constatação óbvia dos problemas que se agigantavam e serviam apenas para a construção, na mídia e na consciência regional, de uma imagem extremamente negativa da Cidade. Não ganhavam notoriedade os temas ligados ao desafio de enfrentar um déficit habitacional de mais de 30 mil moradias; de superar a marca de apenas 17% de área urbanizada servida por rede coletora de esgoto ou de extinguir o vergonhoso Lixão do Sambaiaatuba. Ganhavam as manchetes os escândalos, as rixas políticas intermináveis e as discussões mesquinhas que lembravam o coronelismo rural reeditado numa urbe conflagrada pela miséria.

Cenas que invadiram o cotidiano do jovem Márcio França e o atingiram no coração como uma flecha encantada pelo poder transformador da política. Cenas como a dos irmãos deixados trancados pela mãe numa jaula e alimentados como animais pelas frestas por vizinhos, retratada no jornal em pleno Dia das Crianças. É que também não fizeram creches suficientes na vila fundada por ordem do rei de Portugal desde 22 de janeiro de 1532.



É proibido chorar

No dia 1º de janeiro de 1997, o jornal *A Tribuna* publicava matéria cujo título teve o poder de sintetizar o que seria o lema não apenas dos primeiros dias da transformação de São Vicente, mas de toda uma gestão e até uma filosofia de vida, espécie de mantra, repetido por Márcio França diante dos problemas que enfrenta. “É proibido chorar”, disse o prefeito, diante da tentação de repetir a costumeira estratégia dos governantes que acabam de assumir o poder e encontram nos erros dos que os antecederam a justificativa ideal para pouco realizar no primeiro ano de mandato.

O prefeito que saiu não foi passar o cargo. Márcio subiu as escadas acompanhado da esposa Lúcia e da equipe. Logo nos primeiros minutos de governo veio a bomba número 1: como pagar três meses de salários atrasados do funcionalismo?

Márcio França poderia, naquele momento, apontar as falhas do antecessor, deixando claro que não era o culpado pelo problema. Mas proibiu qualquer declaração dos secretários remetendo ao passado e jogou todo o prestígio de prefeito recém-eleito para, junto aos bancos, conseguir crédito para colocar a folha de salários em dia.

Em meio às constatações dos problemas internos da máquina pública, França logo percebeu que a Primeira Cidade do Brasil só sairia daquele atávico buraco financeiro e psicológico com um violento choque de autoestima. Como levantar o sentimento de amor próprio de uma comunidade?

Um dos caminhos possíveis seria o esporte, que une multidões em torcidas apaixonadas. Mas São Vicente não tinha um time de futebol em condições, é claro, de competir com a vizinha Santos, sede

do time de Pelé, famoso alvinegro praiano, bicampeão do mundo.

São Vicente tinha um trunfo que nunca havia sido aproveitado como deveria: o fato de ser a Primeira Cidade fundada no Brasil, onde nasceu a Nação Brasileira e a Democracia no Novo Mundo.

Mas estes fatos históricos estavam distantes do cotidiano da população, preocupada mesmo em acordar cedo e levar os sapatos em bolsas para calçar depois de atravessar a lama da maior parte das ruas, rotina comum aos mais carentes, separados da orla das praias pela muralha do isolamento causado pela falta de pavimentação. Era tanta lama que as moças tinham vergonha de serem deixadas na porta de suas casas pelos namorados que moravam em áreas com calçamento. Como pode a ausência de acessos causar tamanho *apartheid* social?

O desafio era fazer essa gente trabalhadora e digna sentir orgulho de morar na Cidade onde nasceu o Brasil.

O choque de autoestima, logo percebeu França, tinha que misturar a valorização do maior trunfo da Cidade, que é a sua história, às urgentes obras de infraestrutura que representassem a derrubada desta muralha invisível de isolamento.

Num ritmo de contagem regressiva, em janeiro de 1997, França deu início à abertura de uma grande avenida, que seria chamada de Linha Amarela, ligando a periferia à Praia do Itararé. No outro flanco, determinou a realização da maior Encenação da Fundação da Vila de São Vicente que a região tinha visto.

A Encenação, que começou em 1980, com um grupo de atores abnegados, era uma peça de teatro ao ar livre, realizada na Praia da Biquinha, exato local do desembarque do fundador Martim Afonso. Um esforço quixotesco de gente que teimava em não deixar morrer a memória histórica de São Vicente e do Brasil. Dela participavam atores do povo, recrutados entre pipoqueiros, médicos, garis, estudantes e todos que quisessem, por uma tarde, incorporar marinheiros, índios, fidalgos e grandes vultos da história.

França quis dar grandiosidade ao evento. Montou enorme arquibancada ao redor da arena e contratou atores globais para representar os papéis principais, além de convocar 800 atores da comunidade. Mandou filmar tudo, fez grande divulgação e trouxe a mídia do País para cobrir o espetáculo. De repente, aqueles atores do povo, antes assistidos apenas por amigos e parentes, estavam em rede nacional, aparecendo nas telas das redes de TV. Viraram estrelas. Eram reconhecidos.

Os pipoqueiros, garis e médicos atuavam ao lado de Ney Latorraca. Era o começo da virada.

A história da Fundação de São Vicente, restrita aos livros escolares, estava agora ao alcance de todos os brasileiros. Os pipoqueiros, garis e médicos atuavam ao lado de Ney Latorraca. Se segura Latorraca, porque nossa autoestima foi lá para cima. Ainda pisávamos na lama, mas de cabeça erguida. Era o começo da virada.

Nessa mesma linha do resgate pela cultura, França promoveu um festival de cinema; lançou a réplica da primeira moeda do País; publicou, em parceria com o jornal *A Tribuna*, fascículos sobre a história de São Vicente e sobre a culinária da Cidade; realizou o Lusocom (congresso de países de língua portuguesa); fez São Vicente ser ala da Escola Beija-Flor no Carnaval do Rio de Janeiro e na Camisa Verde e Branco, em São Paulo, entre outras ações do gênero.

Fica a lição: qualquer prefeito, para fazer sucesso, precisa, além de atacar as necessidades mais urgentes da população nas áreas de saúde, educação, infraestrutura, valorizar a autoestima da população. Cada cidade, por mais distante que seja dos grandes centros, tem uma característica própria, que

a identifica, que faz seu povo se orgulhar pelo menos um pouco do lugar onde vive.

Se não tiver, o prefeito tem que inventar. Isso mesmo. Deve criar uma marca, um atrativo, um evento, uma festa típica, um festival de música, investir num time de futebol, seja lá o que for para levantar a autoestima dos seus cidadãos. Caso contrário, por mais que faça em termos de obras e serviços, sua gestão passará em branco por não ter mexido na característica mais importante do ser humano, embora impalpável fisicamente, que é a autoconfiança, o amor próprio. Trata-se de um sentimento que provoca a superação diante das dificuldades. Muita gente não dá a importância que o futebol e o Carnaval tiveram na formação da consciência nacional, mas certamente ajudaram a forjar a alegria e o espírito de luta do brasileiro.

Mas daí a Márcio França resolver problemas seculares de saneamento, lixo, falta de acessos, seria outra coisa. Sem dinheiro, com um orçamento, em 1997, de R\$ 60 milhões, quase todo comprometido com a folha de salário, da ordem de R\$ 50 milhões/ano, o prefeito não teria recursos para, por exemplo, pavimentar toda a Cidade, principalmente favelas, cujos moradores sequer pagavam impostos.

São Vicente tinha outra São Vicente.

Uma era a registrada na Prefeitura, com cerca de 200 mil habitantes que pagavam IPTU (com uma inadimplência de 40%) e residiam em loteamentos aprovados, embora sem saneamento, drenagem e asfalto.

Outra era uma cidade formada por 22 favelas, com 100 mil moradores, que surgiram em áreas invadidas da União, do Estado e também do Município. Nesta cidade informal ninguém pagava imposto, taxa de lixo e a luz era puxada em rabichos. Quando muito, alguém pagava a tarifa social subsidiada pelos contribuintes estaduais.

Ou seja, vigorava um sistema pelo qual não se exigia nada e tam-

bém nada se provia. Apenas nas eleições, ou para gerar matérias comoventes na mídia, os favelados eram procurados. Alguns tentavam comprar votos com comida e outros provocavam comoção entre as classes A e B, cujos membros ouviam falar da México-70 ou do Quarentenário apenas porque suas empregadas moravam por lá e a condução era mais cara.



Impostos para todos

Pelo espetáculo da Encenação - para os que foram assistir à peça ao ar livre ou a viram pela TV - e pela abertura da Linha Amarela - para os que passaram a atingir a Praia do Itararé direto da Rodovia dos Imigrantes – deu para notar que alguma coisa havia acontecido de diferente em São Vicente. Na verdade, até os que não viram a Encenação ou nunca utilizaram a Linha Amarela, ouviram alguma coisa. Isso porque nunca na virada de ano, até 1997, soltaram tantos fogos nem se festejou o Ano Novo com shows e artistas famosos na areia da praia. O homem era do barulho mesmo. E que barulho.

Os que queriam silêncio se perguntavam por que gastar dinheiro com fogos ou com cantores famosos como Netinho? Entenderiam no verão seguinte, quando a Cidade recebeu o dobro de turistas para o *réveillon* e comerciantes e ambulantes ganharam mais dinheiro, o que aqueceu a economia da Cidade.

Mas ao abrir a Linha Amarela, Márcio França talvez nem soubesse que mataria vários coelhos com uma só cajadada. O que ele fez ali não foi nenhum arroubo de criatividade. Afinal, já se falava em aproveitar a lateral dos trilhos que cortavam a Cidade para criar um corredor expresso, ligando a orla aos bairros periféricos. O que ninguém nunca teve antes foi peito para abrir passagens de nível, criar mão-dupla onde era sentido único e levar trânsito intenso onde os moradores curtiam mesmo era a tranquilidade e queriam que seus filhos continuassem jogando bola na rua.

Contra alguns que reclamavam e sem o apoio declarado da maioria silenciosa, França abriu a Linha Amarela. De repente, trechos bucólicos como as avenidas Marechal Deodoro e Martins Fontes foram

tomados por carros nos dois sentidos. De repente, também, os motoristas deixaram de cruzar o Centro para se dirigir dos bairros às praias, desfazendo assim o nó górdio representado pelo até então insolúvel trânsito no Centro da Primeira Vila, formado, obviamente, por ruas estreitas, já que fora projetado no tempo das carroças e cavalos e não dos carros, caminhões e ônibus.

Porém, mais que terminar com os congestionamentos no Centro, a Linha Amarela teve o mérito de estreitar a relação periferia/áreas nobres. Ir aos bairros já não era tão difícil e, aos poucos, alguns investidores ousaram conhecer o mundo do outro lado da Ilha de São Vicente. E viram que dava para ganhar dinheiro com tanta gente.

O fato simbólico, e, ainda mais importante, que resultou da abertura da Linha Amarela, foi França mostrar que não temia mesmo obstáculos. Passou por cima de interesses imobiliários; de hábitos arraigados de trânsito, e mandou o recado aos empresários da Cidade e região: venham conhecer nossos bairros e venham também me conhecer porque não tenho medo de fazer algumas “loucuras”.

Foi, na verdade, uma enorme parceria com mais de 100 mil munícipes, feita casa a casa, reunião a reunião

Mas loucura mesmo viria a seguir.

Se a Linha Amarela fez tanto sucesso, o prefeito viu logo que precisava levar acesso a toda a Cidade, àquela gente que sofria do isolamento provocado pela lama, pelos buracos, o nada sutil *apartheid* social.

Porém para pavimentar 80% de São Vicente viu que gastaria, em 1997, pelo menos três vezes o orçamento municipal.

Santos, ao lado, tinha uma fábrica de asfalto. São Vicente teria que comprá-lo e não tinha equipamento, máquinas e caminhões para tamanha obra. Sem dinheiro, sem mão-de-obra e equipamento,

poderia adiar o desafio enquanto tentasse melhorar a arrecadação nos próximos anos.

No entanto, França sabia que tudo em São Vicente era urgente. Afinal, começava a governar a cidade mais antiga do Brasil, que já tinha esperado 465 anos por infraestrutura. E como resolveu adotar o estilo contagem regressiva no seu governo, fez o que nenhum político que depende de votos teria coragem: resolveu cobrar dos moradores para asfaltar suas ruas.

Chamou as empreiteiras, lideranças, vereadores, secretários e deu o recado: “Ofereçam o metro quadrado mais barato de asfalto que puderem para fazer a pavimentação. Com a adesão de 80% dos moradores de uma rua, dividam o custo entre eles, enviem os carnês, que a Prefeitura dá a garantia de pagamento à empresa que quiser fazer o serviço”.

Muitos duvidaram que os moradores dos bairros pobres, sem pavimentação, pagariam para o asfalto passar diante de suas casas, principalmente depois que alguns opositoristas deram entrada no Ministério Público com as primeiras representações contra a medida.

Mas, aos poucos, moradores começaram a aderir e ruas por onde nem cavalos conseguiam passar apareciam asfaltadas, como uma miragem para quem conhecia aqueles bairros há anos. Obras feitas com dinheiro dos moradores, que pagavam parceladamente em 10, 12 ou até 24 meses. Logo o chamado Plano Comunitário de Melhorias, aprovado pela Câmara e baseado em preceito constitucional, virou uma febre. Enquanto opositores criticavam, a população aderiu.

Foram 200 quilômetros de ruas pavimentadas em cinco anos. A adesão e pontualidade dos munícipes, justamente os mais pobres, surpreenderam. Márcio França entrou com o aval, com seu prestígio junto às lideranças e com a coragem.

As empreiteiras que apostaram na “loucura” do prefeito receberam pelo serviço, geraram empregos e movimentaram a

economia regional. Decisões judiciais posteriores reconheceram o sistema legal.

Foi, na verdade, uma enorme parceria com mais de 100 mil munícipes, feita casa a casa, reunião a reunião. Uma reforma urbana simultânea, feita coletivamente, mas com recursos individuais. O resultado foi a rápida valorização dos imóveis situados em ruas que se tornaram acessíveis.

Os namorados já podiam buscar suas garotas em casa. Mais um ponto para a recuperação da autoestima dos vicentinos.

Márcio França não pensou duas vezes em adotar outra iniciativa do gênero.

Eis o problema: 1/3 da população morava em 22 favelas, não pagava impostos nem taxa de lixo e, portanto, não tinha uma coleta regular e eficiente. O lixo de 100 mil pessoas ia para os mangues e canais, causando enchentes e poluindo as praias, com consequências danosas para a saúde pública, turismo e a economia da Cidade.

Eis a solução: cobrar taxa de lixo de todas as moradias das favelas e fazer o serviço de coleta. Para isso, era preciso enfrentar uma cultura arraigada de que, por serem carentes e ocuparem áreas invadidas, os habitantes desses núcleos nada podiam pagar de impostos ou taxas. Márcio França enfrentou o que parecia politicamente incorreto e lançou taxas em todos os barracos, da ordem de R\$ 10,00 para cada um. Lançou e mandou cobrar.

Choveram críticas, principalmente dos que não moravam em favelas. O prefeito foi à Imprensa e disse que cobrava mesmo, que os habitantes daqueles núcleos também eram cidadãos e se os outros pagavam eles também poderiam, de alguma forma, contribuir para um serviço que passariam a desfrutar. Vieram as representações, as queixas e alguns protestos. Logo quase todos estavam pagando. Moradores das próprias favelas viraram coletores, ganharam emprego e o lixo não foi mais para os canais e mangues.

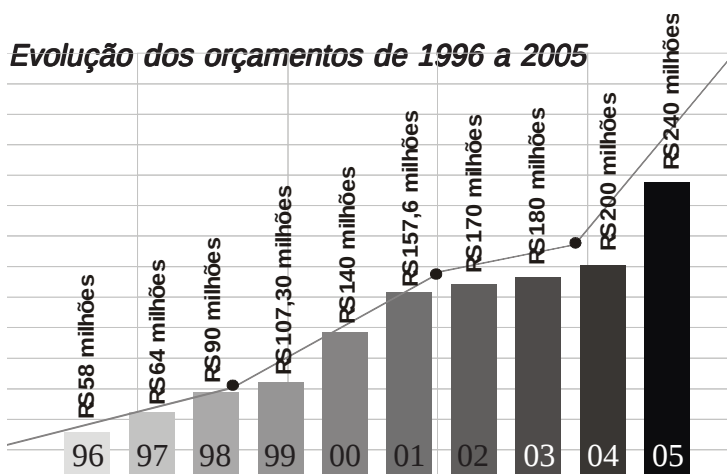
Márcio ficou surpreso, mesmo, quando foi procurado por

lideranças de uma favela reivindicando a cobrança da taxa de lixo porque queriam o serviço por lá e ainda não haviam recebido os carnês.

O fato virou notícia na edição de 12 de setembro de 1999 do jornal *Diário Popular*, página 4, sob o título “Comunidade pede para pagar impostos”.

Com sacrifício, mas espírito de cidadania, os moradores das favelas, a exemplo dos que viviam nas ruas sem asfalto, deram sua contribuição. Outra ação coletiva, à primeira vista aparentemente dura (cobrar impostos dos mais pobres), que resultou da participação individual de cada morador.

Fica a lição: É preciso não ter medo de convocar o povo para tarefas que o prefeito não pode fazer sozinho. Esta atitude é baseada também na completa informação sobre os fatos. Não havia dinheiro, as obras e ações eram urgentes, inadiáveis, e só poderiam ser feitas se todos colaborassem com o que pudessem. Quando tudo parece impossível, lança-se mão do maior patrimônio do administrador eleito pelo voto popular, que é a confiança, a credibilidade, algo tão palpável quanto os 200 quilômetros de ruas asfaltadas em São Vicente ou as 100 toneladas/dia de lixo recolhidas nas favelas.





Vinde a mim os empresários: parcerias viram febre em SV

As ruas asfaltadas e a Linha Amarela, aos poucos, permitiram que trechos periféricos até então pouco conhecidos por moradores de Santos e mesmo da Capital, passassem a ser visitados. Dava para chegar fácil a bairros antes pouco acessíveis, como Vila Margarida, Jóquei, Cidade Náutica, Parque São Vicente, Catiapoã, Vila Fátima e a imensa região continental. Dos 146 km² de São Vicente, 117 km² estão na área continental, 11 km² são de rios navegáveis e 18 km² estão na parte insular.

Muitos empresários viram que havia terrenos e potencial para investimento nessas áreas recém-abertas. Márcio França, que costuma saber até se um carro diferente passa em determinada rua de um bairro, graças ao seu sistema de administrações regionais (explicado mais adiante), percebeu que tinha investidor sondando os bairros. Resolveu então dar uma tacada de impacto.

Antes da padronização do Imposto sobre Serviços (ISS) em todo o País, o prefeito reduziu a alíquota de 5% para 1%. A resposta foi imediata: São Vicente recebeu, em poucos meses, 3.177 novas empresas, estimuladas pela vantagem econômica e pelo mercado que se abria.

A redução do imposto representou um aumento da arrecadação e a geração de empregos. São Vicente ganhou manchete de página no jornal *Valor Econômico* e um novo olhar por parte dos investidores.

Para se ter uma idéia, em 1998, São Vicente arrecadou R\$ 2,58 milhões em ISS. Já em 2001, os cofres registraram a entrada de R\$ 8,17 milhões do mesmo imposto, mais que o triplo.

“Só tenho pena de não ter vindo para cá antes”, disse à época o empresário Carlos Lamberti, do setor de Óticas, empolgado com a expansão do comércio na Cidade. A filial das Casas Bahia em São Vicente é a segunda em faturamento do País.

O prefeito começou a receber em seu gabinete empresários de todos os setores. França simplesmente não deixava escapar um sem convencê-lo a iniciar um projeto na Cidade. Dizia logo que predominavam as classes C, D e E, deixando claro que eram formadas pelos melhores pagadores de prestações, com maior expectativa de consumo e pouco hábito de poupar. Afinal, seus integrantes têm necessidade urgente de viver.

Para tocar os empreendimentos após cada audiência, criou a Secretaria de Projetos Especiais, com engenheiros e arquitetos que faziam qualquer negócio, desde que honesto e legal, para segurar o investidor.

Nesta iniciativa, como sempre nos oito anos de mandato, a parceria da Câmara foi essencial. Baseados na Lei do Solo Criado, que autorizava alterações nas posturas municipais e concessões de áreas públicas, desde que houvesse contrapartida social dos investidores, Márcio França e os vereadores fizeram muita gente se espantar com os empreendimentos que atraíram.

Todo mundo fala que é preciso aquecer a economia, gerar empregos e, assim, justiça social e blá, blá, blá. Mas, mesmo em períodos de recessão, quando um empresário quer instalar um posto de gasolina ou um *fast food* em local pouco convencional, não faltam advogados para mover ações contra o empreendimento.

Foi o que Márcio França enfrentou para trazer dinheiro para São Vicente. “Tudo foi com sangue”, comenta o prefeito quando passa, por exemplo, pela Praia do Itararé e vê o teleférico funcionando e um posto de gasolina no canteiro central da avenida da mesma praia.

A Câmara aprovou e o posto recebeu autorização da Prefeitura para ser instalado no canteiro central da avenida, com a contrapartida

de R\$ 820 mil para serem aplicados na Praia do Itararé. O dinheiro permitiu que uma área de 150 mil m², situada entre a faixa de areia e a avenida, aforada ao Município desde a década de 40, recebesse redes de água, esgoto, iluminação e drenagem.

Assim, foi possível retirar antigos trêileres de lanche que funcionavam sem higiene e energia elétrica e substituí-los por quiosques padronizados. Foi o primeiro passo para a urbanização da orla da praia de 1.800 metros, que conta com calçadão, pista de pouso para praticantes de voo-livre, 46 quiosques, quadra de futebol. Os empresários que implantaram o posto enfrentaram e venceram ação judicial contra o empreendimento. Não se arrependem: passam mais de 40 mil veículos/dia pela avenida da orla.

Luta mais difícil foi para viabilizar o teleférico turístico. Os empresários mineiros levaram dois anos para atender às exigências das autoridades ambientais e do Ministério Público. Depois de plantarem 3 mil mudas de árvores nativas, instalarem um recinto para educação ambiental e de enfrentarem uma pane, os empresários conseguiram botar o equipamento para funcionar. Hoje, turistas do Brasil e do exterior curtem a subida de 180 metros em meio ao verde e a paisagem de toda a Baixada do alto do morro, de onde também saltam os praticantes de voo-livre.

A mesma saída legal foi encontrada para salvar o casarão histórico onde morou o fundador Martim Afonso. O imóvel estava em terreno particular e seria demolido para a construção de um prédio de apartamentos. A Cidade, que não soube preservar seu patrimônio, perderia um dos últimos. Márcio França chamou os construtores e perguntou se, no mesmo espaço, queriam construir o dobro de apartamentos. Mas o Código de Obras não permitia, argumentaram.

A parceria Câmara/Prefeitura resolveria a questão do Código de Obras se a contrapartida dos empresários fosse manter o casarão, restaurá-lo e transformá-lo num museu.

Negócio fechado e aprovado legalmente. São Vicente ganhou

uma nova atração turística. A Casa Martim Afonso, na Praça 22 de Janeiro, virou aula viva de história.

Um novo Centro

Parcerias do gênero sucederam-se e permitiram a reurbanização, por exemplo, de todo o Centro da Cidade, um investimento de R\$ 300 mil. A Rua Martim Afonso, ponto comercial mais valorizado da Baixada, assim como a Praça Barão do Rio Branco, receberam calçamento mais largo e uma cobertura de policarbonato que trouxeram mais conforto aos pedestres.

O dinheiro veio de uma rede mundial de *fast food* em troca da autorização, por uso temporário, de espaço na Praça Coronel Lopes, que gerou 40 empregos. Os comerciantes do Centro também investiram na reurbanização. Mais de 50 mil pessoas passam todos os dias pelo Centro e desfrutam das melhorias. O prefeito aproveitou outra parceria para criar o Via-Card, um cartão de crédito para os cerca de 5 mil funcionários municipais, que podem gastar até 40% do salário mensal no comércio e prestadores de serviço da Cidade, com prazo de até 45 dias, sem juros, quitando o débito total por meio de desconto na folha de pagamento.

Na Cidade Náutica, uma avenida foi pavimentada, a Paulo Horneaux de Moura, por uma empresa que recebeu autorização para construir conjunto de apartamentos em antigo terreno de sua propriedade. A avenida liga a Rodovia dos Imigrantes à orla do estuário, que permite magnífica vista do Canal dos Barreiros. A ação estratégica abriu para o turismo um trecho até então esquecido, apesar de sua beleza e potencial ecológico e náutico. A Avenida Eduardo Dias Coelho, que acompanha a orla do estuário, virou área de lazer com quadras poliesportivas, bancos e jardins. As parcerias acabaram virando mania em São Vicente. O jornal *A Tribuna*, em 6 de junho de 1999, estampava a manchete “SV gera novo orçamento com parcerias”, mostrando que haviam sido firmadas 142 parcerias com um investimento de R\$ 116,6 milhões, o que

superou o orçamento em vigor daquele ano, que foi de R\$ 107 milhões.

A febre das parcerias não parou. A orla da Praia do Gonzaguinha foi recuperada, ganhou *decks* de madeira, bancos, coqueiros e novos quiosques em lugar dos trêileres improvisados. Uma empresa investiu R\$ 305 mil em troca de explorar publicidade.

Um cinema em terceira dimensão e um auditório foram edificados no Parque Ipupiara, destinados a proporcionar cultura e lazer à população, ao custo de R\$ 300 mil. Quem bancou a obra? Uma empresa de construção civil que obteve autorização legal para aumentar a área de um empreendimento no Gonzaguinha, na esquina das ruas João Ramalho e Cândido Rodrigues.

Outra parceria permitiu a restauração da Casa do Barão, um imóvel histórico, no Centro, que abriga o Instituto Histórico e Geográfico, o Museu Geral e a Biblioteca Municipal. O empresário Armênio Mendes, que comprou dois imensos terrenos para construir um shopping nas proximidades, temia não poder concluir o projeto porque uma rua separava as duas áreas. A rua ainda separa. Mas o prefeito autorizou, com apoio da Câmara, a construção de uma passagem sobre a rua unindo os dois terrenos. O empresário investiu R\$ 130 mil no museu e, o casarão, que ameaçava desabar, foi salvo. O prefeito Márcio França, além de fazer muita política, conversou bastante com empresários, revelando seu talento para vendas. Mesmo de forma pouco convencional e sendo alvo constante de polêmicas e questionamentos judiciais, conseguiu vender o potencial de uma Cidade para novos investimentos. Gerou empregos e renda. Gerou dignidade e autoestima.

Mas tamanha flexibilidade e jogo de cintura só foram possíveis porque vigora em São Vicente um pacto político inédito até 1997. Não dá para seguir mostrando os lances da Administração Márcio França sem explicar este compromisso. Como costurar tal pacto e, mais ainda, manter o governo operando? O maior desafio de qualquer governante é conquistar e preservar apoios. Qual o segredo deste pacto, constantemente criticado por políticos e jornalistas?



O grande pacto

A Cidade Berço da Democracia nas Américas, mesmo antes da construção da Casa de Câmara e Conselho - onde os “homens de bem” votavam o destino da Primeira Vila -, já experimentou a força do entendimento. Foi quando, logo no desembarque de Martim Afonso, armou-se uma batalha entre índios e brancos, que certamente daria início a um clima de confronto que teria tudo para prejudicar a fundação da vila pretendida pela expedição colonizadora.

Coube a João Ramalho, que já vivia entre os índios, interferir e assim evitar a batalha. Atuando como mediador entre duas culturas, dois mundos diferentes que ele experimentara, conseguiu estabelecer a paz.

Mas aquele instante de João Ramalho, sempre lembrado no espetáculo da Encenação, foi muito pouco reproduzido nos séculos seguintes da história de São Vicente. Os vereadores e prefeitos, via de regra, viviam às turras. Consumiam-se através de denúncias, desmandos, comissões de inquérito.

As “forças vivas” da Cidade comentavam, durante jantares ou em cafés, que já estava na hora de Prefeitura e Câmara se entenderem, se ajudarem, fazerem mesmo um pacto, envolvendo também todas as entidades de bairro e de classe, profissionais liberais, enfim, toda São Vicente, como num sonho de reconstrução.

Márcio França viveu dois mandatos como vereador, aprendendo e tentando entender porque o pacto não vingava. Havia uma predisposição atávica, quase reflexiva, para o confronto, para a falta de entendimento. Vereadores chegaram a trocar sopapos durante as sessões. Eram cercados pela população, xingados. Em vez de

sentirem alguma vergonha, cultivavam prazer em colecionar histórias cômicas e trágicas sobre a classe política à qual pertenciam. Riam de si próprios.

A Câmara mais antiga das Américas, por exemplo, tinha sido palco de atos patéticos que destruíram documentos históricos valiosíssimos. Um deles, durante um Carnaval, quando um funcionário do Legislativo, sem papel para recheiar rojões, usou documentos do período da fundação da Primeira Vila. Outro foi protagonizado por servidor que, por causa de uma dor-de-cotovelo, ateou fogo aos papéis em protesto pela desatenção da mulher amada.

Não faltaram histórias cômicas, como a do vereador que cedia o telefone do Legislativo para o pasteleiro chinês da esquina fazer ligações intermináveis para o outro lado do planeta, gerando contas astronômicas, pagas pelos contribuintes. Ou a do vereador que usou carro oficial para advogar em cidade vizinha e teve o veículo roubado. Sem contar as viagens dos edis para participar em congressos aos quais não compareciam mesmo recebendo diárias elevadas. A Cidade parecia acostumada com notícias do tipo, envolvendo a classe política, como se estivesse viciada em consumir folhetins com tanto tempero e desmandos.

A maledicência predominava. Nenhum prefeito conseguiria governar caso não quebrasse este negativo círculo vicioso. Aproveitando a saturação geral, Márcio França, após dois mandatos legislativos de muita aprendizagem, deu início à sua campanha para prefeito promovendo as bases para uma grande aliança, perseguindo mesmo o impossível sonho do pacto vicentino.

Sofrendo na carne graves acusações, que machucaram muito a própria família e contrariando a vontade do pai, que preferia que ele seguisse a carreira médica, Márcio França se elegeu prefeito. Tinha tudo para retaliar aqueles que tanto o agrediram. Mas, se assim agisse, a luta teria sido em vão.

O primeiro passo foi chamar a Câmara para governar junto. O

prefeito teve o cuidado de dividir com os vereadores eleitos a sensação de urgência que tomava conta de São Vicente. Ou deixavam de lado todas as diferenças do passado ou não seria possível atender a população resolvendo problemas acumulados há séculos. Discordar seria natural, debater mais ainda. O que não dava para permitir é que os debates virassem motivo para a paralisação administrativa e para dar continuidade ao até então interminável processo de desgaste da imagem da classe política e, conseqüentemente, da Primeira Cidade do Brasil.

Somente por dentro do poder é possível entender o que este pacto representou para o processo de resgate da Cidade. E também somente ali, junto do prefeito, foi possível constatar que as conversas com os vereadores consumiram mais de 60% do tempo dos oito anos das duas gestões de Márcio França. Isso representa quatro anos e meio de conversas ininterruptas!

E Márcio fez isso com prazer, consciente da importância do entendimento, mesmo que tenha recebido críticas, o governo inteiro, por parte dos colunistas de política, no sentido de que “tinha a Câmara na mão” ou que “em São Vicente não havia independência entre os poderes”. Certa feita, durante a visita de uma delegação japonesa a São Vicente, a mais alta autoridade nipônica reclamou com o prefeito: “Vocês colocaram na minha agenda visita ao comandante militar, ao diretor do Fórum. Tudo bem, eles são importantes, mas no Japão preferimos visitar as autoridades eleitas pelo voto popular. Estas, sim, são as mais importantes”.

O prefeito então aproveitou a história para mostrar que não era uma mania exclusivamente sua a de dar sempre prioridade aos detentores do mandato popular. Virou mesmo uma máxima da sua gestão até perguntar para aqueles que reclamavam terem que esperar horas enquanto o prefeito atendia um vereador: “Você tem voto? Não. Então espera”.

E para aqueles que acreditavam que não havia independência

entre os poderes bastavam alguns minutos nas antessalas do gabinete para perceber quanta autonomia têm os vereadores. Os debates eram inflamados e não faltavam gritos de ambos os lados. Gritos e argumentos. Márcio se revelou o mestre dos argumentos. Fazia retrospectivas culturais, históricas, humanísticas, eleitorais em conversas intermináveis para desespero, por exemplo, do seu chefe-de-gabinete, Cláudio Figo, que vez ou outra adentrava com papéis para serem assinados e, não raro, era convidado a sair - gentilmente ou não - pelo prefeito. É claro que refletia a bronca aos subalternos e secretários, criando assim fama de mal-humorado. Mas Figo cumpriu uma das missões mais difíceis e importantes do Governo. A de dizer não e de fazer a máquina andar no ritmo do prefeito.

Como só Deus governa sozinho, Márcio fez de cada vereador parceiro da sua gestão, colhendo os louros e também as críticas. Uma das atitudes que mais causaram polêmica foi a de permitir que os vereadores indicassem os administradores das regionais dos bairros.

Sua lógica: vereadores foram eleitos para representar os moradores dos bairros, que queriam resultados. Ora, se os administradores indicados pelos vereadores não forem bons para os eleitores, ou seja, se não atenderem suas reivindicações, não serão reeleitos. Assim, os vereadores vão se esforçar para que os indicados atuem bem. Caso contrário, os substituirão antes que prejudiquem seus futuros desempenhos eleitorais.

O prefeito assim deflagrou uma competição entre as 34 regionais. Cada uma queria fazer mais, mesmo tendo poucos recursos. Então encontrou outra solução: cada regional fiscalizaria a evasão de impostos e trataria de regularizar os imóveis e obras clandestinas. Tudo o que conseguissem arrecadar a mais poderiam investir no próprio bairro. Deu assim início a uma corrida pelas legalizações que resultou em aumento da arrecadação.

Para não perder o controle do processo e ainda atender melhor os pedidos dos bairros, criou a Secretaria das Administrações Regionais,

que centralizou as compras de equipamentos e materiais, de forma a garantir o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal. Setores da Imprensa acusaram o prefeito de dividir a máquina pública com a Câmara, de desvirtuar o papel do Legislativo, que passou de fiscalizador a executor de obras. Em resposta, o prefeito simplesmente disse que era isso mesmo. Que era parceiro da Câmara e que os vereadores têm, sim, em São Vicente, o direito de sugerir e também realizar as políticas públicas.

Quando determinado vereador cobrava uma atuação mais forte em determinada região ou setor, o prefeito lhe dava a oportunidade de ocupar uma secretaria específica, enquanto o suplente assumia seu mandato, e assim ter a oportunidade de fazer, ele próprio, o que estava reivindicando. Algo do tipo: então faça você mesmo. E muitos aceitaram o desafio, viram como tantas vezes é complexo fazer a máquina andar, e se saíram bem, a ponto de preferirem permanecer mais tempo na função executiva que na legislativa.

Polêmico, contestável. Mas Márcio França mandava seguir adiante, mesmo tendo que responder procedimentos do Ministério Público para explicar seus métodos. A relação com os vereadores foi tão estreita que, muitas vezes, no meio do expediente, quando algum tema ou projeto não ficava bem claro, o prefeito saía do seu Gabinete direto para a Câmara a fim de conversar com os vereadores horas seguidas.

Qualquer audiência entre o prefeito e vereador em São Vicente, nos oito anos da gestão Márcio França, não terminava antes de três horas de conversa. Muitas se estenderam por seis a oito horas, quase sem interrupções. Márcio sabe ouvir e também falar. Este é, sem dúvida, seu maior talento. A disposição interminável para o entendimento. Um maratonista da conversa e em descobrir e aproveitar o talento de cada um.

Uma audiência com França equivale a uma sessão intensa de psicanálise. As pessoas de diferentes formações e classes sociais

geralmente saem com enorme ar de satisfação, como que encantadas, levitando. Tanta atividade deixa França muitas vezes exausto por causa de sua enxaqueca crônica. Um copo de água e logo começa outra audiência, que pode durar horas, entrar pela noite, deixando perplexos os vigilantes da Prefeitura que viam, noite adentro, a luz de seu gabinete acesa.

Os resultados são impressionantes: em oito anos nenhum projeto do prefeito foi rejeitado; nenhum veto derrubado. E mais: foram quatro eleições da Mesa da Câmara, todas decididas em votações unânimes.

Mas a Imprensa sentia falta das comissões especiais de inquérito, das denúncias, daquelas rixas políticas que sempre esquentam a cobertura. Prefeito e vereadores, entretanto, não abriram mão do grande pacto, mesmo quando notinhas condenavam a pretensa unanimidade. Pretensa porque não existia. Os debates aconteciam, mas no ritmo da urgência que os problemas demandavam. Um projeto era encaminhado pela manhã, causava polêmica, provocava uma reunião e, à noite, via de regra, as arestas já estavam aparadas para a votação.

Até o processo sucessório não escapou do consenso entre Câmara e Prefeitura. Certa feita, exaustos, França e familiares viajaram num feriadão para descansar. Foram a Manaus (AM) e adiaram uma reunião para escolher seu sucessor, já que atravessava o segundo mandato e não cabia mais reeleição. Esqueceram de avisar os vereadores, que, indignados, foram à Imprensa reclamar de uma possível quebra do pacto. Na volta, o prefeito teve que ouvir muitas queixas e deixar claro que o candidato seria um nome de consenso entre Legislativo e Executivo. E assim aconteceu, com a indicação do engenheiro Tércio Garcia para dar continuidade ao grande pacto.

Filiado somente a um partido, o PSB, o prefeito também surpreendeu aqueles que apostaram que ele não sobreviveria à salada ideológica do grande pacto, em que convivem partidos de

esquerda, centro e direita.

Manter o pacto custou caro? França foi obrigado a tolerar demais a interferência do Legislativo? Ele responde que não teve preço resgatar a autoestima da população. Sem a Câmara ao lado não teria governado. Na verdade, sua maior tarefa foi a de promover o entendimento. Talvez este o maior desafio, não do prefeito de São Vicente, mas de qualquer liderança que queira levar seus projetos adiante.



O amigão boca-dura

Em dois anos de governo, Márcio França já tinha *aprontado* tanto que sua irreverência e ousadia passaram a ser acompanhadas por um santista boca-dura que, por sinal, era o governador do Estado de São Paulo, o tucano Mário Covas Júnior. O prefeito de São Vicente não era do PSDB, jamais tinha militado ao lado de Covas e poucas vezes tivera a oportunidade de conversar a sós com o governador do Estado mais poderoso do País.

Mas o fato é que houve um encantamento entre os dois. França já era fã de Covas desde adolescente. Até aí nada de mais. O negócio é que Covas virou fã de Márcio. E aí ninguém tirava da cabeça do governador que o prefeito de São Vicente se parecia com ele no início de carreira. “Esse menino é peitudo mesmo. Faz lembrar meu início na política”, confidenciou o governador a Dona Lila, que também virou fã de Márcio França. E agora? Quem aguenta um prefeito arrojado com um governador que gosta do seu estilo?

Sem procurar abusar da graça alcançada, França fez lá suas reivindicações. Falou para o governador que nada adiantava Santos ter 99% da área urbana saneada se, na mesma ilha, São Vicente, a Primeira Cidade do Brasil (que paradoxo!) tinha só 17%. O fato é que o cocô não obedece a limites administrativos. Se os dejetos são lançados *in natura* no mar sem tratamento e as correntes os carregam para a praia de uma cidade 99% saneada, não há como impedir a contaminação regional. Mas a vaidade e a burocracia dos políticos limitaram, por séculos, os investimentos regionais em saneamento.

Covas quis acabar com tamanha burrice e investiu como nunca em saneamento em São Vicente. Em dois anos e meio, a Cidade

saltou de 17% para 80% da malha urbana servida por rede coletora de esgoto. O duro é que muita rua asfaltada pelo Plano Comunitário (aquele que os moradores pagavam) teve que ser esburacada novamente. E mesmo diante dos serviços que representavam melhoria em saúde e valorização dos imóveis muita gente reclamava do imenso canteiro de obras. Mas tanta empreiteira atuando também gerava emprego. A Cidade estava tão acostumada a não ter saneamento que a saída da tubulação das águas servidas das casas ficava nos fundos, resquício da antiga “casinha” do tempo da vovó. E a rede de esgoto passava na frente, o que obrigou várias pessoas a quebrar o piso para passar tubulação até a rua. Mais gasto com pedreiro e encanador. Os pedreiros e encanadores gostaram.

Nas suas idas ao Palácio dos Bandeirantes, Márcio França percebeu que muito prefeito não conseguia recursos porque não levava projetos. Mandou então fazer projeto para tudo o que faltava na Cidade, com estimativa de custos e mais detalhes. Jogou todos no porta-malas do carro oficial e mandou o motorista Sérgio Santana, o Serginho, não tirá-los de lá, nem para lavar o carro, que deixasse o porta-malas sujo mesmo. Subia a Serra para as audiências com os secretários com mil e uma opções. Se uma não dava, porque custava muito, apresentava outra e assim por diante, até conseguir alguma coisa.

Já conhecia pelo nome porteiros, secretárias, jardineiros, chefes-de-gabinete de todas as secretarias de Estado. E o motorista Serginho, então, virou o maior catálogo de telefones memorizados da história de São Vicente, constantemente sabatinado pelo prefeito.

Certa vez, na Associação dos Engenheiros, em Santos, quando o governador tratava das obras complementares da Duplicação da Imigrantes, o prefeito pediu um viaduto para ligar o Parque Bitaru à Vila Margarida, sobre a rodovia, num local conhecido pelos acidentes.

Covas disse que não tinha recursos e que um viaduto custaria, no mínimo, R\$ 5 milhões. Márcio França rebateu: “Me dá R\$ 1 milhão

que eu faço”. Covas: “Duvido. Mesmo assim, me faz um projeto”. Na semana seguinte, França estava no Palácio com projeto de um viaduto de R\$ 1,5 milhão. Covas disse: “Não falei que com R\$ 1 milhão não dava ?” França, de pronto, emendou: “Ainda está dentro do primeiro milhão, não chegou a dois”. Covas então decidiu: “Vou liberar e quero só ver se você faz”. Márcio França fez - é claro que sem rotatórias, mas com um anel de acesso à Imigrantes - e batizou a obra de Elevado Mário Covas, uma homenagem ao pai do governador Mário Covas Júnior. O governador Covas prestigiou a inauguração.

No dia 26 de junho de 1999, sobre o viaduto feito com R\$ 1,5 milhão, França atacou de novo e se deu bem. Além dos R\$ 3,52 milhões para obras de urbanização da Favela México-70, conseguiu R\$ 800 mil para fazer um trevo na saída da Ponte Esmeraldo Tarquínio e pediu outros R\$ 2 milhões para a construção de um Centro de Convenções e Pavilhão de Exposições.

***“Não tenho receio em liberar recursos para o
Márcio França porque vejo que ele gasta bem o dinheiro”***

Mário Covas

Covas disse que estudaria o último pedido e, naquela manhã de sol, confirmou outro lance que colocaria a Cidade no cenário nacional: aceitou fazer de São Vicente a Capital do Estado de São Paulo no dia 22 de janeiro de 2000, na festa dos 468 anos de fundação da Primeira Vila. Prometeu trazer os secretários estaduais para despachar na Cidade e também transferir à terra calunga as sedes dos poderes Legislativo e Judiciário do Estado para resgatar a importância do lugar que foi o Berço da Democracia nas Américas e também o primeiro Judiciário do País.

De quebra, para delírio de uns e ciúmes de outros, prometeu construir uma escola para atender os filhos dos moradores do conjunto

de 256 apartamentos que acabara de entregar às primeiras famílias que deixaram de viver em palafitas na Favela México-70.

Naquele dia, diante de 800 pessoas, Covas explicou porque liberava dinheiro para São Vicente: “Não tenho receio em liberar recursos para o Márcio França porque vejo que ele gasta bem o dinheiro”.

Ao atender o pedido de Márcio França para transferir a Capital do Estado para São Vicente, Covas acabou furando, como se diz na linguagem jornalística, a festa dos 500 Anos do Descobrimento, marcada para abril na Bahia e melindrando pouco sutilmente o senador Antônio Carlos Magalhães. Para alguns políticos, Covas cutucou ACM ao fazer justiça histórica, deixando à Bahia a primazia do primeiro contato dos portugueses com o Brasil, em Porto Seguro, e a São Vicente a fundação da Primeira Vila e do Primeiro Legislativo do Novo Mundo.

Pouco antes de morrer, já em cadeira de rodas, veio a São Vicente fazer sua última visita oficial

São Vicente acabou sendo a Capital do Estado de São Paulo por três dias consecutivos e a festa estreitou ainda mais a amizade entre Mário Covas e Márcio França. Covas cumpriu vasto programa de inaugurações e chorou ao assistir à Encenação ao lado de Dona Lila. Mais de mil atores do povo foram aplaudidos de pé pelo governador. São Vicente foi ao delírio.

Certa vez, no meio de uma crise na antiga Febem, quando Covas substituiu o responsável pela unidade e enfrentava um momento tenso, França lotou três ônibus com crianças vestidas de amarelinho assistidas por projetos sociais e as colocou nos jardins do Palácio dos Bandeirantes, com enorme faixa: “Covas, obrigado pelos projetos sociais”. O governador, emocionado, no discurso de transferência

do comando da Febem, disse ao novo responsável: “Faça como o Márcio França lá em São Vicente”.

Covas nunca pediu a França para se filiar ao PSDB. Pouco antes de morrer, já em cadeira de rodas, veio a São Vicente fazer a última visita oficial. Percorreu a Favela México-70 e mandou concluir o projeto chamado de sua menina-dos-olhos. Queria urbanizada a maior favela do Estado. Ao partir, olhou para trás e disse: “Márcio França, fica com Deus”.

Até hoje, França se emociona ao falar de Covas. São amigos para sempre porque o legado do santista de gênio forte e coração puro faz agora parte da alma vicentina.

O legado de Covas está presente nas crianças que saíram das palafitas e hoje brincam nos *playgrounds* dos conjuntos construídos onde era a favela. Nas festas do Centro de Convenções e na alegria dos moleques que surfam nas praias quase livres de esgoto por conta das obras de saneamento. Foi provada a magia da afinidade e dos ideais que se encontram e deixam frutos.



A virada na Educação

Márcio França deu sorte também quando se casou com a professora Lúcia. Uma paulistana de sangue libanês obcecada por Educação. Antes de o marido se tornar prefeito, Lúcia já comandava uma escola particular na cidade vizinha de Praia Grande. Mas França não escaparia, com Lúcia a seu lado, de promover uma revolução na Educação de São Vicente. Uma revolução em quantidade e qualidade.

Em 1997, quando França assumiu, São Vicente tinha 13.200 alunos na rede municipal; 6 creches; 8 escolas de Ensino Fundamental; 18 de Ensino Infantil e eram servidas 47 mil merendas/dia. Duas entidades assistiam 180 crianças especiais.

França terminou seu governo com 48.202 alunos na rede municipal, ou 265% a mais; 66 creches, um aumento de 1000%; 40 escolas de Ensino Fundamental, ou 400% a mais; 22 de Ensino Infantil, mais 22% e serve 100 mil refeições diárias, um acréscimo de 112% na alimentação escolar. Na Educação Especial houve um salto de 326% de alunos atendidos. E ainda trouxe para São Vicente a primeira universidade pública da Baixada, a Unesp.

Mas como fez para construir 400 novas salas de aula sem dinheiro? E para implantar dois Centros de Suplência; serviço de Atendimento Psicopedagógico e 16 Fortalezas do Saber, que ensinam informática a 14 mil jovens se a folha mal dava para pagar os salários?

Uma das ações que mais chama a atenção é a criação das creches. Em sete anos e meio, o número de crianças saltou de 400 para 4.500 assistidas. Teria a Prefeitura construído 60 creches com recursos próprios? As respostas estão mais à frente.

O primeiro passo para o enorme salto foi dado nos primeiros meses de governo, quando Márcio França aderiu de cabeça ao

Fundef, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto nº 2.264, de junho de 1997.

Quando o sistema foi implantado nacionalmente, em 1º de janeiro de 1998, França já era um especialista no tema, que tinha defendido em entrevistas à Imprensa, contrariando outros prefeitos da região, que temiam perder dinheiro com a nova sistemática de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental.

A maior inovação do Fundef consiste na mudança da estrutura de financiamento do Ensino Fundamental no País, ao subvincular a esse nível de ensino uma parcela dos recursos constitucionalmente destinados à Educação. Além disso, introduz novos critérios de distribuição e utilização de 15% dos principais impostos de Estados e Municípios, promovendo sua partilha de recursos entre o Governo Estadual e seus municípios, de acordo com o número de alunos atendidos em cada rede de ensino. Ou seja, quanto mais aluno matriculado, mais dinheiro para gastar com Educação.

Ora, o que mais São Vicente tinha era criança fora da escola ou criança que precisava andar quilômetros e atravessar movimentadas rodovias para ter acesso aos bancos escolares. França percebeu logo que o critério do Fundef favorecia as condições populacionais e sociais da Cidade, onde a quase totalidade das famílias não tem recursos para pagar escolas particulares aos filhos.

São Vicente se preparou antes para aderir ao Fundef e expandir sua rede pública. O prefeito correu atrás dos recursos e, além de municipalizar 16 escolas, conseguiu verbas estaduais para construir outras. Determinou ao então presidente da empresa de economia mista da Cidade, a Codesavi, Tércio Garcia, a reforma e construção de novas salas nos colégios existentes. Fez escola com capacidade para 1.500 crianças passar a comportar 2 mil.

Em poucos anos, São Vicente tornou-se a maior rede pública municipal do Litoral, com 59 mil alunos matriculados em 60 escolas e hoje com 80 creches. Um batalhão de 2.100 professores e 124 responsáveis por unidades, entre diretores e dirigentes, arregaçam as mangas diariamente para enfrentar o desafio de educar um número de pessoas maior do que a população de muitas cidades.

São Vicente é líder também no Ensino Fundamental, com 33.257 alunos, em 22 escolas. Também atende o maior número de jovens portadores de necessidades especiais, num total de 534 alunos matriculados. Parte estuda em escolas de Educação Infantil e parte de Ensino Fundamental, na metodologia de inclusão, sempre sob o acompanhamento de professores especializados.

Em todo o Estado, apenas São Paulo, São Bernardo do Campo e Campinas têm mais alunos na rede pública do que São Vicente

Os dados são do próprio Fundef, divulgados pelo governo Lula através do Diário Oficial da União.

Apenas na área continental o número de alunos saltou de 3.890, em 1997, para 18 mil, em 2004, um crescimento de 362%. A expansão populacional e econômica da área continental, depois da abertura da Ponte A Tribuna, motivou o maciço investimento do Município no setor.

São Vicente se destaca entre as 645 cidades de todo o Estado de São Paulo, ocupando a quarta colocação no ensino de primeira à oitava série, e terceira posição em relação à educação especial. Em todo o Estado, apenas São Paulo, São Bernardo do Campo e Campinas têm mais alunos na rede pública do que São Vicente.

Por causa do desempenho do município, o coeficiente de recursos repassados à época para a Cidade pelo Governo Federal era de 0,0064% dos 1,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro destinado

ao Ensino Fundamental Público. São recursos vinculados à Educação, por força do disposto no artigo 212 da Constituição Federal, transferidos regular e automaticamente aos governos estaduais e municipais, com base no número de alunos matriculados regularmente em cada uma de suas redes de ensino. Para isso, leva-se em conta o resultado do Censo Escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). No último levantamento, foram encontradas apenas 20 crianças fora da escola. O prefeito mandou a secretária Tânia Simões descobrir onde estavam e trazê-las imediatamente para os estudos.

O prefeito fez questão de abrir, à época, dois Centros de Suplência para atender pessoas a partir dos 14 anos de idade que não concluíram o Ensino Fundamental. Cada núcleo conta com sete salas individuais, além de uma exclusiva para Informática, com 20 computadores à disposição dos alunos, espaço multimeios (com oficinas de inglês e artes), biblioteca, sala de apostilas e de avaliação, todas com capacidade para 40 alunos.

Os centros abrem das 8 às 22 horas. O aluno pode estudar em casa, explica a secretária Tânia Simões: “O estudante leva as apostilas e vem fazer a avaliação nos centros. E pode ir eliminando as matérias, de acordo com a sua necessidade”.

Na Educação Especial ocorreu uma revolução. Antes, 180 alunos eram bem atendidos por duas entidades. Hoje, 768 foram direto para salas especiais montadas nas escolas regulares da rede. Ou seja, convivem diariamente com todos os alunos, seguindo a moderna tendência de inclusão e combate ao tratamento segregado.

Assim, além das crianças especiais, as demais têm a oportunidade de desenvolver a solidariedade e a compreensão necessárias para o convívio harmonioso e o aprendizado que tal prática proporciona.

Hoje, na chamada Escola Inclusiva, professores e profissionais devidamente treinados cuidam de promover a integração entre todos os alunos, independentemente de suas potencialidades ou

necessidades. As classes especiais fazem parte do ensino regular e passam por constante avaliação. Uma equipe itinerante de técnicos percorre as escolas sugerindo adaptações, acréscimo de material e todas as providências que forem necessárias. A Apae, que realiza histórico trabalho nesse segmento, também recebe apoio e pessoal especializado da Prefeitura, atuando em parceria.

Comida para 100 mil

O agigantamento da rede de ensino obrigou o prefeito a enfrentar outro desafio: arrumar comida decente para tanta gente. Resolveu pôr fim à merenda tradicional, à base de suquinhos e bolachas, passando a fornecer refeições de arroz, feijão, carne, peixe, frango, salada, sobremesa, comida que a maior parte das crianças não tinha em casa. Só que isso lhe obrigou a fazer compras em grande escala, como se fosse montar um supermercado. Afinal, 100 mil pessoas representam 1/3 da população da Cidade, que passaram a comer por conta da Prefeitura.

Muitos têm na escola a principal e mais rica refeição do dia. Tanto que às segundas-feiras as crianças chegam famintas depois de um final de semana em casa e comem 25% a mais do que de costume. Percebendo tal carência, a Prefeitura também reforçou em 25% o volume servido às sextas e segundas-feiras, antecipando-se à redução do cardápio em casa.

Ou seja, a Prefeitura é responsável pela alimentação da nova geração de vicentinos. Só no Continente, em sete anos, foram servidas 35 milhões de refeições.

Dar tanta comida virou uma das mais nobres tarefas da Prefeitura. Prova disso é que as licitações para a compra de gêneros são realizadas no Salão Nobre, ao lado do gabinete do prefeito, onde Mário Covas instalou a Capital do Estado por três dias. O prefeito não se incomoda em ouvir os gritos dos fornecedores, como num mercado de peixes, querendo demonstrar que sua batata é a melhor, que a sardinha é a mais fresca para a Diretoria de Abastecimento, que

compra 40 toneladas de alimentos/mês.

Loucos por legumes

Um dia, visitando creches, Márcio França comprovou que algumas preferências alimentares não eram exclusivas dos seus filhos. O prefeito então resolveu ensinar as crianças a gostar de comer legumes, verduras e frutas e não apenas batata frita e bife. Nascia o Projeto Alimentarte, que visa também a evitar o desperdício de comida. Foi um trabalho implantado para dar resultados a longo prazo, mas seus primeiros sinais de mudança começaram a aparecer logo no primeiro ano de trabalho. As crianças mudaram os hábitos alimentares e, as merendeiras, a maneira de preparar e aproveitar os alimentos.

Criou um *self-service mirim*, que permite às crianças escolherem o que irão comer, na proporção que desejarem. Eles curtiram muito e a iniciativa, que, à primeira vista arriscada, reduziu o desperdício de alimento, pois elas não deixam resto e só pegam o que vão comer.

E por imitação todos querem fazer o mesmo. “As crianças veem os amiguinhos comendo legumes, verduras e passam a comer também”, explica a merendeira. No cardápio das creches não é mais servida fritura, substituída por alimentos cozidos e assados. As responsáveis pelas creches também cantam antes das refeições, com teatro de fantoches, animado pelas professoras, que procuram, com humor, ensinar a criançada a se alimentar melhor.

Outra iniciativa do projeto é o Pannel, onde fica ilustrado todo o cardápio do dia, que permite aos pais acompanharem como seus filhos se alimentam na unidade. As merendeiras também aprendem receitas novas e como evitar o desperdício. As creches também reservam um espaço para cultivar plantações e há o momento das crianças colocarem a mão na massa, preparando receitas, como saladas e doces.

As dirigentes das creches estão muito felizes com esses resultados e contam que o projeto contribui grandemente para a vida

saudável da criança, porque ela tem consciência da importância de se ter uma alimentação saudável. “Eles comem de tudo. As mães ficam muito felizes. As crianças até pedem para comer esses alimentos em casa”, conta uma delas.

Foi constatada uma melhora na saúde em 98% das crianças. Todas passam por acompanhamento médico dentro das creches. Quem também está bastante satisfeita com o projeto Alimentarte é Débora Cristina Souza Diegues. Ela é mãe de Peterson Alexandre Vieira Bonifácio, de 5 anos, que está na creche “Amor e Perseverança” há três anos. O filho só gostava de comer bolacha, macarrão, salgadinho e na creche aprendeu a comer de tudo. “Hoje ele me pede para comprar as coisas que comeu na creche, para fazer para ele”, comenta. Ela diz, ainda, que sempre está pegando receitas na unidade, para poder fazer para seu filho. Débora afirma que agora é muito difícil ele ficar doente e, além disso, passou a ficar mais calmo. “Até eu comecei a comer mais variedades de alimentos”.

Autistas têm escola

Ainda na campanha da primeira eleição para prefeito, França foi procurado por um grupo de mães de crianças autistas, que, com dificuldade, criaram uma Ong para atender seus filhos. Reclamavam que, na região, não havia escola pública para autistas e viviam na iminência de fechar as portas por falta de apoio. A mãe líder do grupo, Ana Lúcia Almeida de Oliveira, uma semana antes das eleições, teve que fazer uma complexa cirurgia. Antes de entrar no hospital escreveu uma carta a Márcio dizendo-se tranquila porque, mesmo que viesse a falecer, tinha certeza de que os autistas teriam uma unidade pública.

A mãe lutadora morreu na mesa de cirurgia. No primeiro mês de governo, em janeiro de 1997, Márcio França abriu o Núcleo Municipal de Atendimento ao Autista (Numaa) “Ana Lúcia Almeida de Oliveira”, que atende autistas e outros portadores de deficiências mentais. Os alunos são divididos de acordo com a avaliação de profis-

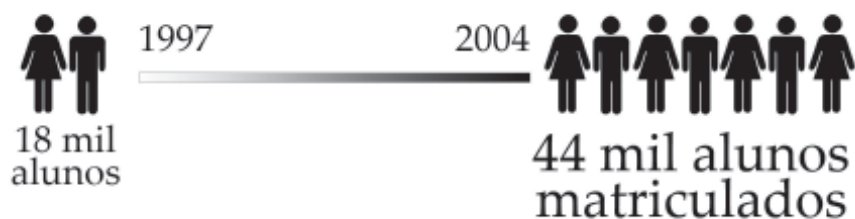
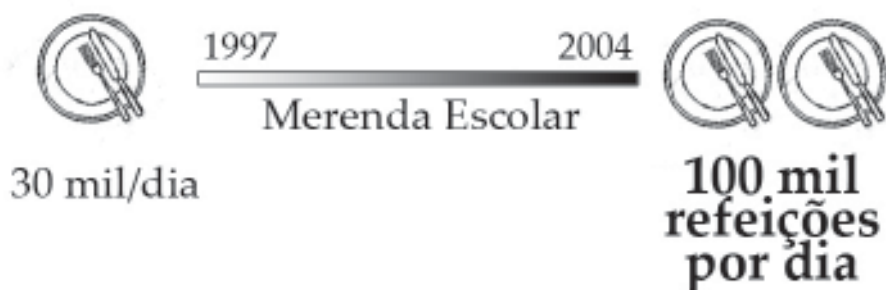
sionais especializados e realizam atividades como marcenaria, encadernação, culinária, artesanato, pintura. Todos recebem atendimento de psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e merendeiras.

No mesmo prédio está o Centro de Educação Especial de São Vicente (CEESV), que atende em média 650 portadores de necessidades especiais e que ganhou, em 2002, do Ministério da Educação, um laboratório completo de Informática, que ajuda no desenvolvimento das crianças.

França termina o governo com São Vicente vencedora do Prêmio Escola Campeã, concedido pelas fundações Ayrton Senna e Banco do Brasil pelo desempenho na Educação. Foi considerado, ainda, Prefeito Amigo da Criança, pela Fundação Abrinq. A Cidade ganhou três vezes o Prêmio Aldo Papone, disputado por escolas de todo o Brasil, por causa de projetos como o Aprendiz de Turismo, em parceria com a USP, que ensina o aluno a se tornar receptivo ao visitante e defender o meio ambiente. O trabalho vencedor de 2003 foi para a Global Travel And Tourism Partnership (GTTP) e apresentado por uma aluna da rede em Frankfurt, Alemanha. Nos anos de 2001 e 2002, os projetos vencedores foram apresentados em Nice, na França, e Filadélfia, nos Estados Unidos. Em 2000 e 2001, a secretária Tânia Simões ganhou a medalha Anísio Teixeira de Mérito em Gestão Educacional.

Mas a virada na Educação de São Vicente tem nas creches um dos seus segredos mais fortes. Como, afinal, foi possível abrir 60 creches em sete anos e superar até os sonhos de França, que disse ficar feliz se entregasse 40?

Resultados na Educação





A multiplicação das creches

O que move as pessoas, a paixão ou a razão? Ou as duas ao mesmo tempo? O que faz as coisas acontecerem? Há uma força enorme do destino, um desígnio de Deus? Ou será que a obstinação e a força da vontade é que operam resultados?

Era 12 de outubro de 1990 quando, no final de uma tarde nublada, o chefe de Redação em Santos liga para o repórter da Sucursal de *A Tribuna*, em São Vicente, para contar que recebera um telefonema de moradores de um bairro periférico que denunciavam uma criança mantida trancada em uma jaula de madeira enquanto a mãe saía para trabalhar.

Já sentia o gosto de um café com leite e pão torrado com mel na boca me esperando em casa e confesso que, naquela fração de segundo, não senti vontade de checar a informação. Afinal, já tinha produzido material para o dia seguinte, com sobra até para a edição subsequente. E poderia ser mais uma daquelas denúncias infundadas. Mas me veio à mente a imagem de uma criança criada num cativeiro na floresta, como no filme alemão “O Enigma de Kaspar Hauser”, mantida barbaramente presa. Falei com o fotógrafo Joãozinho Vieira e fomos checar.

Vi logo um menino negro, de olhos grandes, rosto redondo, uns seis anos. E nem chorava. Apenas olhava por entre as frestas estreitas que impediam a passagem da sua mãozinha para o lado de fora. Seu olhar era de fome. Alguns vizinhos apareceram e pedi um pão com manteiga. Passei-o espremido entre as frestas ao menino, que suavemente levou-o à boca. Parecia acostumado a ser alimentado assim. Joãozinho fotografou o menino que tinha o nome de Marcelo. A criança estava com uma perna machucada e se locomovia aos pulos dentro da jaula, com 1,70 m de altura e 2 metros

quadrados de chão batido.

Lá no fundo outros olhinhos brilhavam. Era Simone, com apenas dois anos de idade. Ambos só podiam ver a luz do sol por uma abertura entre as tábuas. Nem as cabecinhas podiam colocar para fora, pois as frestas eram reforçadas com arame farpado. Estavam trancados a cadeado. Em caso de incêndio morreriam queimados. Os dois devoraram os pães. Anotei a versão dos moradores e esperei a mãe até quase anoitecer. Indignado, fui ao Fórum atrás de assistentes sociais, juízes, promotores, seja lá quem fosse para libertar o menino. A reação me surpreendeu. Todos já conheciam a história, disseram que a mãe tinha problemas e que não era o primeiro nem seria o último caso assim na periferia de São Vicente. As crianças foram libertadas ao anoitecer.

A matéria saiu dia 13 de outubro na mesma página onde outras reportagens mostravam como fora alegre o Dia das Crianças na região, menos em São Vicente, é claro. Além do impacto produzido nas áreas mais nobres da Cidade e em Santos, a matéria causaria um efeito que eu só tomaria conhecimento mais de uma década depois. Continuei acompanhando o caso da criança, que acabou sendo abrigada numa entidade especializada enquanto a Justiça decidiria se a mãe perderia a guarda.

Nas andanças pelas pinguelas que davam acesso aos barracos das favelas de São Vicente logo percebi que, se não estavam em jaulas, milhares de crianças ficavam trancadas em barracos, prisões um pouco maiores, enquanto suas mães trabalhavam fora. Uma geração crescia vendo o mundo por entre frestas de barracos cercados por lixo, esgoto e água contaminada.

Mais de uma década depois soube que aqueles vizinhos, o telefonema da Redação, a lembrança de um filme e os olhos grandes do menino negro faziam parte de uma estratégia de Deus. Aquele olhar forte do menino ao lado da irmã continha uma mensagem silenciosa destinada a mexer com a paixão e a vontade de um homem que também leu a matéria sobre o Dia das Crianças em São Vicente. Muita gente deve

ter lido e se indignado. Mas um deles, o jovem Márcio França, fora ferido no peito pelos olhos negros. Deu-se ali, sem que soubéssemos, o encontro entre o jornalista e o político. Ambos meros instrumentos de um projeto maior que seriam as creches comunitárias de São Vicente.

Décadas depois daquela matéria, Márcio França contou em público que foi o caso do menino dos olhos negros que o fez jurar que, se um dia fosse prefeito, construiria creches para que as mães carentes pudessem deixar seus filhos em locais dignos enquanto trabalhassem. Esta é simplesmente a verdade sobre o que motivou um homem a usar a razão para, com paixão, cumprir uma tarefa. Se parece emotiva demais, brega ou mágica, não dou a mínima, pois foi assim que aconteceu.

Mas França chegou à Prefeitura e não encontrou dinheiro para fazer creches. Apenas salários atrasados, dívidas para com fornecedores, precatórios trabalhistas de servidores que exigiam direitos adquiridos e uma arrecadação pífia, a menor da região, à exceção de Bertioga.

Aí entra o cérebro humano e suas magníficas potencialidades. França sacou que poderia envolver a comunidade na abertura das creches. Como não tinha dinheiro para comprar ou construir novas, chamou os vereadores e lideranças dos bairros e disse para que procurassem imóveis com aluguel barato e em condições de serem adaptados para funcionar como creches. Logo surgiram vários e, com a ajuda da Codesavi, dos vereadores, de comerciantes e empresários convocados pelo Fundo Social de Solidariedade, foi possível adaptá-los e equipá-los para receber as crianças. Com cerca de R\$ 3 mil mensais, entre aluguel, reforma, pessoal e equipamento, França montava cada creche.

Para fugir dos encargos trabalhistas, sugeriu a formação de Ongs, que receberiam o repasse de recursos da Prefeitura para tocar as creches. Não demorou muito e abrir creche virou uma febre em São Vicente. Cada empresário ou vereador que quisesse homenagear a mãe, uma avó, pai, parente ou amigo dando nome a uma creche, tratava de correr atrás de patrocinadores para o empreendimento, sempre sob

a supervisão da Prefeitura, da Secretaria de Educação e das implacáveis conselheiras do Fundo Social de Solidariedade, que exigiram a implantação de um projeto pedagógico nas unidades, que incluía uniformes, alfabetização, acompanhamento médico, muita disciplina e uma condição *sine qua non*: que as mães comprovassem estar trabalhando para terem direito de colocar os filhos nas creches. Tudo para evitar o velho conceito de que creche pública era depósito de crianças para mães que queriam passar o dia passeando ou vendo TV.

O resultado foi um aumento de 1000% no número de creches em sete anos e meio. De 6 unidades que atendiam 400 crianças a Cidade passou, em 2004, para 66, cuidando de 4.500 pequenos. Hoje já são 80 creches, com 5 mil crianças. O desafio maior de atender de forma eficaz 4.500 crianças com idade até 6 anos também foi superado: todos recebem orientação em saúde bucal, passam por testes de visão, atendimentos médico, fonoaudiológico e psicológico.

Nutricionistas elaboram cardápio adequado para levar alimentação balanceada para os meninos e meninas, que recebem cinco refeições diárias. Em parceria com a Secretaria da Saúde, foi elaborado um Projeto Pediátrico para prevenir doenças, com imunização através de vacinas e acompanhamento do desenvolvimento geral da criança.

Um programa especial, com três pediatras, fica responsável pelos cuidados com as que apresentam quadro de desnutrição e obesidade, passando por verificação mensal de peso e altura para a prevenção de várias doenças.

O Fundo Social de Solidariedade tem papel fundamental na montagem e funcionamento das creches. Além de equipar as unidades com eletrodomésticos, móveis, materiais de limpeza, o Fundo fornece, ainda, uniforme, material pedagógico, óculos e material de escovação aos baixinhos.

São Vicente ganhou, em janeiro de 2004, a primeira creche noturna do Estado de São Paulo - a Creche Municipal "Catarina Carbonera Rampon", no Jardim Três Estrelas. A unidade tem capacidade para

atender cerca de 40 crianças, entre 1 e 6 anos, de segunda a sexta-feira, das 18 às 8 horas. Todos têm direito ao jantar e café da manhã.

A nova creche foi criada diante da necessidade de mães que trabalham no período noturno e não têm com quem deixar seus filhos. São mães obrigadas a exercer tarefas no período da madrugada, tais como enfermeiras, auxiliares de enfermagem, camareiras e arrumadeiras do setor hoteleiro, entre outras profissionais. As crianças que frequentam a creche noturna também passam por um pediatra, acompanhadas de seus respectivos responsáveis.

O que chama a atenção é que uma nova geração surgiu deste projeto inspirado no menino de olhos negros. São crianças que saem das creches alfabetizadas, saudáveis e bem orientadas. Com seus uniformes amarelinhos são vistas diariamente nas lotações, caminhando pelas ruas de mãos dadas com as mães e sendo transportadas nas garupas das bicicletas pelos pais. Crianças que sabem cantar o Hino da Cidade e falam com conhecimento sobre os pontos turísticos que passaram a visitar.

Alguns não entenderam o caminho adotado por França, através das Ongs, para abrir tantas creches. Questionaram se não estaria ocorrendo apadrinhamento político das creches e se seriam beneficiadas apenas mães indicadas pelos vereadores.

França disse que as creches tinham padrinhos, sim. Padrinhos vereadores, padrinhos empresários, padrinhos comerciantes, ambulantes, feirantes e quem mais quisesse sair do mundo da contemplação e da crítica para abraçar o mundo das realizações possíveis, da concretização dos sonhos. Quanto ao atendimento das mães indicadas, o prefeito chamou a promotora da Infância e Juventude para auditar, junto com as mães, uma lista de espera afixada na porta de todas as creches. Se alguém entrar furando a fila, gritam com razão as mães e a promotora.

Só a paixão para fazer a razão trabalhar em prol da mensagem dada pelo menino de olhos negros e sua irmãzinha de dentro de uma jaula de madeira.



Se Liga Galera

O ex-ministro da Ciência e Tecnologia, Eduardo Campos, informou que apenas 14% dos brasileiros têm acesso a computadores. Entre as camadas mais carentes, o índice não ultrapassa os 4%. São Vicente, com 1/3 de sua população em áreas invadidas e mais da metade com renda inferior a dois salários mínimos, certamente é uma Cidade de excluídos digitais. Como arrumar emprego, ir a um banco e ter acesso à informação sem saber ao menos dar um click num *mouse*?

Como o inquieto Márcio França resolveria este desafio sem dinheiro? Desta vez não resolveria. Teria que gastar para levar computadores aos bairros. E gastou mesmo. Sem fórmulas mágicas, alugou 320 computadores e contratou técnicos, ao custo de R\$ 6 mil/mês, para que os jovens pobres pudessem desvendar o universo das novas tecnologias e ter oportunidades para inserção no mercado de trabalho, na conquista do primeiro emprego.

Criou assim o Projeto Se Liga Galera, que envolveu 14.178 alunos de 5ª a 8ª séries e de Suplência da rede municipal de ensino. Eles aprendem Informática como parte da grade curricular, em edificações com características arquitetônicas de fortalezas, construídas no mesmo terreno da escola que frequentam. São as chamadas *Fortalezas do Saber*, para lembrar o sentido histórico da Primeira Vila do Brasil.

Ao todo, eram 16 unidades (hoje são 18). Cada uma possuía 20 microcomputadores, com acesso à Internet. Havia, ainda, material didático de apoio (quatro livros com CD) aos cursos, que são ministrados pelo SENAC. Os 10.308 alunos de 5ª a 7ª séries e os 1.987 da Suplência aprenderam noções de Informática, o que inclui conceitos básicos do

sistema operacional Windows e os aplicativos Word e Excel, com carga horária total de 51 horas. As aulas eram dadas dentro do horário normal a ser cumprido na escola, de forma interdisciplinar. Assim, utiliza-se a computação como ferramenta para o ensino de conteúdos de todas as disciplinas.

Já os 1.883 estudantes da 8ª série aprenderam Introdução à Internet – forma de acesso, navegação e configuração de software -, em período diferente do que frequentam a escola. Ao término do treinamento, que tinha nove horas/aula, era entregue certificado de conclusão de curso, com reconhecimento nacional.

O programa beneficiou também 850 professores, permitindo reciclagem e atualização. Com carga horária de 60 horas, o curso integrava os itens “A informática no ensino” e “Os recursos da Informática na Educação”.

Durante os meses de julho e agosto, os 700 rapazes que integram o programa Jovens no Exercício do Programa de Orientação Municipal (JEPOM), mostrado a seguir, participaram de um curso intensivo.

Márcio França queria ainda, além de oferecer o curso de Informática na parte inferior do prédio, criar, na parte superior, uma biblioteca virtual, que se tornaria fonte de pesquisa e apoio administrativo às escolas.

Se Liga em Números

- *Aproximadamente 10.000 alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de São Vicente atendidos por ano;*

- *16 laboratórios instalados dentro das escolas (Fortalezas do Saber);*

- *320 microcomputadores;*

- *284 professores treinados e capacitados em Informática Educacional;*

- *260 turmas do Ensino Fundamental (78 classes de 5^{as} séries, 64 classes de 6^{as} séries, 69 classes de 7^{as} séries e 49 classes de 8^{as} séries);*

- *541 participantes do Projeto JEPOM atendidos (16 turmas);*

- *3.510 horas/aula ministradas por ano para alunos das 5^a séries;*

- *2.970 horas/aula ministradas por ano para alunos das 6^a séries;*

- *3.105 horas/aula ministradas por ano para alunos das 7^a séries;*

- *2.940 horas/aula ministradas por ano para alunos das 8^a séries;*

- *Total de horas/aula para Alunos do Ensino Fundamental: 12.525 por ano;*

- *1.404 horas/Internet disponibilizadas por ano para alunos das 5^a séries;*

- *1.152 horas/Internet disponibilizadas por ano para alunos das 6^a séries;*

- *1.242 horas/Internet disponibilizadas por ano para alunos das 7^a séries;*

- *882 horas/Internet disponibilizadas por ano para alunos das 8^a séries;*

- *Total de horas/Internet: 4.680 por ano;*

- *Total de horas/aula para professores: 1.440 por ano;*

- *Total de horas/Internet para professores: 216 por ano;*

- *Total de horas/aula ministradas para o Projeto JEPOM: 960 por ano;*

- *Total de horas/Internet para o Projeto JEPOM: 288 por ano.*



Bandido ou mocinho? Jepom neles!

Ninguém é todo mau nem completamente bom. Mas o que faz uma pessoa, principalmente um jovem, passar para o chamado outro lado, o lado da delinquência, da criminalidade? Qual o momento da virada, o *turning point*, como dizem os americanos?

Lendo as estatísticas policiais sobre as ocorrências em São Vicente, bem como nos demais grandes centros, Márcio França notou que mais da metade dos crimes era constituída de pequenos delitos, sendo 75% deles praticados por jovens de 16 a 19 anos. Ou seja, os adolescentes eram, infelizmente, os “responsáveis” pelos elevados índices de violência. Notou que uma intervenção tipo cirúrgica, como gosta de falar, poderia atingir em cheio a faixa etária mais problemática e também a mais vulnerável às más influências.

Não precisa ser especialista em criminalidade, mas apenas ter sido jovem, para saber que é nesta fase que nos apresentam o primeiro baseado; que os rapazes, não tendo dinheiro para sair com as namoradas ou ostentar roupas da moda, são tentados a conseguir dinheiro fácil com expedientes escusos. Faz uma, faz duas, faz três e, sem perceber, já ingressou no mundo do crime, uma viagem muitas vezes sem volta, que ceifa vidas, destrói famílias e engorda o patrimônio dos traficantes, que por sua vez injetam na economia dinheiro sujo que corrompe e degenera a sociedade.

Não precisamos puxar muito pela memória para lembrar que, por medo dos pais, por uma intervenção amiga ou um detalhe corriqueiro, optamos pelo lado certo. Nos lembraremos também daqueles colegas que não tiveram este pequeno toque, esta rápida

porém essencial oportunidade e caíram na marginalidade para nunca mais sair. Tive amiguinhos de infância que morreram assassinados em penitenciárias depois de uma rápida vida de crimes.

Como os jovens da região, Márcio França esteve sujeito às mesmas influências. Garotão de praia, muita badalação, mas filho de pai enérgico, ficou do lado certo.

São Vicente, a 70 quilômetros de São Paulo, ocupava em 2000 o 7º lugar no ranking da criminalidade no Estado mais rico do País.

Entrou em cena o advogado França que, ao perceber a viabilidade constitucional do alistamento civil voluntário, resolveu oferecer aos jovens que acabavam de ser dispensados do serviço militar no 2º Batalhão de Caçadores do Exército, uma nova possibilidade de inclusão na sociedade.

O prefeito mandou dar prioridade aos mais carentes e também aos que tivessem algum histórico, registrado ou não, de envolvimento em delitos

Assim nasceu o Projeto Jepom – Jovens no Exercício do Programa de Orientação Municipal – que recrutou, na primeira vez, 700 rapazes que desejavam servir o Exército até para complementar a renda familiar, seguir carreira ou fazer pelo menos uma boa refeição ao dia.

O prefeito mandou uma equipe à solenidade de Juramento à Bandeira, quando se concentram os dispensados do Serviço Militar, que fez o convite aos que pretendiam participar do Alistamento Civil Voluntário.

A oferta: todos receberiam noções de cidadania; de atendimento ao turista; de primeiros socorros; uma bicicleta; curso de informática e ajuda de custo mensal no valor de um salário mínimo.

O desempenho escolar seria monitorado mensalmente, condição básica para integrar o programa. E mais: todos teriam que

se submeter à disciplina com características militares, fazendo ordem unida e prestando contas a orientadores com formação de caserna. Nada de moleza!

Muitos se ofereceram, mais de 1.200 para disputar 700 vagas. É na seleção que está o alcance social do projeto. O prefeito mandou dar prioridade aos mais carentes e também aos que tivessem algum histórico, registrado ou não, de envolvimento em delitos. Mandou dar preferência aos que tinham problemas familiares, de desajuste social, que iam mal na escola. Ou seja, fez questão de selecionar os que estavam, estatisticamente, mais propensos a passar para o chamado outro lado, mesmo que recebesse críticas dos politicamente corretos.

Os meninos entraram na disciplina e, depois do treinamento, passaram a caminhar uniformizados pelas ruas da Cidade, orientando turistas, ajudando a organizar eventos. Enfim, tinham um lugar de respeito na sociedade.

Logo, passaram a ser admirados pelas meninas, que os apresentavam aos pais como rapazes de bem, pertencentes a uma corporação respeitada na Cidade.

Uma nova geração ficou longe das ruas, do risco das drogas e da inatividade. Resultado: São Vicente saiu das primeiras colocações no ranking da criminalidade no Estado para o 32º lugar em 2002. Ou seja, muitos jovens que tinham tudo para se perder acabaram se integrando à sociedade.

Hoje, os empresários consideram a passagem pelo Jepom como uma credencial para o primeiro emprego para centenas de rapazes em idade militar.

Convênio firmado com a DAP, empresa que presta serviços à *Telefonica*, proporcionou o primeiro emprego para 30 rapazes, que passaram por curso preparatório de três meses e a garantia de trabalho com carteira assinada, férias, 13º salário e demais benefícios.

O Jepom também desenvolve atividades culturais e esportivas. Vários jovens participam da Banda Marcial e do Coral Jepom. Dezenas

integram as equipes de futebol de campo e futsal que participam de torneios regionais.

O sucesso do trabalho atraiu a atenção da Secretaria Nacional de Segurança Pública, que solicitou à Prefeitura o modelo do projeto desenvolvido na Guarda Municipal para expandi-lo por todo o País.

Para evitar os custos de uma contratação formal, que inviabilizaria o projeto, foi criada uma Ong, que recebia os cerca de R\$ 200 mil/mês repassados pela Prefeitura. Mais de 7 mil e 500 jovens já passaram pelo projeto. Rodrigo Silva, ex-Jepom, foi auxiliar de enfermagem em hospital de grande porte. Fez o curso durante o tempo em que ficou no projeto, graças à ajuda e ao incentivo que recebeu.

Numa das formaturas, um ex-sargento da PM, homem enérgico e acostumado a lidar com jovens indisciplinados, desabou em lágrimas. Ele não resistiu ao assistir ao bom desempenho de um dos Jeps e assim justificou seu rompante emocional: “ Eu queria ter um filho assim”. Quem também não se aguentou foi o ex-ministro da Justiça, José Gregori, quando, em visita a São Vicente, ouviu depoimento de um jovem recuperado, ex-traficante já nascido numa família cujo pai também era traficante.

Turma Cidadã - A exemplo de São Vicente, a cidade de São Bernardo do Campo lançou o projeto de geração de empregos direcionado a jovens em idade militar. Trata-se do “Turma Cidadã”, que formou seus primeiros jovens em março de 2004. Um total de mil jovens com 18 anos cumpriram carga de quatro horas diárias e receberam mensalmente bolsa-auxílio de R\$150.

Eles tiveram acesso a cursos, como informática e inglês, o que, segundo afirmou o então prefeito da cidade, William Dib, preparou-os para o mercado de trabalho. Dib destacou que a inspiração veio do Jepom de São Vicente. “Apenas adaptamos à realidade de São Bernardo do Campo”, disse. São José dos Campos e o Estado de Alagoas também aderiram.

Convênios salvadores

Muitas prefeituras do Brasil perdem milhões em recursos por não saberem pleitear e gerir convênios com os governos estaduais e o Governo Federal. Muitas vezes o trabalho do deputado se perde porque o prefeito não consegue atender às exigências legais e burocráticas dos convênios firmados. França criou a Gestão de Convênios, setor dedicado a controlar prazos, acompanhar as cláusulas, execução, liberação de verbas e a prestação de contas dos convênios. Num minuto, o responsável pelos convênios estava no seu Gabinete com todas as informações necessárias sobre qualquer convênio firmado.

Márcio pode acompanhar mais de mil convênios que firmou nos seus 8 anos de governo. “Um descuido e a Prefeitura perde um prazo, não atende uma cláusula e perde a verba”, diz o arquiteto Luiz Carlos Guimarães, designado por Márcio para gerir convênios. O prefeito do PSB entendia que no atual contexto a maior parte dos recursos próprios das prefeituras já começa o ano comprometido e pouco ou nada sobra para investimentos e novas obras. Por isso, além de buscar parceiros para celebrar convênios, é preciso saber como acompanhá-los.

A Gestão de Convênios usa as informações das secretarias. “Quem define quantas ambulâncias ou enfermeiros serão contratados é a Secretaria de Saúde”, disse Luiz Carlos. Seu papel é não esquecer cláusulas ou prazos para que a Cidade não perca verba para comprar mais ambulâncias ou contratar mais enfermeiros.

São Vicente firmou mil convênios e conseguiu R\$ 500 milhões em 8 anos. Foram convênios oriundos de emendas parlamentares, além dos firmados diretamente com o Governo de São Paulo e com o Governo Federal. Muitas vezes, por falta de documentação de um terreno, por exemplo, a Cidade pode perder um posto de saúde. Cabe ao Gestor de Convênios correr atrás, conseguir a papelada ou rapidamente propor outro local. Esta dedicação exclusiva faz a diferença e quem sente o resultado é a população. O setor criado por Márcio virou modelo nacional e hoje lhe perguntam como fazer para reproduzi-lo.



Da ilegalidade ao sucesso: Transporte alternativo atende 3 milhões de passageiros/mês

Engana-se quem pensa que os acertos das ousadas medidas do prefeito Márcio França lhe trouxeram paz. Se havia encontrado a fórmula para abrir uma creche por mês, por exemplo, teria que dar jeito em problemas como enchentes, falta de moradia, transporte, entre outros. O sucesso, pelo menos no caso de São Vicente, trouxe mais dor de cabeça ao prefeito, que decidiu manter um estoque do analgésico Neosaldina sempre por perto.

Os problemas eram tantos e chegavam todos ao mesmo tempo. Para enfrentar um deles, a crônica falta de transporte municipal, Márcio França usou a técnica do Hapkidô, uma arte marcial japonesa que usa a força do oponente para enfrentá-lo. Se alguém vem lhe dar um soco não procure interrompê-lo, mas sim aproveitar a energia do movimento que vem em sua direção para, após uma pequena correção de rumo, usá-la para derrubar o adversário.

O que parecia o soco do adversário, neste caso, era o surgimento de dezenas de peruas clandestinas que transportavam passageiros cansados de esperar a condução. Desempregados utilizavam peruas Kombi, muitas vezes em mau estado, para arrebanhar pessoas nos pontos de ônibus que precisavam chegar ao trabalho e não contavam com transporte municipal eficiente, sobretudo as que viviam em bairros mais distantes ou na área continental.

Logo surgiram as reclamações dos que cobravam da Prefeitura uma fiscalização para coibir o transporte clandestino, que

representava riscos aos passageiros. Onde estava o prefeito Márcio França, que não apreendia as lotações irregulares?

França perguntou então por que surgiram as lotações? Até mesmo os críticos responderam que o “serviço” aproveitava a deficiência das linhas municipais, operadas pela mesma empresa que detinha a concessão das intermunicipais, que tinham uma oferta de veículos muito maior, fazendo com que a maioria dos usuários que se destinava a outros pontos da Cidade optasse por pegar a condução mais cara e, no meio do caminho, decidisse, por exemplo, fazer compras na cidade vizinha, já que estava no ônibus intermunicipal.

Com o surgimento das peruas clandestinas, as linhas municipais ficaram ainda mais deficitárias, fato que também não chamava a atenção de possíveis empresas concorrentes.

Como uma empresa menor pode ganhar fôlego e recursos para enfrentar uma bem maior e poderosa?

O prefeito teve uma conversa com o dono da empresa de ônibus e disse ao antigo empresário do ramo de transporte coletivo que o mercado de passageiros na Cidade era enorme e mal explorado e que ele estava perdendo dinheiro, deixando de faturar. Disse também que jamais, isoladamente, poderia concorrer com companhia tão grande e estruturada.

As palavras logicamente soaram arrogantes para o experiente empresário do setor e não houve consenso.

Márcio então pensou: como uma empresa menor pode ganhar fôlego e recursos para enfrentar uma bem maior e poderosa?

A resposta: colocar suas ações no mercado e atrair novos sócios, muitos novos sócios que assim colocarão dinheiro na

empresa. Ou seja, se não pode concorrer sozinha que pulverize sua proposta e seus anseios e angarie adeptos.

Resolveu então “abrir ao mercado as ações do negócio de transporte coletivo”. Só que não tinha empresa nem dinheiro. Apenas uma desorganizada e clandestina legião de perueiros, um verdadeiro exército de Brancaleone.

Pressionado pelas cobranças contra o serviço clandestino, o prefeito resolveu fazer do limão a maior limonada da história de São Vicente. Chamou os perueiros e estabeleceu padrões de segurança e documentação. Mandou dar curso de direção defensiva aos motoristas e, com o apoio da Câmara, criou, em 1998, o Transporte Alternativo.

Organizou os veículos em associações e ordenou o cumprimento de um sistema com itinerários fixos e horários definidos, servindo os usuários durante todo o dia.

Hoje, são 367 peruas de lotação, que transportam 100 mil pessoas por dia; mantêm 4 mil empregos diretos de motoristas, cobradores e fiscais e os cofres municipais arrecadam o triplo do que contribuía a empresa de ônibus municipal, que prestava um serviço deficiente justamente para incentivar o uso das linhas intermunicipais, do mesmo dono, que assim formava um monopólio.

As peruas trouxeram, de uma hora para outra, milhares de pessoas ao Centro e contribuíram efetivamente para impulsionar o comércio vicentino, pois ligam os bairros às ruas centrais. Em seis anos, o Centro de São Vicente registrou uma evolução de 61%, saltando de 839 estabelecimentos regularizados (entre comércio e prestadores de serviço) para os atuais 1.420. O aquecimento do setor gerou em 2003 cerca de 800 postos de trabalho.

O grande volume de pessoas que utiliza o transporte, circulando pelas vias do Município, especialmente o Centro, atraiu investimentos de grandes lojas do País, que montaram suas filiais na Cidade, algumas se transformando nas mais lucrativas do Brasil.

Como diz Márcio França, uma ação positiva puxa outra e, além da regularização do transporte alternativo, a Prefeitura remodelou as praças Coronel Lopes e Barão do Rio Branco, bem como a Rua Martim Afonso, com nova iluminação e projeto paisagístico. No trecho compreendido entre as praças Barão do Rio Branco e 22 de Janeiro (Parque Ipujiara), a Martim Afonso foi reaberta ao tráfego, depois de ser asfaltada e receber obras de drenagem e colocação de guias e sarjetas.

As calçadas foram ampliadas – passaram a ter 2,90 metros de largura de cada lado - e foi instalada cobertura de policarbonato, de 2,40 metros, também dos dois lados da via.

As lotações chegam em filas, abrindo as portas e oferecendo itinerários. O tempo de espera não demora mais de 30 segundos

Todas estas iniciativas atraíram várias empresas, como a Proplastik, Besni, Kolumbus, Vermont, Marabraz e Ponto Frio. E ainda Xicko's Brinquedos, Fio & Arte e a DiCicco, de material de construção.

Márcio França admite que não esperava um reflexo tão positivo no comércio por causa das lotações. Ainda há algumas críticas em relação aos perueiros, que gritam os itinerários nos pontos para chamar os passageiros. Mas o saldo positivo é muito maior. São feitas campanhas de conscientização e fiscalização aos maus motoristas, que recebem multas. O que era um problema aparente virou uma solução, não apenas para o transporte, mas para a economia da Cidade. Hoje, o serviço é tão eficiente que mais parece um metrô sem trilhos. Isso porque as lotações chegam em fila abrindo as portas e oferecendo itinerários a ponto de o tempo de espera para trajetos municipais não demorar mais de 30 segundos.

Nenhuma empresa de ônibus convencional conseguiu mais operar o transporte municipal na Cidade. As que tentaram tiveram prejuízo

por não conseguirem concorrer com as vans e os micro-ônibus. Não existem mais as velhas kombis. Os microempresários compraram veículos sofisticados e com ar-condicionado. Prova de que a idéia foi boa para todos os lados, inclusive os usuários, que pagam tarifa inferior até às linhas municipais de ônibus tradicionais da cidade vizinha e das mais baratas do Brasil em cidades de grande porte.



DEPOIS



Inferno vira parque

*Como um lixão, onde crianças comiam
restos, virou parque ambiental*

Márcio França começou o segundo mandato, em 2001, ainda com uma enorme chaga a ser enfrentada, o Lixão do Sambaiaatuba, certamente o maior problema ambiental da Cidade. Um desafio que açoitava a dignidade dos moradores da Ilha de São Vicente há 33 anos. Situada no meio da ilha, na divisa com Santos, a montanha de lixo de 17 metros de altura e 47 mil m² era palco de atrocidades diárias, como crianças catando e comendo lixo, algumas morrendo decepadas por caminhões basculantes.

Reeleito com 93% dos votos válidos e considerado o prefeito com melhor desempenho no Estado de São Paulo, Márcio França não poderia comemorar sem encontrar um jeito de acabar com o lixão.

Todos os dias, 250 toneladas de lixo doméstico eram despejadas no imenso depósito, frequentado por 500 catadores, que dali retiravam seu sustento e disputavam os restos com porcos, ratos e urubus. A decomposição do lixo gerava o chorume, líquido negro e fétido que atingia manguezais e o estuário. Os gases produzidos também provocavam incêndios diários. O mau cheiro e a fumaça afetavam a saúde dos moradores dos bairros próximos. Conforme a direção dos ventos, as moscas varejeiras eram levadas até os pratos dos que almoçavam em restaurantes das redondezas.

O quadro de miséria era agravado por famílias que construíram casebres dentro do lixão. Era gente que não queria perder os

caminhões que traziam sobras de alimentos e material reciclável, separado e vendido ali mesmo. O jornal *Folha de S. Paulo* publicou foto de capa sob o título “Serra pelada do Lixo no Litoral Paulista”, mostrando as cenas degradantes dos catadores e da enorme montanha de lixo que não parava de crescer no meio da cidade mais antiga do Brasil.

Um tapete negro de baratas avançou em direção a Tercio e, como num filme de Indiana Jones, os insetos começaram a subir pelas suas pernas, por dentro das calças. O fogo provocara um êxodo de baratas e ratos

Nenhum prefeito conseguiu acabar com a chaga. A Cetesb aplicava multas, o Ministério Público cobrava providências e não havia como transferir o depósito, já era muito difícil conseguir autorização ambiental para se criar novo aterro. França deu a tarefa para o então presidente da empresa de economia mista, a Codesavi, o engenheiro agrônomo Tercio Garcia.

Uma noite, Tercio jantava com a família e amigos e foi chamado às pressas para o lixão por causa de mais um incêndio. A Codesavi já havia instalado drenos para liberar os gases que causavam o fogo. Mas era tanto lixo chegando que os incêndios persistiam.

Tercio chegou ao depósito no meio da noite. As labaredas estavam por toda parte. A fumaça refletia as luzes dos carros dos Bombeiros. Os vizinhos corriam e gritavam assustados. Cavalos relinchavam. A montanha ardia e exalava um cheiro horrível. Um inferno de Dante.

Um tapete negro de baratas avançou em direção a Tercio e, como num filme de Indiana Jones, os insetos começaram a subir pelas suas pernas, por dentro das calças. O fogo provocara um êxodo de baratas e ratos.

O prefeito e Tercio decidiram que, mesmo sem outra área para

jogar o lixo e com pouco dinheiro nos cofres municipais, tinham que encontrar uma solução rápida. Resolveram fechar o depósito e levar as 250t/dia de lixo doméstico produzidas na Cidade para um depósito privado aberto em Mauá, na Grande São Paulo, devidamente aprovado pela Cetesb. Ia custar caro, cerca de R\$ 11,00 a tonelada. Mas seria um preço que valeria a pena pagar.

Foi criada uma área de transbordo de 800 m² para que o lixo coletado nos caminhões fosse colocado em carretas e dali direto para o aterro sanitário de Mauá. Mas o que fazer com os 46.200 m² restantes da montanha de restos compactados? Aí veio a inovação: a saída foi criar um Parque Ambiental destinado a transformar o inferno num jardim e área de lazer e educação para a comunidade.

São Vicente passou a reciclar mais lixo do que Curitiba (PR), considerada cidade-modelo na atividade e que, até então, detinha o maior índice do País

O engenheiro Tercio lembrou que os 500 catadores não poderiam deixar de comer por decreto. Dependiam do lixo para viver. Foi criada, então, uma cooperativa que abrigou os antigos catadores, que passaram a atuar com equipamentos adequados, coletando, separando e vendendo o material reciclável por um preço justo. Viraram agentes de reciclagem. São Vicente passou a reciclar mais lixo do que Curitiba (PR), considerada cidade-modelo na atividade e que, até então, detinha o maior índice do País.

Em poucos meses, o imenso lixão virou parque. Crianças que antes perambulavam pelo lugar, sendo vítimas de todo tipo de risco, passaram a frequentar a escola e, no outro período, realizam atividades esportivas, culturais e cívicas num centro de convivência chamado *Novo*

Rumo. Não há mais incêndios, baratas, ratos, o inferno acabou.

Contando com uma escola de Educação Ambiental, quadras de esporte, pista de *cooper*, *playground*, viveiros entre outros atrativos, o antigo lixão já produziu, desde a sua inauguração, em abril de 2002, 150 toneladas de composto orgânico (adubo feito com resíduos de feira e podas de árvore) e milhares de unidades de mudas herbáceas (para plantio em jardins) e arbóreas (árvores urbanas).

Uma equipe formada por nove funcionários se reveza nessa produção. As herbáceas (margaridas amarelas, begoninhas, alissons, pingos-de-ouro e as mais diversas espécies próprias para plantio em jardins) são plantadas nas próprias dependências do parque e em praças e jardins da Cidade. O viveiro passou a produzir até 30 mil mudas por mês, dependendo da espécie.

Meninas adolescentes perfumadas e com os cabelos molhados chegam para buscar as mães no final da tarde

No parque também é feito um trabalho de educação ambiental com escolas do município. Alunos a partir da 5ª série podem participar do projeto, que tem como objetivo principal conscientizar os participantes a respeito da questão do lixo e da reciclagem. Ainda são abordados temas como ocupação irregular de terras e a coleta seletiva, entre outros. As escolas ainda visitam os viveiros das mudas e fazem o plantio de uma árvore, que fica identificada com placa que leva o nome da escola que a plantou. Também são ministradas aulas a grupos de professores para que insiram essas questões nas aulas. A administração do parque envia convites para as escolas municipais.

O ganho ambiental e à saúde pública compensou os gastos com o transporte diário do lixo até Mauá. Hoje, crianças que antes catavam lixo para comer, estudam, aprendem profissões e nunca mais precisaram revirar lixo para ganhar a vida.

Os antigos catadores foram alfabetizados e fizeram curso de cooperativismo. Na solenidade de formatura, trouxeram filhos e parentes. Uma estátua no meio do parque presta homenagem ao agente de reciclagem. Aos domingos o parque está repleto. As quadras e *playground* lotados. Meninas adolescentes perfumadas e com os cabelos molhados chegam para buscar as mães no final da tarde. Parece um sonho. Mas o pôr-do-sol no lixão agora é bonito.



A luta por moradia

*6 mil novas casas em 8 anos; outras 6 mil consolidadas;
62 mil pessoas atendidas*

Se o custo de moradia está caro em todo o Brasil, imagine em uma ilha, perto de São Paulo, junto ao maior Porto da América Latina, o maior polo petroquímico do Brasil e inúmeras praias, onde vive 1 milhão e 476 mil pessoas? A mão-de-obra que atua na região, ao longo das décadas, acabou invadindo manguezais e formando favelas para fugir do aluguel. Nesse contexto, São Vicente “ganhou” 22 favelas, com cerca de 100 mil moradores, praticamente 1/3 da população da Cidade.

Pronto! Estava criado o maior problema da Primeira Cidade do Brasil. Sem saneamento e o mínimo de infraestrutura, as favelas reproduziam, em proporções geométricas, problemas de saúde, segurança, explosão demográfica, ou seja, acabavam levando a culpa por tudo de ruim que acontecia na Cidade. Além disso, São Vicente abrigava uma das maiores favelas do Brasil, a México-70, que se formou quando o País ganhou o tricampeonato mundial de futebol, no México, em 1970, e que chegou a abrigar 50 mil moradores em palafitas fincadas no mangue.

Após dois mandatos, Márcio França urbanizou 16 das 22 favelas da Cidade. Foram 13.872 famílias beneficiadas por 31 projetos habitacionais. Na soma, são 6.209 famílias atendidas diretamente com novas moradias, construídas com recursos da União, Estado, Município e cooperativas. Outras 4.663 famílias tiveram suas casas consolidadas com obras de infraestrutura urbana. Mais 3 mil lotes urbanizados darão origem a um novo bairro na área continental – o maior loteamento registrado no País.

Ao todo, são 64 mil pessoas que estão vendo o sonho da casa própria ser concretizado, o equivalente a 23% do total de habitantes da Cidade.

É muito? Para qualquer administração trata-se de uma marca invejável. Mas o maior problema urbano de São Vicente continua sendo o déficit habitacional. Ainda faltam cerca de 9 mil moradias dignas para abrigar cerca de 32 mil pessoas que vivem nas seis favelas ou invasões precárias que restaram.

O que chama a atenção é como França conseguiu tantos investimentos em moradia popular num período de verbas curtas.

Grosso modo, a explicação está nas parcerias firmadas entre Prefeitura, Governo Federal, Estadual e sistema de cooperativas. Foram convênios que representaram investimentos da ordem de R\$ 150 milhões em 31 projetos desenvolvidos na Cidade.

Mas o montante não seria suficiente para atender tanta gente nem transformar 16 favelas em bairros. O pulo-do-gato estava na chamada consolidação das moradias que já existiam em condições condenáveis. Consolidação seria então um eufemismo para ex-barraco arrumadinho? Não mesmo. O que Márcio França logo percebeu é que, mais uma vez, poderia contar com a população carente da Cidade. Viu que se desse a largada, se fizesse a coisa circular no sentido positivo, poderia, também na área da habitação, produzir parcerias produtivas.

O macete foi descoberto quando resolveu urbanizar uma favela chamada Saquaré, situada ao lado da México-70, que recebe um superprojeto habitacional a cargo da CDHU. Enquanto a ação do Estado consiste em remover as famílias para fazer a infraestrutura e as casas; mantê-las esperando em alojamentos e depois trazê-las de volta, Márcio França decidiu, no núcleo ao lado, implantar a infraestrutura com as casas lá mesmo.

De repente, os moradores se viram cercados por máquinas e centenas de operários. Continuaram a viver nas suas casas, mas dentro de um canteiro de obras. Redes de esgoto e drenagem eram instaladas

enquanto mulheres lavavam roupa a menos de dois metros. Uma bagunça! Crianças assistiam a tudo de perto, da janela dos barracos.

Para criar ainda mais confusão, alguns barracos tiveram que ser removidos inteiros para acertar o traçado das ruas que vieram para substituir os trapiches de madeira. Caminhões com aterro circulavam a todo instante. Muita gente reclamou e o prefeito, que percorria as obras todos os dias, falava que não era possível fazer omelete sem quebrar ovos. Quando a poeira assentou, o ambiente de acampamento de guerra deu lugar a ruas asfaltadas, com drenagem, rede de esgoto, iluminação pública e até espaço para lazer.

Ao lado, no projeto da CDHU, as famílias ainda estavam nos alojamentos, onde ficariam por bem mais tempo. Muita gente saía de casa e não acreditava no que havia se transformado a Favela Saquare. Outros perceberam antes e, já durante as obras, trataram de arrumar suas próprias moradias. Era uma parede de bloco, um piso, um muro novo, mais uma laje e a mania de reforma do brasileiro fez o resto.

O fato é que a própria população, ao ver nascer um novo bairro ao redor de suas casas, arregaçou as mangas. Cada um fez o que pôde para adequar a residência ao novo padrão urbanístico do lado de fora. Deu-se mesmo uma competição pela melhor fachada, pela melhor janela. É claro que faltou dinheiro, que obras ainda estão inacabadas. Mas é fato também que a maioria dos barracos virou casa de alvenaria e que a valorização dos imóveis é realidade. Márcio França sentiu que deu certo e não pensou duas vezes: mesmo com valores baixos, tributou o novo bairro. Os carnês chegaram e, com eles, as reivindicações. A Prefeitura teve que responder à altura e fez creches, escolas, equipamentos de saúde, áreas de esporte e lazer.

O prefeito viu que consolidar habitações já existentes implantando infraestrutura sem mexer nas casas custa muito menos e é indiscutivelmente mais rápido. França diz sempre que o ótimo é inimigo do bom e que as pessoas querem soluções urgentes para problemas. O político, como o povo, não pode gostar de esperar. Decidiu então buscar

novos recursos e repetir a dose.

O primeiro passo para atrair mais investimentos foi a elaboração de um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano pela Secretaria de Obras e Meio Ambiente, devidamente aprovado pela Câmara, que, ao invés de dificultar, facilitou os grandes empreendimentos voltados para as camadas mais carentes. A abertura das chamadas Zeis – Zonas Especiais de Interesse Social – incentivou o aproveitamento de glebas antes improdutivas, que só geravam débitos aos seus antigos proprietários, que não pagavam os impostos municipais e assim eram os detentores das maiores dívidas de IPTU da Cidade.

O prefeito chamou os donos das glebas e ofereceu-lhes opção de saldar os débitos e ainda ganhar dinheiro com a adesão aos programas habitacionais disponíveis junto aos mais diversificados agentes financeiros.

Mas aprovar projetos de grande porte não é fácil. Problemas com documentação, como a exigência de escrituras definitivas por partes dos bancos, sempre provocavam demoras, sem falar das adaptações à legislação ambiental, que pede saneamento, drenagem e completa infraestrutura antes da construção das casas. A solução encontrada pelo prefeito foi montar um esquadrão especializado em providenciar documentos e aprovações junto aos órgãos competentes, seja em São Paulo ou Brasília.

Uma espécie de SWAT dos projetos habitacionais foi criada na Secretaria de Obras, formada por arquitetos, engenheiros e outros idealistas, que eram convocados, a qualquer hora do dia ou da noite, para tomar um avião ou subir a Serra para encontrar com autoridades que poderiam tornar mais rápida a aprovação de projetos. O que menos importava eram as barreiras ideológicas. Seja lá que partido estivesse no poder, no Estado ou na União, os técnicos de São Vicente tinham que agarrar nos seus pescoços até conseguir os projetos, os recursos, as autorizações, a papelada necessária.

Para viabilizar os projetos habitacionais foram essenciais as

parcerias firmadas entre a Prefeitura, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) e o Programa de Arrendamento Residencial (PAR), com recursos da Caixa Econômica Federal. A parceria com o Governo Federal também deu grandes resultados, possibilitando convênios com os programas Habitar Brasil-BID, Morar Melhor e Fehidro, envolvendo ministérios dos governos Fernando Henrique e Lula. Sem o empenho de todos, certamente não seria possível ver o sonho de tanta gente realizado.

Oito projetos foram subsidiados pelo PAR, sete receberam fundos da CDHU, nove contaram com participação do Município, Estado, União e outros sete foram erguidos por cooperativas.

O PAR é um programa destinado a famílias que possuem renda mensal de no máximo seis salários mínimos, funcionando como uma forma de *leasing* - o arrendatário paga mensalidade bem mais baixa que um aluguel e, ao final do prazo médio de 15 anos, torna-se proprietário do imóvel. Os moradores do conjunto residencial Samaritã B, por exemplo, pagam prestações mensais inferiores a R\$ 190.

Já a CDHU atende famílias com renda de um a dez salários mínimos que devem morar na Cidade há pelo menos três anos. As prestações mensais são pagas durante um prazo predeterminado de, no máximo, 25 anos.

E a CDHU fez intervenção de impacto na México-70, que no início dos anos 90 era considerada a maior favela da região. Por ordem direta do então governador Mário Covas, o núcleo recebeu o maior projeto de desfavelamento do Brasil. Com um investimento de R\$ 31 milhões, foi preciso primeiro fazer o solo para depois construir as moradias. Isso porque tudo era mangue degradado. Foi utilizada areia do fundo do estuário para, por bombeamento, ser promovido o chamado aterro hidráulico. A areia molhada permaneceu meses compactando em enormes cercados de madeira e plástico, formando paliçadas, enquanto a água escorria lentamente. Os ocupantes foram removidos para alojamentos.

Quando o solo estava firme, foram construídas 1.437 moradias, sendo 1.125 dentro e 312 fora do núcleo. As situadas fora atenderam às necessidades de remoção de famílias que viviam em palafitas fincadas dentro de canais. A revolução no setor estendeu-se para a área continental do município, com 10 conjuntos habitacionais totalizando 2.915 unidades, sendo 1.559 do PAR, 1.159 da CDHU e 197 do Movimento Casulo (cooperativa). Só naquela região, foram investidos R\$ 66,7 milhões.

Há também projeto de abertura de outros 3 mil lotes pela Cooperativa Verde-Mar que abrigariam 197 casas a serem erguidas pelo Movimento Casulo, uma obra a ser fiscalizada pela CDHU, com recursos do Governo do Estado de São Paulo. São casas isoladas de 42 metros quadrados propostas para terrenos de 180 metros quadrados cada e com um atrativo especial: prestações de R\$ 36. Cadastramento realizado com critérios garantirá o direito às moradias apenas às famílias realmente necessitadas.

O primeiro impacto positivo do empreendimento será a geração imediata de 500 empregos diretos. O núcleo mais antigo da área continental de São Vicente, a Vila Samaritá, ganhou um conjunto habitacional com 320 casas, junto ao Anel Viário implantado pela Prefeitura, em terreno já escriturado de 57.600 metros². O Plano Diretor, além de garantir a infraestrutura para os loteamentos, dá condições para a atração de novos empreendimentos que estão mudando o perfil da antiga Vila Samaritá, que terá ao todo 1.300 moradias populares.

Já na Favela Sambaiatuba, perto do antigo lixão, foi possível utilizar os dois métodos: o da construção de novas moradias e o da consolidação das situadas em áreas que não comportavam mais recuperação ambiental. O dique repleto de palafitas junto ao estuário virou uma avenida à beira-mar, com mangue preservado. As 689 famílias que lá viviam receberam casas novas a custo zero, com recursos de R\$ 12 milhões do Programa Habitar Brasil-BID, do Governo Federal. Os benefícios são visíveis, com melhoria na qualidade de vida das pessoas.

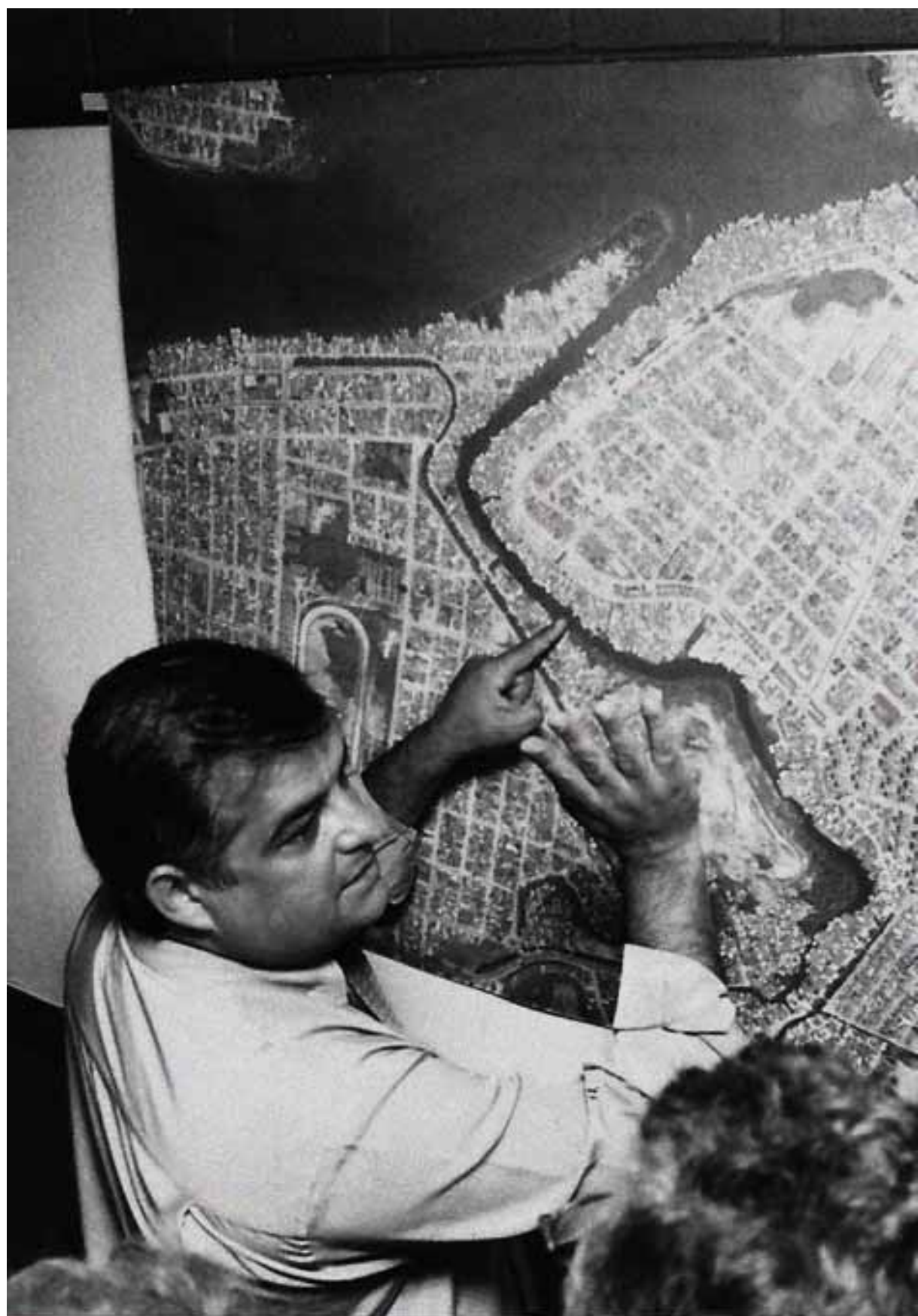
O projeto é considerado modelo para todo o Brasil, principalmente porque a Prefeitura de São Vicente conseguiu conter novas invasões e tirar a antiga sensação de enxugar gelo daqueles que se dedicavam a transformar favelas em bairros e vê-las surgir meses depois nos mesmos locais, pondo a perder projetos sociais e de preservação ambiental.

Só fazer casas não termina com o desafio urbano de regiões litorâneas, onde a maior parte das áreas invadidas pertence à União. Foi preciso buscar a essencial parceria com a Secretaria de Patrimônio da União, do Ministério do Planejamento, para dar início a um processo de regularização fundiária de um total de 11 glebas, perfazendo mais de 2 milhões de metros quadrados.

São Vicente se dispôs a assumir as áreas e dar o título de propriedade aos seus antigos ocupantes por um sistema que garanta à mulher o direito à escritura. O levantamento das áreas foi realizado pela Prefeitura. A União, em regime de mutirão, providencia a transferência com a condição de o Município fornecer a infraestrutura urbana e social, além de continuar impedindo novas invasões. É o que está sendo feito.

Esta última exigência acabou representando uma faceta inicialmente insólita para profissionais tradicionalmente engajados em causas sociais, como arquitetos e assistentes sociais. Nenhum deles jamais pensou, quando eram estudantes combativos e geralmente simpáticos à esquerda, que se viriam empenhados em conter invasões, uma ação que também significa dizer não às famílias de migrantes carentes que pretendem ocupar manguezais para formar favelas. E, dizer não, quer dizer, também, derrubar barracos em fase de construção e ter que chamar a Polícia para usar a autoridade necessária.

Eles têm plena consciência que impedir invasões significa lutar pela saúde pública da população regional, que quer estuário e praias livres de esgoto; representa defender os próprios migrantes carentes do risco de viver em condições insalubres e também garantir o bom uso dos recursos originários de todos os contribuintes brasileiros em projetos habitacionais de sucesso.



Adoro problemas

Descoberta a estratégia mental, o pulo-do-gato de Márcio França

Uma coisa muita gente ainda não entendeu. Por que outros prefeitos que antecederam Márcio França não resolveram problemas históricos como o do lixão, da falta de acesso aos bairros ou da falta de escolas? Parece que foi fácil - para quem lê agora este resumo - ter as idéias e as iniciativas que o prefeito tomou para alcançar tantos resultados.

Qual a diferença? Afinal, todos queriam fazer sucesso e conheciam os problemas da Cidade.

Para entender o que aconteceu nos oito anos que mudaram São Vicente é preciso mergulhar na cabeça do homem que causou tudo isso. A verdade é que uma pessoa faz a diferença. E a diferença está no modo de pensar, de sentir e de agir de determinado ser humano. O mais proveitoso deste processo talvez esteja nesta tentativa de entender o mecanismo emocional e cerebral que faz uma pessoa ter mais sucesso que outras.

Márcio França não é um exemplo de autoconfiança. Em essência é tímido, demonstra alguma ansiedade e tem extrema dificuldade em elogiar as pessoas. Mas passando alguns momentos ao seu lado nas horas mais difíceis, quando surgiam problemas aparentemente insolúveis, foi possível tentar captar alguns dos seus mecanismos mentais.

Ficar alguns minutos no gabinete do prefeito é se colocar debaixo de uma cascata intermitente de problemas, que caem ao mesmo tempo sobre a cabeça do administrador e do político. Se agir só como administrador, resolvendo os problemas sob o ponto de vista contábil e burocrático, o prefeito corre enorme risco de errar politicamente, o que

lhe pode causar mais à frente enormes e novos problemas administrativos e também políticos. Uma bola de neve sem fim.

É preciso misturar os dois e dar mais importância à mais nobre das artes, a da política, como veremos adiante.

Os problemas tomam dimensões ainda maiores quando se trata de uma Cidade cuja maioria da população é pobre, tem doentes na família, não encontra emprego. Enfim, quando todos carregam pequenas tragédias e explodem em fúria e dor quando acontece uma enchente, o hospital está para fechar por causa de uma greve ou têm seu carrinho de ambulante apreendido pela fiscalização, por exemplo. A urgência das soluções não permite transferir decisões para mais tarde, marcar novas reuniões. As pessoas querem uma resposta na hora. Não aceitam sair sem um caminho a seguir.

Como um goleiro em treinamento que recebe chutes seguidos e precisa defender todos, o prefeito de São Vicente tem que responder rápido, quase reflexivamente. E a pressa pode fazê-lo errar. E os erros não podem ser transferidos. Não serão dos outros, dos seus auxiliares. Pelo contrário, terá que trazer para si o erro dos outros.

O prefeito será cobrado duramente na Justiça e nas urnas por cada falha que cometer, mesmo que tenha agido com a melhor das intenções. A cobrança é implacável. Até porque pega muito bem condenar políticos, tidos como poderosos, petulantes. É notícia quando se abre um processo investigatório para checar determinada denúncia, mesmo que infundada. O resultado do processo, a “absolvição”, nunca terá o mesmo destaque. É assim que funciona e nada se pode fazer para mudar o moto-contínuo da forma de operar da imprensa.

Consciente sobre o jeito como as coisas funcionam e, após aprender apanhando, o prefeito se submete à rotina diária da saraivada de problemas. Ou cria uma estratégia mental ou será esmagado rapidamente. Tudo caminha para um processo de embrutecimento do político, de endurecimento, que tende a privá-lo mesmo da sensibilidade

e da crença no ser humano, passando a acreditar que todos querem sempre é receber vantagens, dinheiro e poder. Como evitar isso?

Percebi como Márcio França aprendeu a enfrentar este que, sem dúvida, é o maior desafio do político que assume cargo executivo. Uma das estratégias, talvez a mais importante, e que ele provavelmente adota inconscientemente, é encarar de forma lúdica tremendo desafio. Sem perder jamais a responsabilidade ou ter consciência da gravidade dos problemas e das decisões que toma, França recebe e lida com a saraivada de problemas como um desafio intelectual e de caráter.

Quando tem que receber pessoas carregadas de mágoas, ressentidas e até com sentimentos de vingança em relação às outras, por exemplo, Márcio França começa a avaliar as opções de contorno da situação enquanto ouve os desabafos. Enquanto lhe apresentam quadros escabrosos, insolúveis, que dependem de recursos de que não dispõe, por exemplo, percebe-se que, ao mesmo tempo em que recebe as informações, trata de desenhar na mente as soluções. A diferença é que passou a encarar tantos desafios com prazer, como se estivesse sendo testado em algum programa do tipo “ache a resposta certa”.

Nota-se em determinadas áreas do seu rosto, mesmo que bem discretamente, expressões de satisfação pelo desafio intelectual e de caráter a que está constantemente submetido. Quando vem a solução não se contenta e, muitas vezes, explode em alegria e comemora como um gol. Quem quiser pode interpretar mal esta estratégia. Mas, mesmo assim, não deve perder esta oportunidade de aprender um jeito interessante e eficiente de enfrentar a vida de frente.

Mesmo quando o Gabinete está com cinco ou seis pessoas ao seu redor, cada um trazendo um problema maior que o outro, Márcio França, como um jogador de xadrez acuado num xeque-mate iminente, levanta o olhar e refugia-se num espaço imaginário ou sai mesmo para um canto vazio e encontra ali um microambiente para o pensamento fluir. Seus pensamentos precisam de espaço. Logo ele traz idéias,

opções, que muitas vezes vão sendo rechaçadas uma a uma pelos seus assessores, que citam impossibilidades financeiras, legais, físicas e toda sorte de motivos para nada dar certo.

Esta reação, em vez de derrubá-lo emocionalmente, estimula-o ainda mais, principalmente quando o argumento é inteligente e evita problemas maiores. Com as sobranceiras levantadas e a satisfação do novo desafio, Márcio França percorre novamente o ambiente, sonda as expressões de todos na sala, como que auscultando suas almas, e se sai com novas opções, muitas surpreendentes, algumas brilhantes, que deixam a todos embasbacados, encantados mesmo por terem participado daquele momento.

Este eterno desafio não ocorre apenas no Gabinete da Prefeitura. É uma atividade *full time*. Quando está em casa, nas ruas, em compromissos sociais, Márcio é acionado a cada 4 minutos em média por telefonemas de colaboradores que lhe apresentam as mais diversificadas equações para resolver. Querem saber quem convidam para determinado evento; como respondem a um procedimento judicial; como negociam com um fornecedor; que atores convidam para a Encenação; como respondem a um questionamento da imprensa, quantas casas colocam num projeto habitacional. Enfim, é uma sabatina constante, a ponto de o prefeito ter admitido, recentemente, que acabou dependente deste processo de uso intermitente dos neurônios. Disse que quando não é estimulado a resolver problemas e a exercitar a criatividade, fica tão relaxado que tem sono e dorme.

Mesmo quando consegue tirar alguns dias para viajar com a família não para de ler jornais. De repente, durante um cruzeiro, os amigos procuravam Márcio França no navio. Acharam-no participando de um jogo intelectual, daqueles em que deve resolver charadas, lembrar de nomes de capitais de países ou de personalidades mundiais.

Quando está cansado, chama os amigos para conversar sobre temas diversos enquanto prepara pratos elaborados, trabalhosos, que requerem temperos especiais, idas ao forno, pré-cozimento e inúmeras

etapas repletas de detalhes. Quando todos já estão exauridos de tantas reflexões e desafios intelectuais, Márcio França, para não incomodar os outros, se dedica ao solitário *hobbie* de criar peixes de água salgada em aquários que necessitam de extremos cuidados e leitura de revistas especializadas. É de matar!

Na verdade, este seu gosto por colocar a mente à prova de desafios caiu como uma luva no destino daqueles 320 mil habitantes de São Vicente, que viviam com os problemas acumulados nos 466 anos de história da Primeira Cidade do Brasil. França foi colocado por Deus num verdadeiro *playground* para exercitar suas habilidades. Se ele usa esta atitude mental como uma técnica intencional ou se foi induzido a isto não importa. O interessante é que fica a lição, não apenas para os políticos ou administradores, mas para todos que tiverem que enfrentar desafios.

Tudo deve ser feito com prazer, se possível com um espírito leve, lúdico, desimpedido de ressentimentos e sem a sombra ou o complexo da incapacidade. Ele realmente acredita que pode e faz. Se coloca mesmo acima das dificuldades, pretensiosamente, com a boa pretensão de acertar, de vencer. É do tipo que se arruma, se olha no espelho e, mesmo percebendo que está um pouco acima do peso, acredita piamente que está bem, que vai fazer sucesso e realmente faz.

Usa uma técnica ou um instinto de agigantamento diante dos problemas, diante dos adversários. Fala sempre mais alto, mais forte, emocionante. Mesmo de baixa estatura, olha de cima para todos e para todas as situações. Arrogante? Pode ser. Covarde? Jamais.

De tanto surpreender, Márcio percebeu que as pessoas esperam sempre mais dele. Vive assim em constante furor intelectual. Depois do mandato de oito anos no Executivo assumiu o desafio de ser deputado federal. Virou importante liderança na Capital Federal. Articula junto ao presidente Lula os destinos do País. E agora? Tudo pode acontecer na carreira de quem faz política com paixão. De quem se inspira no olhar brilhante das crianças das periferias do Brasil.



Saindo das sombras

*Projetos de inclusão social
resgatam 10 mil pessoas*

João Carlos Silva, 32 anos, quase nunca saía de casa. Sua vida se resumia a assistir TV, comer, ler, dormir. Como ele, pelo menos 10 mil pessoas na Cidade viviam excluídas por falta de oportunidades de locomoção ou ausência de algum tipo de apoio do Poder Público. Eram vidas nas sombras, escondidas, meias-vidas de gente capaz e que poderia contribuir para a sociedade com seus talentos.

As estatísticas da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que cerca de 10% da população, em todas as cidades, é formada por portadores de necessidades especiais. Geralmente esse contingente só encontra abrigo ou espaço para atuar em entidades como a Apae e congêneres. Assim, a maioria fica de fora de programas de inclusão e continua a viver nas sombras.

Nas periferias das cidades carentes, como São Vicente, o drama é ainda mais intenso. Muita gente deixa de trabalhar ou estudar por falta de uma prótese, por exemplo. Márcio França resolveu tirar estas pessoas de casa, fazê-las se expressar, viver intensamente. Assim criou, em julho de 1997, o Centro de Reabilitação e Inclusão Social (CRIS), com a anuência do Conselho Municipal de Saúde e que contava com recursos do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os profissionais do CRIS atendiam desde pessoas com patologias neurológicas a sequelas motoras. São casos como AVC (derrame), lesão medular, Mal de *Parkinson*, sequelas de neurotoxoplasmose, TCE (trauma encefálico), amputações e encefalopatia não-progressiva. O

paciente passa por várias especialidades, conforme a necessidade para a sua reabilitação. A maior demanda era de pessoas com seqüelas de AVC. Elas tinham em sua maioria mais de 40 anos e dificuldades para se locomover.

A fonoaudiologia atuava junto aos deficientes auditivos, pessoas com problemas neurológicos, AVC, TCE, trauma crônico, encefálico, lesão medular e paralisia facial, num total de 140 pacientes por semana. Desenvolve com estes pacientes um trabalho de comunicação, utilizando método audiovisual, entre atividades lúdicas e linguagem de sinais, para melhorar a situação escolar e social.

As ruas da Cidade ganharam novos habitantes, que agora saem de suas casas, trabalham e contribuem com seus talentos

O CRIS contava ainda com uma perua Kombi, adaptada para o transporte daqueles com maiores dificuldades de locomoção. O veículo leva o paciente para o tratamento e o traz de volta na porta de casa.

Em 2002 foram realizados no local 17.615 atendimentos; no ano seguinte foram 28.231. O equipamento teve que ser ampliado e deu origem aos atuais Reabilitar I e II, que hoje promovem 5 mil procedimentos/mês. Todos são avaliados minuciosamente pela equipe multidisciplinar, que indica o equipamento de acordo com a necessidade de cada caso.

Além do trabalho de recuperação no CRIS, a Prefeitura criou o Programa Municipal de Órteses e Próteses, que já forneceu 750 equipamentos terapêuticos, além de aparelhos auditivos e outros necessários para melhorar o desempenho de pessoas que se tornaram incapacitadas em razão de problemas congênitos ou até mesmo em consequência de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão ou acidentes.

São cadeiras de rodas especiais e comuns, próteses, órteses, pares de goteiras (aparelho especial para os pés de pessoas com paralisia cerebral ou que tiveram lesão medular e acidente vascular cerebral). Muitos equipamentos são feitos sob medida após os pacientes tirarem os moldes. Assim, as ruas da Cidade, cujas calçadas tiveram guias rebaixadas, ganharam novos habitantes, que agora saem de suas casas, trabalham e contribuem com seus talentos.

Por ser realizado totalmente com recursos municipais e utilizar até próteses e equipamentos importados, o programa de São Vicente foi considerado um dos melhores do Brasil, em 2003, durante congresso da especialidade em São Paulo.

São Vicente também foi pioneira na adoção de linguagem para deficientes auditivos em sala de aula no Litoral Paulista. São 60 alunos no processo de aprendizagem do sistema de Língua Brasileira de Sinais (Libras). As escolas União Cívica, Carolina Dantas, Augusto Saint Hillaire e Jorge Bierrenbach (Área Continental) são adeptas do projeto de educação especial e contaram com a professora Conceição Aparecida Fioramonte para ensinar a linguagem de sinais aos alunos matriculados em classes especiais.

Regulamentada em 24 de abril de 2002 pela lei nº 10.436, a Libras padroniza a comunicação entre deficientes auditivos no País, permitindo a inserção do método na grade curricular, o que estabelece uma educação bilíngue para surdos.

O sistema linguístico da Libras é de transmissão de ideias e fatos provenientes de comunidades de pessoas surdas no Brasil, tem natureza visual-motora, possui estrutura gramatical própria e é uma forma de comunicação e expressão.

Como a utilização de sinais é a expressão materna dos surdos, a Língua Brasileira de Sinais assumiu caráter mediador e de apoio na aprendizagem da Língua Portuguesa, pois, para o deficiente auditivo, aprender a escrever é como desenvolver uma segunda língua.

Alguns pesquisadores afirmam que a educação dos surdos fracassa pela falta de significados de sua língua, o que gerava, em larga escala, analfabetismo. A falta de uma política bilíngue no trabalho pedagógico acabava negligenciando o papel central da língua em relação ao processo de aprendizagem.

O problema dos surdos para escrever estava relacionado ao desenvolvimento de uma língua efetiva que lhes permitia estar inseridos no contexto social, ou seja, ter identidade sociocultural para poder, assim, entender as diferenças existentes entre a sua própria língua e as outras. O reconhecimento da identidade própria e do outro traduz-se no direito à igualdade e respeito às diferenças que foi conquistado em São Vicente com obstinação por Márcio França.

Para proporcionar cultura a outro grupo pouco assistido, França criou a primeira Biblioteca Fonada do Litoral, que realiza 50 atendimentos mensais a deficientes visuais, proporcionando a leitura, por meio de equipamentos de som, dos grandes títulos da Literatura Nacional e Estrangeira gravados em fitas cassetes.

Portadores de deficiência auditiva participam de curso de informática no Infocentro, criado em parceria com o Governo do Estado. Um professor de informática e uma intérprete em linguagem de sinais atendem o grupo aos sábados. Já se formaram várias turmas de pessoas incluídas no mundo digital.

Corações ajudam cérebros no São Camilo

Mas havia ainda um segmento isolado, o das crianças portadoras de paralisia cerebral, cujos pais eram obrigados a recorrer a caríssimas clínicas particulares. Os que não tinham recursos, como a maioria da população de São Vicente, mantinham as crianças em casa, cabisbaixas, sem nenhum estímulo, o que agravava o problema. A professora Lúcia França, presidente do Fundo Social, resolveu simplesmente construir um centro especializado para as crianças com paralisia cerebral que prestasse atendimento gratuito.

Foi advertida de que se tratava de um empreendimento caro e que não havia dinheiro para tanto. Aos que a alertavam, mostrava que existiam na Cidade crianças jogadas, que mal podiam se mexer, mas que ainda traziam um brilho nos olhos que parecia dizer “ajudem-me a viver a infância”.

Num dos shows de Ano Novo a professora falou ao cantor Daniel sobre seu sonho e o artista doou sua jaqueta para ser leiloada. Pronto! Começava ali uma série de eventos para arrecadar dinheiro para o centro. O empresário que arrematou a jaqueta decidiu doá-la novamente para que gerasse mais dinheiro para o empreendimento. Foi lançada uma rifa com mais de 50 mil talões e a população aderiu em massa, com pessoas carentes fazendo questão de dizer que estavam comprando porque queriam ajudar a construir o centro. Foram organizados também jantares, desfiles e campanhas sucessivas, sempre com enorme adesão popular.

As obras começaram e, enquanto se erguiam paredes, chegavam doações de tinta, de tubulações, de equipamentos. No dia 2 de abril de 2002, o Centro São Camilo foi inaugurado e passou a atender 150 crianças de toda a região, de 0 a 12 anos, acometidas da doença, síndromes e outros comprometimentos motores. Os corações sensíveis da comunidade ajudaram a tratar dos cérebros das crianças atendidas no local. O Centro tem o nome de São Camilo em homenagem ao sobrenome do cantor - Daniel Camilo. A coincidência: São Camilo é o santo protetor dos doentes.

Neurologista infantil, auxiliar de enfermagem, assistente social, três fisioterapeutas, três fonoaudiólogas, duas psicólogas, pediatra, professor de educação física, técnico de nutrição, dentista, fisiologista e acupunturista formam a equipe multidisciplinar do São Camilo. Oito salas equipadas com tecnologia de ponta estão à disposição dos profissionais que cuidam de crianças encaminhadas por profissionais da área de saúde ou pelas escolas municipais.

O São Camilo conta com uma piscina coberta e aquecida de 8 x 6 metros e profundidade de 1,2 metro, cuja água é tratada por

processo de salinização, pois o cloro, produto químico geralmente utilizado em piscinas, pode provocar problemas respiratórios nas crianças. A Câmara de São Vicente fez contenção de despesas e, com a economia, doou um veículo adaptado, que permite ao Centro transportar os pacientes com mais facilidade. A partir do momento em que chega na unidade, a criança é avaliada tecnicamente por uma equipe multidisciplinar. Esse procedimento identifica se há necessidade de incluí-la em algum dos programas oferecidos pelo equipamento. Todo o atendimento é prestado gratuitamente.

Alguns programas desenvolvidos no Centro São Camilo:

Sistemas para Estimulação Íntegro-sensorial – Indicado para tratamento de pacientes com retardo no desenvolvimento neuropsicomotor (RDNPM), ou seja, aquelas crianças que começam a desenvolver-se tardiamente, não conseguem andar, falar ou se locomover. É um trabalho basicamente fisioterapêutico. O objetivo é estimular o paciente de maneira generalizada através de seus sentidos, trabalhando com brinquedos e ferramentas que auxiliem tanto sua melhora na parte motora quanto física.

Gratuidade de transporte – Visa à concessão de transporte gratuito para municípios com necessidades especiais.

Órtese e Prótese – Fornece aos pacientes, próteses (substituição de membros) e equipamentos terapêuticos (cadeiras de rodas e muletas, por exemplo) melhorando sua qualidade de vida e inclusão social.

Oficina de Arte-Reabilitação – Promove a inclusão social da criança por intermédio de atividades artísticas, como pintura, artesanato e escultura em argila.

Grupo de Apoio Terapêutico I – Apoiado em trabalhos de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia. É direcionado aos pacientes com multideficiência. Oferece atendimento interdisciplinar objetivando a manutenção dos padrões motores e funcionais adquiridos, evitando o surgimento de contraturas ou deformidades e a piora das sequelas.

São grupos de cerca de 10 crianças, incentivadas a executar tarefas que viabilizem a sociabilização, como brincadeiras com bola e outros brinquedos. Com tais atividades, é possível traçar um perfil da criança.

Grupo de Apoio Terapêutico II – Indicado aos pacientes com melhor compreensão de suas necessidades e limitações. Aplicado quando a criança já apresenta condição estável, começa a locomover-se e alimentar-se. Atua quando a família apresenta condições de executar o trabalho de manutenção, sendo orientada de maneira adequada por profissionais. Resulta no estreitamento do vínculo com a família. É um pós-tratamento. Os exercícios feitos na instituição – cuidados básicos com a criança, como aprender a vestir-se, pentear-se, ir ao banheiro - podem ser repetidos em casa, com o apoio imprescindível dos familiares.

Grupo Terapêutico Precoce I – Trabalho feito com acompanhamento de fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicóloga e pedagoga. Atende a crianças com menos de um ano e tem o objetivo de estimular as áreas de sociabilização, linguagem expressiva, área cognitiva e motora. A partir do momento em que o paciente apresenta melhoras significativas, passa para o Grupo Terapêutico Precoce II.

Grupo Terapêutico Precoce II – Procura conscientizar sobre a importância da atuação interdisciplinar o mais rápido possível após o diagnóstico da patologia. A família recebe orientações gerais básicas sobre como lidar com situações primárias, como alimentação e postura. Visa à inclusão social da criança com o meio em que vive.

Coral São Camilo – Executa o trabalho de inclusão social da criança por intermédio da música. Trabalha a coordenação motora global, estimulação de linguagem oral e organização cognitiva.

Grupo de Orientação Familiar – Trata-se da formação de grupos de mães que são orientadas pela equipe multidisciplinar a fim de terem uma amplitude maior das necessidades de seus filhos e das patologias atendidas pelo Centro. Elas dividem experiências e se ajudam trocando importantes relatos.

Hidroterapia – Propicia todos os benefícios da água ao paciente, que apresenta desenvolvimento motor global e melhora seu tônus muscular (resposta muscular a estímulos).

Esporte Adaptado – Por intermédio do judô, pode-se trabalhar o equilíbrio corporal, a organização dos movimentos, além do caráter de sociabilização e disciplina.

As crianças com maior comprometimento motor ou patologias mais sérias são tratadas em um ambulatório instalado dentro do Centro de Referência em Emergência e Internação (CREI), um mini-hospital no Centro da Cidade. Lá, a criança terá o respaldo técnico de fonoaudióloga e fisioterapeuta especializadas no tratamento de pacientes com complicações maiores. Ainda trabalham no local uma estagiária de nutrição e uma equipe que faz a antropometria (medição de peso e altura) dos pacientes e define o melhor tipo de dieta por sonda ou via oral a ser seguida.

Administrado pela Secretaria de Saúde da São Vicente, o Centro de Atendimento à Criança Portadora de Paralisia Cerebral São Camilo existe graças à iniciativa do Fundo Social de Solidariedade, da garra de suas conselheiras e da obstinação da professora Lúcia, que gostou do desafio e já envolveu a Cidade em outra empreitada.

Crianças com câncer

Aproveitando a credibilidade adquirida com o São Camilo - e o crescente prestígio político do prefeito Márcio França – o Fundo Social promoveu nova campanha para criar um espaço de cunho regional destinado a proporcionar o ambiente recomendado para as crianças com câncer receberem quimioterapia. Elas deitavam-se ao lado de doentes em estado avançado, depressivos, num quadro dramático que não favorece a cura. As modernas tendências de tratamento recomendam ambientes alegres, lúdicos, que privilegiem o lazer, de modo que as crianças sofram menos ao receber a medicação. Assim é o Centro Regional em Oncologia Infantil (CROI), que tem quadras esportivas,

playgrounds, salas pintadas em cores alegres e muita diversão.

O objetivo do CROI é oferecer apoio ao tratamento de crianças com câncer e a suas famílias, realizando exames, acompanhamento psicológico e outros procedimentos. Atualmente, também são oferecidas outras especialidades pediátricas.

A unidade fica entre as ruas Serchio, Polydoro de Oliveira Bittencourt e Rodovia dos Imigrantes, na Vila Margarida, e tem 17 mil metros quadrados. A iniciativa, além das constantes doações da comunidade, recebeu R\$ 312.727,96 do Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (Condesb), uma vez que tem caráter metropolitano.

Projetos sociais atendem mais 11,5 mil/mês

Era necessário também incluir vítimas de abuso sexual, de violência doméstica, jovens em situação de risco, adolescentes, adultos e idosos. Foi criada a Secretaria de Cidadania e Ação Social (Secias), que implantou 24 programas específicos, responsáveis por 11.472 atendimentos mensais. Entre as prioridades está o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), que desenvolve uma série de iniciativas para tirar as crianças de atividades laborais, sempre de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Foram abertos nove Centros de Convivência e Formação (Cecof), que assistiam crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos, com registro de 2.500 atendimentos mensais. O objetivo era prestar atendimento socioeducativo em período integral, com ações que auxiliam na prevenção de riscos pessoais e sociais, propiciando a convivência, formação e informação. O programa desenvolveu trabalho de complementação do horário escolar para assegurar o ingresso (ou regresso) à escola, na busca de um melhor aproveitamento por meio de oficinas educacionais e culturais.

A mesma faixa etária contava ainda com Centro Integrado de Atenção à Criança e Adolescente (Ciacaf), que realizava em média 200

atendimentos mensais. O objetivo é dar atenção a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social.

Já o Projeto SOS Bombeiros no Resgate da Cidadania promove atividades esportivas, artísticas e culturais, cívicas, de lazer, de apoio escolar e treinamento básico em técnicas de bombeiros. Sessenta crianças de 10 a 15 anos, de ambos os sexos, permanecem pelo período de quatro horas no 3º Subgrupamento de Bombeiros, onde ganham espaço físico, psíquico e social de acolhimento e orientação favorecendo o seu desenvolvimento global, inserção social e o afastamento de risco, o que fortalece os vínculos familiares e comunitários.

Havia o Projeto Resgatando, parceria entre a Polícia Militar, Associação Comercial, Mc Donald's e Prefeitura, que permitia a São Vicente não ter uma única criança na rua. As que antes viviam assim adquiriram disciplina militar, não podiam faltar à escola e comiam do bom e do melhor. Após oito anos, o projeto forjou cidadãos, chefes de família responsáveis e profissionais reconhecidos. O segredo? Dizer não quando é necessário, sem deixar de dar amor.

Para o atendimento do público adulto, São Vicente abriu o Centro de Cooperação Social (Cecoops), que garantia ações contínuas que possibilitam o resgate da identidade social, contribuindo para superar problemas individuais e coletivos. O Centro oferecia o Serviço de Apoio ao Trabalhador (SAT) com o objetivo de desencadear ações articuladas junto ao empresariado do Município, buscando vagas para a recolocação no mercado de trabalho a fim de minimizar os efeitos do desemprego.

Melhor Idade

Os 2.300 sócios do Clube da Melhor Idade ganharam um espaço criado para pessoas a partir de 50 anos conviverem e participarem de atividades esportivas, culturais e de lazer. Lá jogam cartas, damas, xadrez ou ainda fazem aulas de dança, ginástica e tai chi chuan. Há, inclusive, vários pés-de-valsa no clube. Muitos namoros surgem dos

encontros no local e também nos cinco Centros de Convivência (Cecons) espalhados pela Cidade, que oferecem cursos de pintura em tecido, artesanato e ginástica. Para participar é preciso ter mais de 50 anos e comparecer a uma das unidades com duas fotos 3x4 coloridas, xerox do RG e comprovante de residência. O resultado desse processo de inclusão pode ser visto nas ruas e praias da Cidade, repleta de idosos praticando esportes, conversando animadamente, namorando, enfim, desfrutando os melhores dias de suas novas vidas.



Beleza é fundamental

Turismo traz justiça social e resgata autoestima

Quando vereador, Márcio França deixou uma marca na Lei Orgânica do Município: a vocação turística. Na contramão das prioridades da época da elaboração da lei, no final dos anos 80, quando o correto era falar basicamente de investimentos sociais, França teimou em afirmar que a vocação natural da Cidade era o turismo e não a instalação de indústrias ou de empresas de apoio ao setor portuário. Apaixonado por viagens e já com considerável conhecimento dos principais roteiros do mundo, Márcio França não entendia como a Cidade, com uma das mais bonitas baías do planeta, tendo paisagens de tirar o fôlego e tamanha importância histórica, limitava-se a receber veranistas nos momentos de pico da temporada.

Quando resolveu apostar no turismo, os céticos disseram que o *boom* da Cidade ocorreu nos anos 60 e 70, quando a elite paulistana frequentava as praias e adquiria apartamentos na orla, incentivando a construção civil. Argumentavam que, com a expansão populacional e o quadro de carências sociais, o turismo havia fechado seu ciclo e o que importava agora era gerar empregos abrindo fábricas.

Márcio, por sua vez, entendia que as cidades do litoral brasileiro precisavam sair do comodismo de arrecadar apenas com turismo de IPTU e passar a faturar com turismo de ISS. Ou seja, sair da dependência dos veranistas donos de apartamentos e entrar firme na prestação de serviços e atrair também os visitantes que se hospedam em hotéis e pousadas.

Quando assumiu a Prefeitura, em 1997, Márcio viabilizou uma

agenda de shows durante o verão; incrementou a Encenação e reativou o Desfile de Carnaval para atrair mais turistas. Ao mesmo tempo, saiu atrás de empresários interessados em urbanizar a orla do Itararé, a maior praia de São Vicente. Como um vendedor, cumpriu uma maratona de exposições sobre o potencial turístico da Cidade, oferecendo pessoalmente oportunidades para se criar parques temáticos, restaurantes panorâmicos, teleféricos, aquário, mirantes arrojados, enfim, como ele mesmo diz, atirou para todos os lados.

França fez tanto estardalhaço que atraiu para São Vicente empreendedores, sonhadores e visionários de todos os tipos. Gente que queria fazer um parque histórico nos rios do estuário; que pretendia abrir um parque temático baseado na caça dos tesouros esquecidos pelos piratas que saquearam a primeira vila; instalar um restaurante panorâmico no alto de uma extinta pedreira; criar um teatro dentro da antiga área de mineração; instalar teleféricos; cemitérios verticais; cemitérios para evangélicos; *resorts* ambientais; zoológico...e as propostas nunca mais pararam de chegar.

E de tanto atirar para todos os lados, alguns projetos acabaram vingando. A antessala do gabinete do prefeito virou um ambiente frequentado por arquitetos, investidores, sonhadores de todos os tipos, gente que trazia maquetes, mapas, objetos estranhos, gente exatamente do tipo de Márcio França. Até o navegador solitário Amyr Klink procurou França. Nas audiências, que duravam horas, eram tantos planos e tantos delírios que muitas vezes era preciso sair a campo para vislumbrar melhor os traços que o prefeito fazia no ar com os dedos.

De ouvir falar da lenda do monstro do mar chamado Ipupiara, que teria habitado a Baía de São Vicente, França idealizou o Parque Ipupiara, que teria uma estátua do monstro em uma lagoa junto a um córrego repleto de peixes. Um painel de vidro contaria a lenda em português e inglês. Além de *playground* e uma caravela sobre rodas que levaria as crianças, seria aberto um cinema em terceira dimensão que exibiria filmes sobre a fundação da Primeira Vila. Tudo no meio de

uma praça, a poucos metros da praia, onde antes funcionava uma rodoviária improvisada e os turistas dormiam no chão ao lado de suas malas. Cinema na praça, monstro, córego?

Está tudo lá, na Praça 22 de Janeiro, em frente à Biquinha de Anchieta. O parque conta com 8.170 m² de áreas verdes, monumentos e equipamentos de lazer. Tem *playground*, gruta com cascata, jardim, sanitários e lanchonete, além do Cine 3D - Túnel do Tempo, primeiro anfiteatro tridimensional da América Latina, com 75 lugares e entrada franca. Quem inaugurou foi o governador Mário Covas, para despeito dos céticos.

Mas Márcio queria mesmo enlouquecer os conservadores e deu todo o apoio ao projeto do teleférico que ligaria o Morro do Voturuá à Praia do Itararé. Ao mesmo tempo, instigou o mundialmente famoso arquiteto Oscar Niemeyer a projetar um memorial em forma de mirante que seria erguido no alto da Ilha Porchat e mandou construir uma réplica da Primeira Vila do Brasil no meio de outra praça pública. Estava mesmo alucinado na visão dos que previam um futuro fabril para São Vicente.

E quando os projetos começaram a andar, Márcio descobriria que havia cutucado de forma lancinante o ranço e a inveja de dois ou três desses conservadores, que logo deram início a um bombardeio de representações e denúncias, acusando-o de descaracterizar praças e locais públicos. O prefeito percebeu que a viabilização de alguns empreendimentos custaria muita dor de cabeça e certamente tiraria alguns meses de sua vida. Decidiu não recuar.

Para lançar mais pimenta no cozido, projetou uma plataforma de pesca de 700 metros ao longo do costão que antecede a Ponte Pênsil, uma ligação com 90 anos de uso e monumento histórico tombado. Ao mesmo tempo, jogou o talento de advogado na defesa e licenciamento dos projetos junto às autoridades. Não foi fácil. O teleférico demorou mais de dois anos para ser inaugurado. O investidor teve que morar em pensão e comer de marmita de tantos

imprevistos. Logo no começo aconteceu uma pane que virou notícia até na CNN. Hoje é uma atração obrigatória, que proporciona um passeio de rara beleza e contato com a natureza, além de uma visão espetacular da região.

Não foi diferente com o Memorial dos 500 Anos, projetado por Oscar Niemeyer, que obrigou o prefeito a comprar um terreno num barranco e convencer antigos comerciantes da Ilha Porchat que o empreendimento atrairia turistas e os faria ganhar mais. Um dos engenheiros envolvidos com a obra contaria depois uma história que parece comprovar que estava tudo escrito nas tábuas do destino. Quando chegou ao local do projeto e viu o espelho d'água da Baía de São Vicente lembrou-se dos olhos de uma namorada de infância, que conhecera em São Vicente. Resolveu procurar a moça, já uma mulher divorciada e com filhos. Encontrou-a e acabaram se casando. Para marcar a história, o engenheiro juntou ao concreto da obra os bilhetes com juras do amor que eles resgataram após o mágico instante da visão da baía. Turistas do mundo inteiro contemplam a mesma paisagem sob a asa côncava, cuja extremidade aponta direto para a Capital Federal, a Brasília sonhada pelo arquiteto.

Márcio França não conseguiu fazer o teatro na pedreira nem o aquário. Passou o desafio ao sucessor Tercio Garcia. Mas deu início ao zoológico dentro do Horto Municipal, uma área de 850 mil m², antes constantemente atingida por pedras quando das detonações nas duas pedreiras que cercavam o parque. Márcio usou toda sua força política e conseguiu fechar as duas pedreiras, que já haviam provocado várias mortes. Hoje a área é uma das maiores reservas urbanas de Mata Atlântica Primária do Brasil. Leões, avestruzes, macacos, pássaros diversos, onças e até um hipopótamo compõem o plantel de mais de 200 animais do zoo criado no parque onde também se pode curtir um pesque-pague, recinto de exposições, museu e outras atrações.

Um dia o prefeito recebeu a visita de um homem simples que dizia ter tido apenas uma ideia: a de construir um cemitério para

evangélicos. Márcio contou: “Perguntei ao homem se ele era investidor. Disse que não, tinha R\$ 10 no bolso. Era arquiteto ou engenheiro? Também não. Então deveria ser evangélico. Disse que jamais havia ido a um culto. Mas insistiu que a ideia era boa porque os evangélicos gostam de sepultamentos sem imagens de santos e que se tratava de um público garantido. Infelizmente, respondi que não podia investir no cemitério e sugeri que ele patenteasse a ideia”.

Meses depois, quando o prefeito chegava para trabalhar, encontrou o homem na frente da Prefeitura. Ele não queria nada. Apenas agradecer a sugestão de patentear a ideia. Tinha feito isso e vendido tal sugestão a um empresário por R\$ 200 mil.

Passaram, então, a acusar o prefeito de se preocupar demais com a imagem, com o embelezamento da Cidade, em investir muito em turismo

Hoje São Vicente tem um cemitério vertical para evangélicos. E vem gente visitar e tirar foto do cemitério. “Por isso, resolvi receber sempre as pessoas que me trouxessem todos os tipos de propostas, por mais incríveis que pudessem parecer”, disse o prefeito.

A Cidade virou um canteiro de obras turísticas. A Plataforma de Pesca deu certo e vive repleta. Tem três patamares, o que permite a frequência simultânea de pescadores, praticantes de caminhadas e dos que gostam apenas de sentar e apreciar a paisagem. Os céticos passaram, então, a acusar o prefeito de se preocupar demais com a imagem, com o embelezamento da Cidade, em investir muito em turismo.

Márcio França disse que era mesmo essa a intenção e respondeu fazendo ainda mais nesse sentido: tratou de iluminar a histórica Ponte Pênsil, o que destacou sua silhueta à noite e, de quebra, mandou instalar, no alto do Morro dos Barbosas, a maior Bandeira Nacional

hasteada em mastro do Brasil, com 630 m² e 110 quilos. Somente o mastro tem 60 metros de altura. A bandeira é avistada de várias cidades da região. Quando não está hasteada por motivo de manutenção, o telefone da Prefeitura não para de tocar, de tanto que a população gosta do Pavilhão Nacional, prova de que o sentimento patriótico está mais vivo do que nunca no povo brasileiro.

Pensou alto também ao pavimentar a Ilha Porchat e o acesso à rampa de salto de vôo livre no Morro do Itararé, a 180 metros do nível do mar. Criou uma área de pouso para os homens e mulheres que curtem asa-delta e paraplanagem. Tudo defronte da praia, o que atrai enorme badalação e muito turista.

Num ritmo acelerado, urbanizou a orla das praias do Itararé e Gonzaguinha, implantou calçadas padronizadas e substituiu antigos trêleres sem higiene por quiosques temáticos dotados de infraestrutura, como água encanada, saneamento, drenagem e energia elétrica. Turistas passaram a desfrutar de produtos de qualidade e conservados em *freezers*. Resolveu então dar a volta na ilha e levar o turismo ao longo do estuário, antes frequentado apenas por pescadores artesanais.

Primeiro tratou de criar um jardim temático na antiga Rua Japão, tradicional reduto de pescadores. Ali foi construído um jardim japonês e o Portal Shurei-no-mon, que significa Portal da Cortesia, uma réplica do existente no Castelo de Shuri, na cidade-irmã de Naha, no Japão. A Praça Kotoku Iha ganhou ainda outros símbolos de Naha, como os shii-saas – figuras de leão situadas nos templos shintoístas – e os ishi-Gan-Tuu – pedras colocadas no final das estradas de Okinawa terminadas em T. São símbolos que, no Japão, protegem as pessoas dos maus espíritos.

E deu certo. Os céticos que acusavam o prefeito de investir demais no turismo tiveram que assistir a obras do gênero também nos bairros periféricos. Márcio França *atacou* então a orla do estuário em dois trechos distintos: as avenidas Eduardo Dias Coelho e Juarez Távora. Eram duas áreas ameaçadas por invasões e que tinham tudo

para se transformar em favelas. Mas que ganharam calçada, quadras esportivas e que hoje viraram espaço para lazer e caminhadas diárias dos moradores dos bairros situados longe das praias.

Resolveu ir mais além e criou uma área de lazer, com trapiche flutuante, junto da Serra do Mar, às margens do Rio Branco, na Gleba II do Parque das Bandeiras. Quer, com isso, incentivar o turismo ecológico e náutico.

Quando parecia que o prefeito daria uma trégua aos investimentos turísticos, resolveu criar um roteiro histórico e cultural em pleno Centro da Cidade. Lançou mão do incontestável fato de São Vicente ser a Primeira Cidade oficialmente fundada no Brasil para recriar, em frente à histórica Matriz, a Primeira Vila do Brasil.

Assim nasceu o Parque Cultural Vila de São Vicente, uma reprodução arquitetônica de como era a cidade no período colonial com base em relatos de historiadores. O parque reproduz imagens históricas, usos e costumes da Primeira Vila do Brasil, instalada em São Vicente no século XVI. O clima é reforçado pelas representações teatrais encenadas a todo instante por atores profissionais, em trajes de época, que surpreendem os visitantes com o bom humor e o conteúdo crítico das mensagens.

A vila oferece, ainda, atrações como teatro de bonecos, Museu da Encenação, pelourinho e opções culinárias como a Taberna Portuguesa Martim Afonso, onde é possível saborear pratos típicos como a espetada, alheiras, espetaculares receitas à base de bacalhau, sopa de pedra, tudo regado a vinhos portugueses. Ao lado está a Doceria Ana Pimentel, com os irresistíveis pastéis de Santa Clara, papos-de-anjo, toucinhos-do-céu e pingos-de-tocha, entre outros doces. Lá se ouve muita música típica e também diversificada, já que virou ponto de encontro da noite vicentina. Não faltam artesanato e cerâmica. Trata-se mesmo de uma viagem no tempo entre as casas cujas telhas são provenientes das antigas fazendas demolidas em Araxá, Minas Gerais, moldadas nas coxas de escravos e colonos. Já o

piso é feito de concreto estampado, com desenho inspirado nas cidades históricas de Minas Gerais.

A Primeira Vila compõe um sítio histórico com a Igreja Matriz, reconstruída em 1757, sobre as ruínas da anterior, de 1542, que reúne importantes imagens seiscentistas e passou por completa restauração, valorizando ainda mais o recanto. Ao lado está o antigo Mercado Municipal, em prédio de 1729, que abrigou durante 186 anos o Legislativo e depois a cadeia e quartel da Polícia. O prefeito, depois de conseguir recursos para restaurar a igreja, mandou fazer o mesmo no Mercado.

Na mesma linha de criar um roteiro histórico no Centro, França firmou parceria com empresários e abriu a Casa Martim Afonso, na área onde morou o fundador de São Vicente, que abrigou também um museu de conchas e fósseis marinhos. O roteiro inclui, ainda, a tradicional Biquinha de Anchieta, de 1553, onde o famoso padre tomava água e fazia pregações. Outra parceria restaurou a Casa do Barão, antiga chácara residencial construída no fim do século XIX em uma grande área verde, que foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico. O casarão de 1.600 m² de área construída, em terreno de 7.700 m², foi edificado em 1925 pelo barão alemão Von Prietzelwitz. Hoje abriga o Museu Geral e Histórico com acervo de 1.380 peças, entre móveis antigos, quadros, fotos, animais embalsamados, objetos das culturas caiçara e indígena, quadros a óleo com reproduções históricas e até os ossos de uma baleia azul encontrada durante escavações de uma obra no Itararé.

A ação do prefeito estimulou proprietários de imóveis com algum valor histórico, que logo promoveram restaurações. Tantas novas atrações obrigaram a Prefeitura a criar um sistema de sinalização e também postos de informações turísticas. Uma linha de ônibus especial leva turistas e munícipes pelos diferentes roteiros. E como uma coisa puxa a outra vieram os empresários

do setor culinário, de entretenimento e de hotéis, que abriram novos estabelecimentos, gerando empregos e, assim, justiça social. Os céticos deram a mão à palmatória e perceberam que investir em beleza é fundamental para gerar riquezas e aumentar a autoestima da população.

Nunca satisfeito, Márcio França foi atrás de recursos para construir um centro de convenções e um pavilhão de exposições. Queria atacar agora o turismo de eventos. Uma parceria com o Governo do Estado tornou realidade o maior centro de convenções do Litoral Paulista, com 32 mil m², sendo uma área coberta de 11 mil metros quadrados. Para se ter uma idéia do tamanho e mobilidade do empreendimento, o vão entre as colunas é de 32 metros, permitindo até a circulação de carretas dentro do pavilhão, que foi a milésima obra da sua gestão.

Ao lado da duplicada Rodovia dos Imigrantes, na rota do turismo e a 40 minutos de São Paulo, a maior cidade da América do Sul, o Complexo de Eventos e Convenções da Costa da Mata Atlântica tornou-se uma opção para expositores e organizadores de eventos por conta do seu preço imbatível. Por se tratar de um equipamento da Prefeitura, que não visa ao lucro, mas sim ao aquecimento da economia, tem o uso do metro quadrado mais barato do setor. As reservas para eventos devem ser feitas com um ano de antecedência.

Com espaço de sobra, além de estacionamento para 1.500 veículos, o prefeito instalou no local a Secretaria de Turismo e abriu um anfiteatro com 700 lugares.

O Centro teve também um papel de indutor de desenvolvimento no bairro, que ganhou vida e movimento inéditos, como, por exemplo, as apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Talvez a melhor resposta para os céticos seja a imagem das famílias carentes da periferia, com suas melhores roupas de domingo, entrando no anfiteatro para, em poltronas estofadas, assistirem a espetáculos de música clássica com instrumentos acústicos.



CENTRO MÉDICO MARTIM AFONSO

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO VICENTE
SECRETARIA DA SAÚDE



Prevenir é melhor

*Saúde ainda desafia, apesar do investimento
em novas unidades e ações preventivas*

A saúde pública sempre será um dos maiores desafios de qualquer administrador, tanto em cidades, estados ou no Governo Federal. Trata-se de uma área que, quanto mais investimento em ambulatorios, mais a procura e, conseqüentemente, mais se revela a tamanha carência do setor no País, principalmente no aspecto preventivo.

Ninguém bem-intencionado vai ao médico ou a uma unidade de saúde sem necessidade. Vai porque precisa de atendimento e geralmente com urgência, já que a prevenção ainda não é uma característica do povo brasileiro. Justamente por falta de cuidados constantes com a saúde é que quanto mais unidades se constroem maior será a demanda de pacientes.

Por isso, além de implementar diversos serviços e construir um mini-hospital no Centro da Cidade, Márcio França investiu forte no Programa de Saúde da Família, ou seja, na prevenção feita de casa em casa com o objetivo de se evitar a doença e assim diminuir a pressão sobre os equipamentos públicos, que devem se especializar nos efetivos casos de urgência e emergência.

Isso Márcio aprendeu no dia-a-dia como prefeito. Equipou ambulatorios, reformou prontos-socorros, investiu em pessoal e o número de procedimentos não parava de subir.

Resolveu, então, descentralizar cada vez mais o serviço. Criou laboratórios nas unidades com os resultados dos exames sendo expedidos em 24 horas e pela internet. Percebeu que, quanto menor pres-

são física sobre as unidades, a qualidade do serviço melhorava e era menor o desgaste dos funcionários, sempre obrigados a lidar com a expectativa de atendimento rápido dos pacientes.

Outra ação nesse sentido foi o agendamento de consultas por telefone. Mas nada se compara ao trabalho de formiguinha dos agentes comunitários de saúde, que residem no próprio bairro e que se encarregam de visitar, periodicamente, determinado número de famílias em quarteirões sob suas responsabilidades.

Em saúde o maior resultado é difícil de ser mensurado, justamente porque está naqueles que não precisam chamar o médico

O agente tem planilhas com os nomes e os dados de todas as pessoas. Convive com a comunidade e logo é alertado quando há um problema. Trata, então, de avisar os enfermeiros, que vão à residência, e, se constatarem a necessidade da presença do médico, o acionarão imediatamente.

Mas em saúde o maior resultado é difícil de ser mensurado, justamente porque está naqueles que não precisam chamar o médico. Ou seja, está nas pessoas que, ao receberem noções básicas de higiene com o corpo e no preparo de alimentos, por exemplo, as adotam no seu cotidiano e deixam de contrair doenças. A eficiência do programa está também na atenção às gestantes e nas ações de educação alimentar.

Márcio França, filho e irmão de médicos, prega que o sucesso nesta área está em investir na saúde e não na doença. O fato, por exemplo, de ter pavimentado e saneado, com o Governo do Estado, quase toda a Cidade, representou muito em saúde para a população. Da mesma forma, ter dado acesso a ensino de qualidade a 40 mil pessoas, com informação preventiva em sala de aula, trouxe mais saúde às novas gerações.

Programas esportivos para a Terceira Idade e para todas as faixas etárias representaram redução de diversas doenças. O programa de tratamento à tuberculose, baseado na informação, deu a São Vicente um prêmio da Secretaria da Saúde do Estado, por ter conseguido o percentual de 84% de cura da doença.

Na mesma linha da prevenção, a Cidade chegou, em 2004, ao índice de cáries por criança de 1,1, muito perto da meta da Organização Mundial de Saúde, que é de 1 cárie, obturação ou dente perdido por criança. Um forte trabalho de ensino de escovação e uso do fio dental é realizado em todas as escolas e creches.

Em 1997, as unidades de saúde registraram 90 mil atendimentos/ano. Em setembro de 2004, os cerca de 80 equipamentos somaram 390 mil procedimentos/ano

Vários ambulatorios ganharam gabinetes odontológicos e testes preventivos de audição, visão, do pezinho em recém-nascidos, de pressão arterial e diabetes, realizados nas unidades e também nas praças públicas.

O reforço na prevenção foi acompanhado de investimentos em novas unidades, reformas e ampliação das já existentes. São Vicente tem 20 ambulatorios, três prontos-socorros e Márcio França construiu um mini-hospital, com 60 leitos, centro cirúrgico, salas de atendimento especializado, raios-x, que passou a atender a média de 1.120 pessoas/mês.

Mesmo não sendo de sua esfera de competência, França teve que lidar com o hospital particular da Cidade, o São José, que há 80 anos sofre dificuldades, como todos do País.

Durante oito anos repassou recursos ao hospital e atuou como mediador em greves de funcionários e médicos. Incentivou a criação de convênios e alternativas para aumentar a receita.

O primeiro resultado do investimento foi o aumento de mais de

300% no número de procedimentos. Em 1997, as unidades de saúde registraram 90 mil atendimentos/ano. Em setembro de 2004, os cerca de 80 equipamentos somaram 390 mil atendimentos/ano.

Apenas na região continental, a mais carente da Cidade, levantamento realizado nas cinco Unidades Básicas e nos dois prontos-socorros, constatou que, em 1997, foram registrados 180.567 atendimentos/ano. Recentemente, na mesma área, foram constatados 690.724 procedimentos/ano, um acréscimo de 282%.

Antes a região não contava com serviços, por exemplo, de raios- x. Os moradores que precisavam tirar uma chapa do pulmão tinham que tomar condução cara e demorada até o Centro ou se socorrer em Santos ou Cubatão. Também era impossível fazer exames laboratoriais. Quem necessitava examinar sangue ou urina era obrigado a correr até a parte insular e às demais cidades da Baixada.

A Prefeitura investiu em novos equipamentos no continente. Viabilizou o funcionamento da Casa de Parto que leva o nome do ex-prefeito de Santos, David Capistrano Filho; ergueu o Centro de Atenção Psicossocial do Jardim Rio Branco; a Unidade Básica do Jardim Rio Branco e colocou a Unidade Básica do Parque das Bandeiras em prédio próprio, desmembrando-a do PS do mesmo bairro. Reformou a Unidade Básica do Caic Humaitá, que funciona no local sugerido pela população, e ampliou o Pronto-Socorro do Humaitá, que triplicou sua capacidade de atendimento para 4.800 pessoas/mês.

Ficou tudo perfeito? Claro que não. Terminaram as filas? Também não. O sucessor, Tercio Garcia, enfrenta o desafio da saúde reformando e ampliando unidades, criando novos equipamentos e incrementando o Programa de Saúde da Família. Pesquisa IPAT/A Tribuna já ponta satisfação de mais de 60% entre os atendidos pelo setor. Ainda há problemas, como a falta de médicos no mercado. Mas, certamente, São Vicente está forjando gerações mais saudáveis com seu forte trabalho preventivo. É esperar para ver.

Servidor motivado

São Vicente revolucionou ao criar o primeiro Plano de Cargos e Carreiras do País que permite aos servidores sonhar em galgar novos postos por mérito. Polêmico, por viabilizar a promoção interna para novos cargos por merecimento, e não por concurso externo, o projeto virou a Lei Complementar 268, de 20/12/1999. Houve questionamentos e a necessidade de ajustes. Mas caiu por terra o velho conceito de que servidor público é desmotivado e não tem a mesma expectativa dos que atuam na iniciativa privada.

A partir da nova lei, servidores desmotivados fizeram cursos de aprimoramento e adotaram postura proativa. Foi criado um programa de cargos e carreiras, estabelecidos padrões e critérios de aproveitamento e ascensão entre cargos e retribuição pecuniária de acordo com a lei e também com a qualificação e o desempenho.

O projeto estabeleceu, inclusive, a continuidade das atividades e funções dos servidores promovidos mesmo diante de eventuais mudanças políticas na esfera de comando da Prefeitura. Um novo prefeito não poderia destituir servidores das suas conquistas por mérito. Sem violar direitos adquiridos, a lei criou novos postos e garantiu plena divulgação das novas possibilidades.

Servidores puderam subir para o cargo imediatamente superior na carreira, desde que comprovado o mérito mediante aprovação em processo seletivo de provas e títulos. Para inscrever-se o servidor tem que comprovar dois anos de efetivo no cargo atual e de cinco na administração pública. O questionamento, de que o acesso ao novo cargo ocorria sem concurso, foi derrubado, inclusive na Justiça, quando Márcio provou que o ingresso ao serviço público daquele servidor originalmente ocorreu por concurso. Hoje, a iniciativa inédita começa a ser copiada em vários cantos do País.

A lei deixa claro que as despesas decorrentes da sua execução devem se ater às dotações orçamentárias próprias, consignadas no orçamento. Márcio França enfrentou questionamentos na Justiça, mas também colheu os frutos de atuar com servidores motivados.



É preciso mostrar

Sem comunicação, qualquer político naufraga

Qualquer político, por mais bem-intencionado, está fadado ao insucesso se não mostrar o que faz para seus eleitores, para sua comunidade e até para outros políticos. Não adianta fazer uma série de inovações, suar a camisa, sofrer processos judiciais e terminar como um desconhecido ou acabar sendo julgado injustamente pela opinião pública, que não é obrigada a saber de tudo.

É preciso admitir, sem meias-verdades, sem o nhém-nhém-nhém politicamente correto, que o político tem que investir em comunicação e ocupar espaço na mídia.

A mídia é, sim, o quarto, o terceiro... o primeiro poder. Vivemos então sob a ditadura da imagem, da informação? É isso mesmo. Quem diz o contrário, ou é inocente ou engana estudantes de Jornalismo com discursos baseados em ideários escritos por quem também não os pratica. Não se concebe mais, por exemplo, vencer uma eleição em cidades de médio e grande porte sem um bom programa eleitoral de tevê.

Mais importante ainda: não se consolida uma gestão ou carreira política sem um trabalho diário de comunicação, de bate-rebate com a Imprensa escrita ou eletrônica. Uma lida contínua para criar, manter ou solidificar uma imagem.

O contrário – o descaso para com a cobertura da mídia – resulta simplesmente no massacre de qualquer político ou administrador. Isso vale para empresas, mas principalmente para prefeitos, governadores e presidentes. Ou seja, para aqueles que dependem de votos e sofrem

julgamento diário nas notinhas, manchetes, matérias de página e reportagens de rádio ou TV.

Isso acontece não porque os jornalistas são malvados ou injustos. Mas porque este é o trabalho da Imprensa: questionar, fustigar, denunciar e, principalmente, criticar *a priori* qualquer político ou administrador. A postura permanentemente crítica da Imprensa promove a credibilidade dos veículos perante seus públicos, a ponto de até uma justa matéria positiva, sobre uma ação realmente positiva, correr o risco de ser mal-interpretada pelos leitores ou telespectadores.

Está criado assim, para os jornalistas, um clima que os obriga a adotar uma atitude crítica em relação a tudo e a todos. Eles podem ser injustos? É claro que podem e muitas vezes são. E vão correr risco se tentarem mudar isso. O compromisso com o público e com a verdade pressupõe compromisso com a contundência, com o tom indignado e cético. O leitor e o telespectador esperam que os jornalistas os defendam e até castiguem os políticos, que estão ali para acertar. E o acerto não é mais do que a obrigação. Não vira notícia. Quando erram – reza o consenso - devem mesmo apanhar da imprensa.

Esse duro contexto impõe ao político a necessidade de se defender e até mesmo interferir no noticiário. E resulta também de outra verdade da atividade jornalística que chamo de Tirania da Síntese.

A rapidez com que a notícia é produzida – pelas próprias características das TVs, rádios ou jornais - foi intensificada nos últimos anos com o corte de profissionais nas redações. As crises econômicas, com reflexos no mercado publicitário, e a obrigatoriedade de investimentos elevados em tecnologia, fizeram as empresas promoverem o chamado enxugamento de pessoal nas redações. Ou seja, cada vez menos jornalistas fazem mais matérias em menos tempo e, conseqüentemente, têm menos possibilidades de apuração.

A notícia, por definição, é um resumo rápido dos acontecimentos. O repórter deve, logo no começo, no primeiro parágrafo, na primeira frase, dizer quase tudo o que é importante e, principalmente, de impacto.

Ou seja, o estilo jornalístico já é, por si, duramente resumido, sintético. Não importa a complexidade do tema e todas as suas nuances: a mensagem deve ser rápida, clara, curta, enxuta.

Some-se a esta exigência técnica, o fato de o repórter ter que produzir várias matérias por dia em curto espaço de tempo. Está assim criada a chamada Tirania da Síntese. Entrevistados devem então ser rápidos e concisos caso queiram ser entendidos; devem atender sempre às exigências de horário dos veículos, se quiserem estar na mídia, ou seja, acabam vivendo sob a mesma tirania à qual estão submetidos os jornalistas. Mas com uma diferença: quando não vão bem acabam sendo mal-interpretados pela opinião pública e arriscam seriamente suas carreiras. Não que os jornalistas não sejam criticados quando erram. São, sim, advertidos pelos seus chefes e podem até perder o emprego. Mas geralmente escapam do risco do massacre público que os homens públicos sofrem quando erram.

A verdade é que o mundo hoje é regido pelo regime chamado “capitalismo midiático”. Nem os produtos nem os políticos sobrevivem sem uma estratégia e uma ação cotidiana de relacionamento com a mídia. É como oxigênio, comida e dinheiro. Ninguém passa sem.

Márcio França não precisou de esforço para se tornar um *expert* em mídia. Rapidamente estabeleceu uma relação com a opinião pública através de entrevistas constantes às TVs, jornais, rádios, além da divulgação de suas ações por meio de palestras, discursos e muitos contatos informais com jornalistas. Ao mesmo tempo que ensinava os jornalistas sobre política e administração pública, aprendia com os profissionais de informação como atender suas expectativas. Logo se expressava de modo cada vez mais sintético, expressivo e intenso, mesclando tons emocionais com puro pragmatismo.

Tudo foi facilitado pelo arraigado hábito de Márcio França começar o dia com a leitura voraz de pelo menos dois jornais de cobertura nacional, além dos regionais. Num dia normal de trabalho, por volta das 8 horas, França já está atualizado e procura sempre contextualizar

suas ações com a pauta da imprensa. Monitora tudo que sai na tevê. Marcou suas duas gestões por respostas rápidas às demandas da imprensa. Foi uma lida diária, uma luta por cada centímetro e cada segundo nos veículos impressos e eletrônicos. Todo assunto é importante. De um buraco de rua a uma denúncia. Ele entende a imprensa como um legítimo canal de comunicação com a população.

Nesta mesma linha de dar satisfação ao eleitor e mostrar o que faz, Márcio França investiu num site oficial da Prefeitura caracterizado pelo conteúdo informativo, noticioso e de prestação de serviços.

Mas uma de suas mais ousadas iniciativas foi a criação da primeira emissora a cabo municipal do País, a TV Primeira, educativa, mas com programação variada, que atende a todos os gostos. Trata-se do canal 18 (analógico) e 11 (digital), da Net. A TV a cabo pública é um canal educativo à disposição do Município, permitida por lei federal que rege as concessões para operação do serviço no País. Por ser uma emissora municipal, segue moldes diferentes dos tradicionais adotados pelos canais privados. Toda a programação é voltada à população da Cidade, no sentido de aproximar o cidadão do poder público.

Com poucos recursos e muita garra, França viabilizou seis programas diversificados. O telejornal diário *Primeira em Notícias* levava aos telespectadores reportagens e entrevistas com o objetivo de prestar serviços à comunidade de São Vicente, divulgando os eventos de interesse da população.

Toda terça-feira, ao vivo, às 16 horas, era a vez do *Estúdio 19*, programa jovem que abria espaço para as bandas de pop/rock, reggae, metal, entre outros gêneros musicais. Já o *Mulheres de Gaia*, programa voltado para o público feminino, abordava os mais diversos assuntos como saúde, estética, moda, beleza, comportamento, relacionamento, direito, arte, negócios, decoração, terceira idade e muitos outros. No estúdio, eram entrevistadas mulheres cujo trabalho desenvolvido contribuía de alguma forma para o crescimento de São Vicente ou com repercussão na Cidade e região, fossem

secretárias municipais, diretoras, executivas, profissionais liberais, artistas e personalidades de modo geral. *Mulheres de Gaia* era apresentado ao vivo às quintas-feiras, às 16 horas, e com reapresentação em horários alternativos.

Com um perfil mais descontraído, o *Acesso Livre* divulgava os eventos sociais e culturais que acontecem em São Vicente. O programa podia ser visto diariamente, após o *Primeira em Notícias*, e em horários alternativos.

Além das entrevistas com personalidades marcantes, o *Acesso Livre* levava até a casa dos vicentinos, eventos culturais, sociais e também lugares de pura badalação.

O *Música Popular de Primeira* (MPP), que apresentava e lançava talentos da Região, ia ao ar diariamente, em horários alternativos. Vídeos e campanhas de utilidade pública, prestação de serviços, educativos e culturais igualmente divulgam informações e eventos de interesse da comunidade.

A TV Primeira também transmite as partidas do São Vicente Atlético Clube pelo Campeonato Paulista de Futebol. Além disso, as atividades da Câmara Municipal têm espaço garantido, com transmissão das sessões.

Os equipamentos necessários ao funcionamento da TV foram obtidos, sem nenhum custo para a Prefeitura, por meio de parcerias com empresários locais. Aos poucos, a TV Primeira ganhou simpatia da comunidade e reconhecimento por transmitir, ao vivo, o show da virada do ano e a Encenação da Fundação da Vila de São Vicente. Foi a única da região a transmitir, imediatamente, a apuração das eleições de 2004.

Márcio França valoriza o trabalho dos jornalistas que atuam a seu lado, que não devem descuidar um minuto da imagem da Cidade. Por isso a importância dos plantões em feriados e dias santos. Afinal, a imprensa não para. E o povo tem na imprensa um dos principais meios de julgar um político.



Esporte resgata alegria

Favelados velejam, jogam golfe e tênis. Time de futebol sobe no *ranking* e escolinhas incentivam gerações

Márcio França é um apaixonado por futebol. Não fosse uma lesão no joelho, São Vicente não teria hoje um político de projeção nacional. Um dos momentos mais fortes da vida de França foi quando, ainda adolescente, viu uma camisa voando em sua direção lançada pelo técnico do time de aspirantes do Santos Futebol Clube na vila mais famosa do mundo. Quando a camisa caiu no peito de Márcio, seu coração disparou. Fora escolhido para jogar e, quem sabe, ali começaria uma carreira futebolística. Veio a contusão, o curso de Direito, o casamento, os filhos, a política...mas a paixão pelo futebol resistiu no peito e produziu resultados.

Se São Vicente não tinha um time famoso como o Santos de Pelé para resgatar a autoestima da população por meio do esporte, Márcio França tratou de criá-lo. Investiu primeiro na reforma do Estádio da Cidade, o Mansueto Pierotti, para trazer o público de volta aos jogos. Depois profissionalizou a equipe, é claro, com os recursos disponíveis. Foi possível trazer ao menos três nomes de expressão, Flávio Guarujá, Calazans e Nezinho, dentro do limite da Federação Paulista para jogadores com mais de 30 anos de idade.

A equipe também recebeu os reforços. Primeiro, do técnico Naldo e, depois, Negreiros, ex-meio-campista do Santos Futebol Clube, que atuou na década de 60 e 70, ao lado de Pelé, Zito, Clodoaldo, entre outros nomes que ajudaram a construir a história do alvinegro da Vila Belmiro. Também veio o preparador físico Paulo

Dellamonica. O time ganhou apoio para os treinamentos, viagens e se lançou na luta pela subida de posição no *ranking* da Federação Paulista, saltando da categoria B-2 para A-3.

O São Vicente Atlético Clube, fundado em 21 de abril de 1928 sob o nome de Feitiço FC, nunca tinha experimentado tamanha glória. O estádio passou a lotar e o time entrou na cobertura da mídia. O clube presidido por Nélson Teixeira lançou, nos dois últimos anos, dois craques que foram para o cenário nacional. Wesley, revelação da Copa São Paulo de 2002, seguiu para o Vitória (BA), enquanto Marcel, que participou do Campeonato Paulista da série B-2 em 2003, disputou o Paulistão 2004 pela União Barbarense e foi para o Paraná Clube pela série A do Campeonato Brasileiro.

O resgate do São Vicente AC foi um exemplo do papel que o investimento em esporte teve na elevação da autoestima da população. As escolinhas da Secretaria de Esportes também representam uma grande fábrica de revelações e uma oportunidade para aqueles que não têm condições de pagar pelas aulas.

São quatro escolas com aulas gratuitas de futebol, desde o futsal (de salão) até o futebol de campo, agregando um montante de 300 alunos que recebem os ensinamentos no estádio sede do São Vicente Atlético Clube. O futsal concentrava o maior número de inscritos: 480. As aulas, ministradas em três locais com 780 jovens matriculados, incluindo as meninas, que cada vez mais se destacam.

A vocação para o esporte também se manifestou em outras modalidades. O prefeito construiu o primeiro ginásio esportivo público da história da Cidade, bem junto de uma favela. Batizou-o com o nome do pai de Pelé, João Ramos do Nascimento, o popular Dondinho. Além de sediar eventos, o ginásio abrigou escolas de esporte que passaram a ser disputadas pelas novas gerações. Os resultados vieram mais rápido do que se esperava. Logo a Cidade passou a ganhar títulos em jogos regionais. Cada vez mais torcidas viajam com as delegações e o nome de São Vicente cresceu junto

em todo o Estado de São Paulo.

Mas outra sacada do prefeito ganharia repercussão. Ele pesquisou a dívida de impostos dos clubes e fez a proposta: que as portas, antes fechadas aos segmentos mais carentes da Cidade, fossem abertas para os meninos e meninas da periferia que quisessem, por exemplo, jogar tênis ou golfe, esportes tradicionalmente elitistas. Em troca, conforme o andamento dos treinos, as dívidas seriam gradualmente abatidas pelo serviço prestado.

E foi o que aconteceu. Meninos e meninas das favelas passaram a frequentar clubes de golfe e tênis, com resultados expressivos. Márcio resolveu ir mais longe ao criar uma escola pública de vela aberta, a todos os interessados. Assim, talentos que jamais teriam como jogar tênis, golfe ou velejar, foram incentivados e apoiados. Mais que os resultados esportivos, surgiram os dividendos sociais, graças ao contato de dois mundos que antes mal se falavam. Empresários descobriram o talento dos jovens carentes e também a solidariedade por intermédio do gostoso relacionamento esportivo. Barreiras sociais foram quebradas com uma ideia simples e corajosa. Mais de 20 mil crianças passaram pelas escolinhas.

Nesta linha foi criado um curso de natação nas águas calmas da Baía de São Vicente, que tiveram raias demarcadas com boias, semente do Centro Náutico, inaugurado em 2004, em parceria com o Governo Estadual. Uma escola de surfe ensina jovens em plena praia. Cada vez mais atletas de São Vicente participam de *biathlons* e *triathlons*. A Cidade entrou ainda no circuito do boxe, com destaque para o segmento feminino. As mulheres boxeadoras saíram até na capa da *Folha de S. Paulo*. Uma judoca vicentina foi defender o Brasil em Atenas. A Cidade passou a sediar os Jogos Especiais da Baixada (Joeb) de tantas equipes em condições de competir.

Conquistas esportivas de São Vicente

- Terceira colocação na bocha – Jogos Regionais de 1997
- Campeã de futebol de salão – Jogos da Juventude de 1999
 - Campeã de bocha – Jogos Regionais de 2000
 - Campeã de biribol – Jogos Regionais de 2001
- Quinta colocação geral – Jogos Regionais de 2001
 - Campeã estadual de futebol de salão em 2002
 - Campeã paulista de handebol masculino em 2002
- Campeã de vôlei de praia feminino – Jogos Regionais de 2003
 - Campeã de futebol – Jogos Regionais de 2003
- Vigésima colocação geral – Jogos Abertos de 2001 e 2003
- Campeã na ginástica rítmica – Jogos da Juventude de 2004
 - Vice-campeã de damas – Jogos Regionais de 2004

Escolinhas de Esporte abertas em São Vicente

Modalidade	Local	Idade	Dias de aula
Basquete	Dondinho	09 a 14 anos	Terças e Quintas
Boxe	Centro Esportivo	12 a 30 anos	Seg a Sex
Body Boarding	Praia do Itararé (Quiosque 9)	07 a 18 anos	Seg / Quar / Sex
Futsal	Dondinho	07 a 14 anos	Seg / Quar / Sex
	Saint´Gobain	07 a 14 anos	Terças e Quintas
	Yatch Clube	09 a 16 anos	Terças e Quintas
Futsal Fem.	Saint´Gobain	12 a 17 anos	Terças e Quintas
Fut. de Campo	São Vicente AC	07 a 14 anos	Terças e Quintas
Ginástica	Dondinho	Acima de 16	Seg / Quar / Sex
	Dondinho	Acima de 16	Terças e Quintas
	São Vicente AC	Acima de 16	Seg / Quar / Sex
	São Vicente AC	Acima de 16	Terças e Quintas
Golfe	Golf Clube	08 a 17 anos	Terças ou Quin-
Handebol	Dondinho	10 a 14 anos	terças e Quintas
Natação	Praia dos	09 a 12 anos	Seg / Quar / Sex
	Milionários	13 a 16 anos	
Surfe	Praia do Itararé (Quiosque 37-b)	07 a 18 anos	Seg / Quar / Sex
Vôlei	Dondinho	08 a 16 anos	Seg / Quar / Sex
Capoeira	Dondinho	05 a 16 anos	Seg / Quar / Sex
Tênis	Golf Clube	10 a 14 anos	Terças e Quintas
	Dondinho	05 a 16 anos	Seg / Quar / Sex
	São Vicente AC	05 a 16 anos	Terças e Quintas
Judô e Karatê	Dondinho	05 a 16 anos	Terças e Quintas
	São Vicente AC	05 a 16 anos	Seg / Quar / Sex
Lambaeróbica	Dondinho	Acima de 12 anos	Terças e Quintas
	Dondinho	Acima de 5 anos	Seg / Quar / Sex
	Centro Esportivo	Acima de 12 anos	Seg / Quar / Sex
	São Vicente AC	Acima de 12 anos	Terças e Quintas



ACIMA: Márcio França discursa durante a Campanha de 2004

ABAIXO: Os casais Tercio e Márcia Garcia e Márcio e Lúcia França



Política com paixão

A arte de se virar do avesso e manter ideais

A expressão *fazer política* no Brasil ainda carrega um tom depreciativo, algo como fazer concessões, lidar com a corrupção, conviver com gente de toda espécie e coisas do gênero. De certo modo, fazer política representa mesmo lidar com todo tipo de gente e fazer enormes concessões. Significa romper com todos os preconceitos e mergulhar em todas as facetas da realidade de um País. E sobreviver na política é o exercício que requer maior elasticidade de um ser humano.

Para quem gosta de se preservar, então, o exercício da política traz enorme sofrimento e decididamente não é recomendável. Mas tem gente que gosta exatamente do contrário. Sai de casa todos os dias para se virar do avesso, testar todos os limites, todas as resistências físicas e morais. Gente que come todo tipo de comida em horários totalmente irregulares. Dorme em cadeiras, sofás, carros ou simplesmente não dorme. Conversa com os maiores inimigos e tenta transformá-los em aliados. Procura entender e, entende, as razões dos adversários. Ou seja, é transformado e também transforma os outros todos os dias.

Márcio França é esse tipo de gente. É decididamente um louco por política. Trata-se do que mais gosta de fazer e, com este apetite, consegue resultados tão expressivos, como ser reeleito com 93% dos votos ou fazer o sucessor com 82% do eleitorado, além de terminar dois mandatos com 94% de aprovação popular, e hoje exercer marcante liderança no Congresso como deputado federal.

Seu interesse por política é tamanho a ponto de, em meio ao seu

segundo mandato, ter se atirado de cabeça em uma campanha presidencial. Foi convidado e aceitou ser coordenador da campanha de Anthony Garotinho à Presidência da República.

Saiu fortalecido da experiência. Teve, de fato, uma visão nacional depois de viajar o País de Norte a Sul. Fez amizade com grandes lideranças do cenário político nacional. E sentiu o que é fazer uma campanha nacional, centrada basicamente na mídia e muito pouco no contato corpo a corpo com eleitores e nas conversas com as bases.

Márcio se viu logo de cara, no PSB, disputando com dois gigantes: o PSDB e o PT. Com um tempo de TV de cerca de 10% em relação ao dos grandes partidos, aprendeu a sintetizar a mensagem e produzir um discurso rápido e certo.

Viu também que, apesar de muito importante, o dinheiro não é o principal fator de uma campanha política. Com menos de 5% dos recursos dos concorrentes, conseguiu levar Garotinho ao terceiro lugar, colocando-o como a terceira liderança do País após a eleição presidencial que elegeu Lula presidente da República. O PSB ganhou um ministério, o da Ciência e Tecnologia, e ultrapassou a cláusula de barreira, consolidando-se como um dos partidos importantes do Brasil.

Márcio França aprendeu, como ele diz, a “encaixar o discurso”, um dos itens principais de uma campanha política. Não adianta ter dinheiro, tempo de TV e não encaixar o discurso no contexto do momento para atingir diretamente os anseios da população. Outro aprendizado importante foi a realização de pesquisas a cada dois dias, pelos escritórios montados em quase todos os estados, que eram transmitidas *on line* para uma central. O poder de avaliação da campanha a partir das pesquisas, aliado à intuição política, é essencial para se atingir resultados.

Mesmo assim, o fator pessoal, ou seja, o próprio candidato e todo seu universo emocional, é determinante. Num debate, numa entrevista, costuma aflorar o que há de mais essencial no ser humano, a despeito de dezenas de conselhos e orientações dos badalados e nem sempre competentes marqueteiros. Não raro vale mais o raciocínio rápido, o instinto político de quem está acostumado a pensar como seu público,

seu eleitor. São lições que Márcio França aprendeu na campanha nacional que se somaram às suas experiências em São Vicente e no Estado de São Paulo.

Nas campanhas locais, França, atento às transformações nas cidades médias, alia o trabalho de formação de núcleos de apoio com a produção de eficientes mensagens de TV, rádios e jornais. Trata de formar as bases com o maior número de partidos possível: na última eleição Márcio formou a maior coligação do País, com 22 partidos. Eram tantos que nem cabiam no formulário do TRE. Ao mesmo tempo, atinge a maioria silenciosa com muita mídia. Constrói assim uma rede de multiplicação de conceitos e símbolos, tudo baseado num trabalho realizado durante o cotidiano do mandato, de forma a jamais dissociar o discurso da prática.

Ficou claro, nas duas campanhas municipais, que não adiantaria um forte trabalho político se a Cidade não tivesse sido realmente transformada. Voto se conquista com trabalho permanente. As ruas de São Vicente tornaram-se um documento vivo do Governo Márcio França. Até mesmo seu último adversário nas urnas admitiu, no programa do horário eleitoral, que muito foi realizado e que “queria fazer ainda mais”.

Aprendeu a fazer pesquisas, a dimensionar o universo e qualificá-lo por classes sociais, idade, sexo, escolaridade e assim definir as amostras necessárias. Pesquisas mensais, e depois semanais, feitas sob sua orientação, dão uma ideia da vontade do eleitorado e ajudam a corrigir rumos, principalmente a partir da avaliação do desempenho em cada segmento e em cada bairro, no caso das eleições municipais. “Pesquisa é ciência e uma ferramenta importante”, diz França, que sabe que uma reação rápida às informações pode causar enorme diferença na opinião pública e, conseqüentemente, nas urnas.

Assiste ao horário eleitoral com atenção e reage rápido, respondendo com firmeza às críticas quando necessário. Sabe que o eleitor que o apoia gosta de vê-lo defender seus pontos de vista, de

não deixar pergunta sem resposta e de rebater uma acusação injusta.

É a mesma estratégia do embate diário na cobertura jornalística: se não se responde à crítica, dá-se a impressão de consentimento. Nem todo eleitor é convicto, inabalável. Muitos têm dúvidas, são suscetíveis às influências e gostam de ter argumentos para defender seu candidato nas discussões com colegas e vizinhos. Para tanto, precisam de subsídios e de informações que cabe ao candidato fornecer no programa do horário eleitoral.

Tamanho esforço fez Márcio França conquistar mais uma marca nacional: no dia 3 de outubro de 2004 fez o sucessor Tercio Garcia, com 82,69% dos votos válidos, o maior percentual do Brasil nas cidades acima de 200 mil habitantes, segundo levantamento realizado junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O que deu para notar é que o segredo de Márcio França está justamente em não deixar de ser político um único dia, mesmo nos períodos mais áridos da administração pública e distante do calendário das eleições. Na verdade, o eleitor julga o político o ano todo.

O segredo é não se deixar levar pela rotina meramente administrativa. Quando tudo conspirava para que adotasse ações estritamente técnicas, Márcio não abria mão do seu instinto político. Não se deixava esquecer que agia em nome dos que o elegeram e que queriam resultados. Cada gesto, cada decisão, cada investimento tem, sim, uma consequência política e ajuda a construir ou prejudicar o próximo passo. E Márcio França nunca escondeu isso. Sempre disse que o ótimo é inimigo do bom quando, por exemplo, os técnicos queriam adiar a construção de uma unidade de saúde ou uma obra de pavimentação para elaborarem um projeto mais detalhado.

“Se não fizer este ano não adianta. O povo tem urgência. Vocês técnicos querem tanto fazer o ótimo que nunca chegarão ao bom”, dizia França aos arquitetos, lembrando que agia como político e sabia o que estava fazendo.

Somente sendo político por vocação para, no final do expediente de uma sexta-feira, às dez horas da noite, saindo da Prefeitura com a mala pesada de papéis, atender calmamente as pessoas que o

esperavam na rua.

Márcio chegava a ficar mais de uma hora atendendo as pessoas antes de ir embora. Jamais deixou de conversar com quem quer que fosse nas ruas. Sempre fez questão de debater exaustivamente com aqueles que diziam não entender suas posições. Sempre se dedicou mais aos que discordavam do que aos que concordavam com ele. Ou seja, teve na política a sua prioridade por entender que um bom administrador é apenas um bom administrador e que o limite para exatamente aí.

Já um bom político vai além, mesmo não tendo recursos para atender uma reivindicação, trata de recebê-la e incluí-la nos seus planos até que surja uma oportunidade de transformá-la em um programa de governo, uma meta. Assim, um político nunca descarta um problema porque sabe que poderá transformá-lo em solução, mesmo que demore.

O instinto político faz um prefeito, por exemplo, optar por adiar algumas audiências marcadas em seu gabinete para ir a um evento onde verá o governador do Estado, mesmo que de longe.

Lá, poderá acenar para ele e, quem sabe, engatar uma conversa que poderá render uma visita, quando então pedirá recursos para uma obra importante. O governador pode não atender, mas ficará devendo um recurso, uma atenção. Ou seja, às vezes é mais importante arriscar algo improvável do que se debruçar no que parece certo.

Um sorriso no momento certo, uma declaração de apoio numa hora difícil quando o mais fácil seria criticar, pode representar a diferença entre conquistar ou não uma obra que beneficiará 100 mil pessoas.

Foi assim que Márcio conseguiu R\$ 2,8 milhões do governador Geraldo Alckmin para duplicar a Avenida Angelina Pretti, que serve 100 mil moradores do continente vicentino. Em vez de receber o governador em São Vicente, onde estava prevista uma visita, o prefeito esteve sempre por perto em todo o roteiro regional. Onde ia Geraldo lá estava Márcio, discreto, mas presente. Sabia que os jornalistas perguntariam sobre a avenida, palco de muitos acidentes com vítimas fatais.

Em dado momento, na saída do Cemitério do Paquetá, em Santos,

houve um rápido diálogo, quando o prefeito pediu ajuda para duplicar o importante acesso.

O governador notou, entre os jornalistas, o mesmo clamor pela obra. Olhou para Márcio, olhou para os jornalistas e declarou: “Vou ajudar a fazer a obra”. Pronto! Gol para São Vicente. Gol para os 100 mil moradores do continente. Mais tarde, já em São Vicente, sobre um palanque, o governador falou em alto e bom som que liberaria R\$ 2,8 milhões para duplicar a via.

É isso: correr riscos e apostar no improvável. Nem sempre em todas as redadas o pescador pega o peixe. Mas se não insistir não pegará nada. Sairá “sapateiro”, como se diz na gíria da pesca. O político, no caso, sairá sem atender seu eleitorado.

A persistência, aliada ao instinto político, produz resultados espetaculares, pouco conhecidos da população porque o que acontece nos bastidores raramente vira notícia. Mas são lances desse tipo, muito mais que toneladas de papéis remetidos por técnicos, que mudam o curso da história de uma comunidade.

Os que não vivem a política não entenderiam os motivos que levaram Márcio França a se desdobrar para atuar como presidente do PSB no Estado de São Paulo e organizar, em todas as eleições, uma expedição já batizada de Caravana da Coragem, que percorre todas as cidades onde há um candidato do partido precisando de ajuda. Uma carreta com som chega nos pequenos municípios e dá vida nova às campanhas, criando um elo em mais de 80 cidades entre Márcio e as lideranças estaduais. Os políticos entendem que isso é criar força, angariar futuros apoios, que reverterem em prestígio e o prestígio retorna em obras e investimentos sociais.

Quando Márcio França foi à China, acompanhando a missão do Ministério da Ciência e Tecnologia, e aproveitou para fazer vários contatos no exterior, alguns moradores questionaram o que um prefeito, em vez de cuidar da Cidade, vai fazer do outro lado do mundo.

Entenderam meses depois, quando São Vicente recebeu a visita da comitiva chinesa. O vice-presidente da Associação Chinesa de Prefeitos, Zhao Daojiang, disse que soube do potencial de São Vicente e

da Baixada Santista durante a visita de Márcio França à China. Na reunião com os visitantes, o prefeito contou a história do descobrimento do Brasil, explicando a importância de São Vicente no processo de implantação do Poder Legislativo. Após o encontro, a delegação fez um *tour*, conhecendo os principais pontos turísticos do Município.

São Vicente abriga uma colônia com mais de 1.000 chineses, abrangendo principalmente o comércio vicentino. A comitiva, que anteriormente visitou Foz do Iguaçu, Manaus e Rio de Janeiro, ficou impressionada com as belezas naturais do Brasil. A delegação era formada por Zhao Daojiang, vice-presidente da Associação Chinesa de Prefeitos; Tang Kai, secretário do Comitê Cultural do Partido Comunista Chinês; Wang Chang Yuan, secretário-geral da Associação Chinesa de Prefeitos; Feng Zho Nghua, membro do Ministério Público Chinês; Yeh Jng, presidente da comitiva; Zhang Wen Juan, intérprete, e Maria Rita Lucas, membro da Câmara Brasil-China.

Aos poucos, São Vicente virou rota de delegações estrangeiras. Em razão de convênio firmado com a Universidade Estadual Paulista (Unesp), que abriu a primeira universidade pública da região, a Cidade recebeu um grupo de empresários, liderado pelo professor Werner Faix, do Instituto Steinbeis, de Stuttgart, Alemanha.

Durante encontro com os empresários, o prefeito Márcio França fez uma explanação sobre a atual conjuntura econômica brasileira, com enfoque para a situação da Baixada Santista, onde está instalado o maior porto da América Latina, responsável pelo escoamento de pelo menos metade de toda a produção nacional. “É de extrema importância esse estreitamento de relações com a comunidade alemã, por intermédio desses empresários, porque temos certeza de que, a partir desta visita, vamos poder contar com 26 novas cabeças pensando de que forma poderemos melhorar as relações bilaterais entre o Brasil e a Alemanha”, afirmou.

Uma das visitas mais marcantes foi a do presidente do Conselho da Federação da Assembleia Federal da Rússia (Câmara Alta do Parlamento russo), Serguey Mikhailovitch Mironov, que demonstrou

interesse no potencial turístico da Cidade. Os russos quiseram ouvir a opinião do prefeito Márcio França sobre a situação econômica e política do País, sobretudo em relação às reformas constitucionais.

Também na condição de secretário nacional do PSB, presidente do partido no Estado de São Paulo e presidente da Associação Brasileira de Prefeituras, França deixou claro que a reforma política é a “mãe de todas as reformas”, essencial portanto para que as demais iniciativas sejam viabilizadas e assim o Brasil possa crescer economicamente, gerando empregos e diminuindo as injustiças sociais. Márcio França fez aos russos um resumo das transformações que operou em São Vicente. A terceira maior autoridade russa esteve antes com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em Brasília.

Serguey Mironov também é presidente do Conselho da Assembleia Interparlamentar dos Países-Membros da Comunidade dos Estados Independentes e presidente do Partido Russo da Vida. Ao agendar sua visita oficial ao Brasil, a autoridade russa manifestou interesse em conhecer a Primeira Cidade do Brasil, em função de contatos anteriores do prefeito Márcio França com empresários russos que já haviam visitado a Cidade.

Foram confirmadas as providências para o convênio de geminação entre São Vicente e a cidade russa de Dmitrovi. Parte da comitiva, acompanhada por forte esquema de segurança, composto por agentes russos e pela Polícia Federal do Brasil, visitou praias e costões, onde Mironov praticou a pesca amadora, capturando e devolvendo ao mar algumas espécies de peixes típicos da região. O presidente da Assembleia Russa, sua esposa e diversos embaixadores tomaram banho de mar na Baía de São Vicente, conheceram o mirante construído pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no alto da Ilha Porchat, e almoçaram no Restaurante Terraço.

Assim, a Cidade que há oito anos era chamada de *Sucupira* por causa do seu baixo nível político, passou a receber delegações do mundo inteiro, o que marcou definitivamente uma nova era, caracterizada agora por manter relações internacionais.

Os trinta membros da delegação de Naha, cidade-irmã de São Vicente situada na Província de Okinawa, no Japão, se emocionaram quando Márcio França os saudou, na língua japonesa de Okinawa, com um provérbio que diz: “Somos todos irmãos a partir do nosso primeiro encontro”.

É claro que é difícil atrair gente do mundo todo para uma Cidade usando histórias e palavras. Também não é fácil manter relativo consenso sobre todos os temas com todos os vereadores e segmentos. Requer até mesmo enorme resistência à tortura o fato de sofrer centenas de processos por querer fazer obras vencendo a burocracia e a inveja.

Mas é por aí que a política vira arte. Porque nunca se esgota. Porque a tudo comporta. Porque permite a um oficial de Justiça, em alguns anos, ver realizado seu sonho de abrir creches para que nunca mais crianças sejam presas em jaulas. Porque concede a um homem, através de palavras que convenceram uma cidade inteira, o poder de transformar um lixão onde crianças disputavam comida com urubus num parque florido em que crianças agora aprendem educação ambiental.

É desta política que a tudo transforma, usando palavras e depois atos e depois palavras novamente, que chamo de a mais nobre das artes. Os grandes homens e mulheres da história usaram desta arte para deixar legados que já duram milênios. Legados de liberdade, de democracia, de fé, de igualdade e de amor. As mesmas palavras ainda ecoam e continuam transformando.

É esta política também que exige vocação e talento; que exige dedicação e que só pode ser praticada para quem realmente é por ela apaixonado, como um amante que não consegue se afastar do seu desejo. Uma paixão mesmo, com os ônus e os prazeres que ela carrega e impõe.

A paixão com que Márcio França atua na política ainda surpreende até os que estão ao seu lado. Mas a melhor explicação está na máxima de Santo Agostinho.

Quando perguntado sobre qual o limite para as paixões e com que intensidade se deve amar ou se entregar aos ideais, Santo Agostinho simplesmente arrematou: **“A medida do amor é amar sem medir”**.



Tercio amplia ações sociais e se reelege com 73%

Mesmo tendo trabalhado 17 anos de sua vida na Prefeitura, desde quando entrou como estagiário, até presidir a Companhia de Desenvolvimento de São Vicente, a Codesavi - empresa de economia mista com capital majoritário do Município - Tercio Garcia tinha plena consciência do tremendo desafio político que assumiria ao aceitar o convite de Márcio França para sucedê-lo. Tercio não recuou um segundo e logo iniciou a preparação para disputar sua primeira eleição.

Engenheiro agrônomo, conhecido por seu sentido de organização, planejamento e do gosto por gráficos e relatórios de resultados, Tercio certamente foi motivo de muitas conversas sobre a sua capacidade de "aguentar" uma campanha política, com todo o caos que a caracteriza, e ainda mais uma Prefeitura reconhecidamente complexa por abrigar, ao mesmo tempo, representantes de quase todas as facções políticas do País.

Teria Tercio estômago para enfrentar os desafios de administrar sem dinheiro e ainda conviver com as incessantes demandas da Câmara? Tercio, com seu estilo educado, de fala mansa, atingiria os eleitores acostumados aos arroubos e performances do seu antecessor Márcio França? Choviam comentários até mesmo de que Tercio não era suficientemente conhecido na Cidade. Nunca havia disputado uma eleição para vereador, era discreto demais etc.

Naqueles momentos que antecederam o início da campanha, muitos não sabiam, mas Tercio já estava exercendo uma de suas mais fortes qualidades: a paciência. De fato muitos não conheciam Tercio e também ainda não tinham completa noção de que o programa que o

PSB havia preparado para a Primeira Cidade do Brasil era mais consistente do que as tribulações de uma campanha eleitoral ou questões de imagem pessoal.

Aos poucos, Tercio começou a cumprir uma agenda de entrevistas, comparecendo serenamente a programas de rádios de emissoras comunitárias, visitando lideranças, conversando com as pessoas e mostrando sua personalidade, sem retoques, sem nunca tentar ser mais expressivo, mais contundente. Era simplesmente o Tercio de sempre, calmo, que mais ouve do que fala, que analisa sempre os fatos e não promete o que não pode cumprir.

Com o constante incentivo e apoio de Márcio França e do grupo de pessoas que sempre o admirou, Tercio andou por toda São Vicente e logo já estava em campanha, publicando, inclusive, seu livro "Sobreviver Vale a Pena", contando como venceu um câncer ainda aos 20 anos de idade.

Eleito com 82,69% dos votos válidos, Tercio colocou rapidamente seus planos em ação. Fez questão de dar continuidade aos projetos de França e ainda ampliá-los. Mais ainda: realizou projetos urbanos importantes, como a duplicação da Linha Amarela, da Avenida Angelina Pretti e a abertura de ciclovias, que atendem 15 mil ciclistas/dia.

Um dos seus lances mais importantes foi dado nos primeiros dias de governo, em 2005. Marcou uma audiência com o Ministério Público Federal (MPF) e, pacientemente, costurou um entendimento que permitiria a São Vicente vencer um tabu de 60 anos: a urbanização da Praia do Itararé. Sereno, mas firme como um samurai, Tercio fechou um compromisso com o MPF, selado com uma decisão da Justiça Federal, que deu aos vicentinos o direito de ter uma praia decente, única.

Tercio inovou ao abrir os Centros Educacionais e Recreativos - os CERs - que representam jornada ampliada aos estudantes em situação social vulnerável. Assim, usou música, esporte e lazer para recuperar alunos, atraindo-os para a escola no contraturno. A Cidade tem

ao todo 81.500 crianças e jovens em projetos sociais e escolas. Todos se manifestam através da arte (teatro, música e dança) durante o Festival de Cidadania, evento criado por Tercio que ganhou fama nacional.

Abriu creches, ampliou escolas, pavimentou ruas do continente e, principalmente, investiu na formação e capacitação do ser humano. Incentivou a abertura de empresas, o setor da construção civil e apostou na educação como forma de vencer a violência. Tercio sabia que suas ações demandariam alguns meses para surtir efeito. Soube controlar a ansiedade da equipe e manter o Governo nos trilhos. Os resultados, quando surgiram, calaram os céticos e motivaram ainda mais o time.

Eis alguns resultados:

O Ministério do Trabalho e Emprego apontou São Vicente por vários meses como a Cidade da Baixada Santista que mais gerou empregos com carteira assinada, um crescimento de 347% em 2007 em comparação com 2005. A Cidade atraiu mais de 2 mil novas empresas de 2005 para cá, crescimento de quase 40%. A Secretaria de Segurança do Estado mostrou em suas estatísticas que São Vicente reduziu o número de homicídios em 90%, resultado que reflete a ação dos projetos sociais implantados, que atendem cerca de 20 mil pessoas por mês.

O incentivo à construção civil, com a aprovação de uma lei de estímulo aos investidores, fez o número de cartas de habite-se aumentar 731%. Levantamento realizado pela Prefeitura entre 1997 e 2008 registra um salto nas construções em São Vicente de 435% em metros quadrados, gerando ainda mais empregos e aquecendo a economia.

Na Educação, o crescimento, em 2008, comparando-se ao começo da gestão do PSB, foi de 480%. O índice de alfabetização, de 90,21%, superou a média nacional, de 83,22%. A Cidade teve o melhor índice de Educação Básica da região. Tercio ganhou o Prêmio Gestão Nota 10 do Instituto Ayrton Senna e o Prêmio Prefeito Amigo da Criança, da Fundação Abrinq, pelos bons resultados no setor. O prefeito

socialista usou ainda o esporte para incentivar a Educação ao aumentar em 200% as vagas nas escolinhas de esporte, aproveitando o exemplo de um remador revelado no projeto da Prefeitura que foi parar nas Olimpíadas de Pequim. Foi capaz também de valorizar os servidores, promovendo até aumento real de salário na sua gestão.

Na área da Habitação, Tercio conseguiu a proeza de entregar a média de 1,3 casa popular por dia e deu início a um processo de legalização de moradias que concederá mais de 5 mil títulos de propriedade. Realiza, ainda, obras de pavimentação na área continental e ainda a reurbanização, com drenagem e pavimentação, da Linha Azul, um complexo viário que envolve quatro avenidas que cortam sete bairros de São Vicente onde vivem 150 mil pessoas.

Fez triplicar o número de procedimentos de saúde e promoveu mutirões, levando os médicos aos bairros nos finais de semana e obteve, da população - como comprovou pesquisa do Instituto de Pesquisas A Tribuna - IPAT - a aprovação de mais de 60% após o atendimento nas unidades básicas e prontos-socorros. Abriu ainda o Centro Médico Martim Afonso, na Vila Margarida, que atende 800 pessoas/dia em 22 especialidades ambulatoriais. No transporte público criou o Projeto Domingo Legal, que dá desconto de 50% nas tarifas aos domingos para incentivar a população a visitar seus familiares e desfrutar momentos de lazer.

São Vicente também saltará de 14 para mais de 40 quilômetros de ciclovias. Além da ciclovia do Itararé, com 1.800 metros de extensão, foi implantada a ciclovia na orla do Gonzaguinha, ligando a Ponte Pênsil ao Itararé. Assim, moradores da região vão se deslocar entre Praia Grande, São Vicente e Santos.

Já a Praia do Itararé ganhou o primeiro jardim de praia do Brasil com espécies da Mata Atlântica. Com a urbanização, a orla se transformou em uma sala de aula de ciências e meio ambiente, além de promover a integração da avifauna do Morro do Itararé, do Parque Estadual Xixová-Japuí com a praia.

Não demorou muito e Tercio passou a ser chamado por lideranças do PSB em todo o Brasil e dar palestras sobre seus projetos e como alcançou tais resultados. Passou por capitais do Nordeste, Sudeste e Sul do País, sempre divulgando a fórmula de sucesso da gestão do PSB em São Vicente, baseada nas ações pragmáticas na área social e de formação humana com o apoio de todos os segmentos políticos e da comunidade, que era consultada e recebia explicações nas dezenas de audiências públicas organizadas pelo prefeito.

Foi convidado para presidir o Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista - Condesb, que reúne os nove prefeitos da faixa litorânea que compreende de Bertioga a Peruíbe. Incutiu o conceito de cidadão metropolitano, desprovido de bairrismos, vaidades e com forte espírito der colaboração regional.

O estilo sereno e eficiente de Tercio, aliado aos resultados dos seus quatro anos de gestão, fez com que seu nome surgisse na frente nas pesquisas de intenção de voto a partir de meados de 2008. O reconhecimento popular aumentou à medida que a eleição se aproximava. Uma campanha que soube mostrar as realizações fez Tercio percorrer as ruas percebendo o reconhecimento popular. No dia 5 de outubro o povo o escolheu com 73% dos votos válidos.

Casado com Márcia e pai de Daniel, foi eleito presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista em março de 2009, mediando importantes debates sobre a preservação da água às futuras gerações e o direito dos municípios receberem pelo uso dos seus mananciais de água. Com base na sua experiência, criou 40 índices de avaliação de governar, o Top 40, que virou modelo nacional.

Assim, o Governo do PSB em São Vicente completará 16 anos. Mas o legado deixado pelos socialistas vicentinos ficará. para sempre na história da Primeira Cidade do Brasil.



Márcio deputado vira liderança nacional

Chegar em Brasília e encontrar espaço entre 513 deputados federais para levar as reivindicações de São Vicente e da Baixada é um desafio para qualquer político. Mais difícil é ter força para influenciar os colegas e ainda se aproximar do presidente da República. O desafio é ainda maior se você está começando na esfera federal e assume o posto de deputado pela primeira vez.

Márcio França conseguiu tudo isso e ainda fazer parte do Conselho do presidente Lula. Logo no começo foi eleito líder da bancada do PSB e articulou o chamado bloquinho de esquerda, com mais de 70 parlamentares. Quem conhecia o Márcio de São Vicente sabia que, como deputado federal, eleito com 215.388 votos - a maior votação da história de um deputado federal da Baixada Santista -, ele faria valer cada voto que recebeu.

Com tanto esforço e prestígio, aliado ao seu enorme poder de articulação, França fez São Vicente receber recursos federais como nunca antes na história dos 477 anos da Primeira Cidade do Brasil. Confira aqui algumas das conquistas de Márcio França como deputado federal publicadas na Imprensa:

Márcio França destina R\$ 7,65 mi para Baixada Santista em 2009

O deputado federal Márcio França (PSB/SP) destinou, no Orçamento da União 2009, um total de R\$ 7,65 milhões para os

municípios da Baixada Santista. As emendas foram apresentadas à Comissão Mista de Orçamento e já integram o orçamento em vigor.

São Vicente ganha R\$ 13 milhões do PAC para combater enchentes

A pedido do deputado federal Márcio França (PSB/SP), o presidente Lula incluiu São Vicente no PAC Saneamento, programa do Governo Federal que destina ao município R\$ 13 milhões para recuperação e drenagem dos canais Sá Catarina de Moraes e Alcides de Araújo, o que eliminará as enchentes que atualmente castigam os bairros Parque São Vicente, Catiapoã, Vila Melo e Jardim Guassu. Mais de 50 mil pessoas serão beneficiadas. Em todo o Estado de São Paulo apenas nove municípios se habilitaram.

Região tem R\$ 4,14 mi para implantar telecentros

A Caixa Econômica Federal (CEF) liberou R\$ 4.147.025,00 para a instalação de telecentros nos municípios da Baixada Santista. O recurso é oriundo do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), incluído no orçamento do órgão por força de emenda articulada junto à bancada paulista pelo líder do PSB na Câmara dos Deputados, Márcio França (SP).

Telecentros e 'sala de aula do futuro' garantem 2009 melhor

Duas novidades marcaram o ano de 2009 na área de inclusão digital. São os telecentros e a 'sala de aula do futuro'. É que em 2008 a Caixa Econômica Federal (CEF) liberou R\$ 1,35 milhão para a instalação de dez telecentros em São Vicente. O recurso é oriundo do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), incluído no orçamento do órgão por força de emenda articulada junto à bancada paulista pelo líder do PSB

na Câmara dos Deputados, Márcio França (SP).

Sala de aula - Alunos da rede pública de ensino de São Vicente poderão aprender Português e Matemática, entre outras disciplinas, de um jeito diferente. A pedido do deputado federal Márcio França (PSB/SP), o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) liberou R\$ 1 milhão para a implantação de um projeto pioneiro na Baixada Santista: as 'salas de aula do futuro', com carteiras e lousa digital.

União libera R\$ 3,22 mi para telecentros em 20 cidades do Vale

A Caixa Econômica Federal (CEF) liberou em 2008 empenhos no valor de R\$ 3.227.950,00 para a instalação de telecentros em 20 municípios do Vale do Ribeira. O recurso é oriundo do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), incluído no orçamento do órgão por força de emenda articulada junto à bancada paulista pelo líder do PSB na Câmara dos Deputados, Márcio França (SP).

São Vicente terá creche 'high tech'

Com um investimento de R\$ 500 mil, obtido por emenda parlamentar do deputado federal Márcio França (PSB/SP), a Prefeitura de São Vicente deve concluir até janeiro de 2010 a reforma da Creche Vovó Libânia, na Biquinha. A obra transformará a creche em unidade modelo e contará com sistema de monitoramento por câmeras. Os pais poderão acompanhar, via internet, o dia-a-dia de seus filhos.

União destina R\$ 2,5 milhões para SV implantar acesso público gratuito à internet

O município de São Vicente teve direito a R\$ 2,5 milhões do orçamento do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) para implantar o

projeto Cidade Digital, o qual oferece internet gratuita – com tecnologia ‘wireless’ (sem fio) – em áreas públicas. A disponibilização do recurso foi possível graças a emendas do deputado federal Márcio França (PSB/SP).

A novidade permitirá aos munícipes acessar a internet nas ruas e praças, bastando, para isso, ter um computador portátil (laptop) com cartão ou placa ‘wireless’. “Da mesma forma, também por meio de emendas, estamos disponibilizado a São Vicente outros R\$ 910 mil para que a Prefeitura adquira cerca de 70 lousas digitais para a rede pública de ensino”, explicou o parlamentar que, já oficiou o ministro Sérgio Rezende (PSB) sobre a relação de outras cidades na Baixada Santista a serem beneficiadas com os recursos.

A pedido de José Serra, França busca recursos para VLT na BS

O deputado federal Márcio França (PSB/SP) busca recursos junto ao Governo Federal para financiar a implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) na Baixada Santista. O parlamentar esteve reunido com o governador de São Paulo José Serra para tratar do assunto.

Verba de R\$ 2,18 milhões garante poliesportivo na Vila Margarida

Por meio de emenda parlamentar do deputado federal Márcio França (PSB/SP), a pedido do prefeito Tercio Garcia (PSB) e do vereador Leo Santos (PSB), o Governo Federal liberou R\$ 2.180.725,00 para a construção de um complexo poliesportivo no antigo campo do Beija-Flor, na Vila Margarida.

França destina R\$ 6,25 milhões para pavimentar Jardim Rio Branco

Uma emenda de R\$ 6,25 milhões ao Orçamento da União para

2009 conseguiu garantir a pavimentação de todo o Jardim Rio Branco, na área continental de São Vicente. A emenda foi apresentada pelo deputado federal Márcio França (PSB/SP) e representa o atendimento a uma reivindicação antiga dos moradores da região.

Fundeb dobrará investimento em crianças especiais a partir de 2010

O deputado Márcio França (PSB/SP), que tem entre suas principais metas a melhoria do atendimento a crianças portadoras de necessidades especiais, comemorou a publicação, em setembro de 2008, do Decreto 6.571, que autoriza o Fundeb a dobrar, a partir de 2010, os repasses às escolas municipais regulares que possuem atividades extraclasse para estudantes portadores de deficiência. Em fevereiro, o parlamentar já havia apresentado emenda à MP 339/2006 propondo triplicar o valor.

França integra, novamente, *ranking* dos 100 mais influentes

O deputado federal Márcio França (PSB/SP), líder da legenda socialista no legislativo federal, integrou a lista dos 100 parlamentares mais influentes do Congresso Nacional em 2008 e 2009, segundo as edições do “Cabeças do Congresso”, pesquisa publicada pelo Diap (Departamento Intersindical de Imprensa Parlamentar), órgão que reúne 900 sindicatos de trabalhadores em todo o País. A pesquisa é feita desde 1994 e o deputado paulista integrou mais uma vez este importante *ranking*.

França é reeleito presidente do PSB paulista

O deputado federal Márcio França, líder da bancada do PSB na Câmara dos Deputados, foi reeleito em maio de 2008, durante o 8º

Congresso Estadual da legenda, realizado em São Vicente (SP), presidente da Executiva paulista do partido. O evento contou com a presença do deputado federal Ciro Gomes (CE).

França também foi reeleito, em junho de 2008, secretário nacional de Finanças do Partido Socialista Brasileiro, durante o XI Congresso Nacional da legenda. Ainda em 2008, Márcio França foi reconduzido, em fevereiro, à liderança da bancada do Partido Socialista Brasileiro na Câmara dos Deputados.

Márcio França aprova PL contra 'blindagem' de menores infratores

O assassinato da estudante Emily Guedert de Araújo, de 13 anos, em 20 de maio de 2007, em São Vicente, durante tentativa de roubo de uma máquina fotográfica por outros dois adolescentes - entre tantos outros atos de violência praticados por menores - parece ter sensibilizado boa parte dos deputados federais.

A Câmara dos Deputados aprovou, no dia 15 de maio de 2008, o Projeto de Lei nº. 938/2007, que autoriza o juiz a considerar, ao fixar a pena-base de um acusado, os antecedentes criminais do réu quando menor de idade. O PL foi aprovado em tempo considerado recorde.

A mudança no Código Penal proposta pelo projeto, se também aprovado no Senado e sancionado pelo presidente Lula, incidirá somente nos casos de crimes graves, com o uso de violência.

CCJ aprova punição para autoridade que atrasar processo

Em mais uma aprovação em tempo recorde, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou em junho de 2008, em caráter conclusivo, o Projeto de Lei 1.246/07, do deputado federal Márcio França (PSB/SP), que determina a instauração imediata de processo administrativo contra a autoridade

que retardar o andamento de processo no âmbito da Administração Pública Federal.

Câmara dos Deputados discutirá criação da Polícia Portuária Federal

O presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia (PT/SP), determinou em novembro de 2008 a instalação de uma comissão especial para discutir a criação da Polícia Portuária Federal, conforme prevê a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 59-A/2007, de autoria do deputado federal Márcio França (PSB/SP).

Senado aprova incentivo fiscal para modernização portuária

O plenário do Senado Federal aprovou em maio de 2008 o Projeto de Lei de Conversão (PLV) 10/08, oriundo da Medida Provisória (MP) 412/07, que prorroga até 31 de dezembro de 2011 o prazo para aquisição de máquinas e equipamentos com isenção fiscal por meio do Regime Tributário para Incentivo à Modernização e à Ampliação da Estrutura Portuária (Reporto).

O Reporto incentiva investimentos na infraestrutura portuária ao garantir a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), das contribuições para o Programa de Integração Social (PIS) e o Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) na compra de equipamentos para terminais marítimos.

Segundo o deputado federal Márcio França (PSB/SP), relator do texto na Câmara, a aprovação é uma boa notícia para o Porto de Santos. “A estimativa dos técnicos do governo é que a manutenção do programa gere R\$ 830 milhões em investimentos privados até 2010. De 2004 até hoje estima-se que foram investidos R\$ 581 milhões por conta do Reporto”.

Márcio França ajuda na reintegração de portuários demitidos por Collor

Os quase 20 anos de espera de 46 portuários e suas famílias, demitidos arbitrariamente pela Companhia Docas do Estado de S. Paulo (Codesp) durante o governo Collor, chegaram ao fim. Anistiados pela Lei nº. 8.878/1994, os trabalhadores conseguiram retornar ao trabalho. Segundo Sylvio Rufino, líder dos anistiados, e a advogada Jaqueline de Souza, que atuou em prol dos trabalhadores, o apoio incondicional do deputado federal Márcio França (PSB/SP) e do vereador Caio França (PSB) foi fundamental para que os portuários voltassem à ativa.

Márcio França recebe Ordem do Mérito Naval

O deputado federal Márcio França (PSB/SP) recebeu em 2009 a medalha Ordem do Mérito Naval. Ofereceu a medalha o comandante da Marinha, almirante-de-esquadra Júlio Soares de Moura Neto. Além de França, receberam a homenagem o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, e o procurador-geral da República, Antônio Fernando de Souza.

Baixada Santista poderá ter prioridade na criação de ZPEs

A Câmara dos Deputados está analisando o Projeto de Lei nº. 4.199/2008, de autoria do deputado federal Márcio França (PSB/SP), que propõe a alteração das regras para a criação das Zonas de Processamento de Exportação (ZPEs). Se aprovada, a Baixada Santista estará um passo à frente, em relação a outras localidades, na atração de investimentos estrangeiros e na geração de empregos.

O que são ZPEs - As ZPEs são distritos industriais incentivados, onde as empresas operam com suspensão de impostos, liberdade cambial (não são obrigadas a converter em reais as divisas obtidas

nas exportações) e procedimentos administrativos simplificados - com a condição de destinarem pelo menos 80% de sua produção ao mercado externo.

França defende juro reduzido para policial financiar imóvel

Garantir uma redução de 20% a 80% nas taxas de juros dos financiamentos tomados por policiais militares e civis na compra da casa própria. É o que propõe o Projeto de Lei nº. 2.797/2008, de autoria do deputado federal Márcio França (PSB/SP). O PL tramita na Comissão de Desenvolvimento Urbano da Câmara dos Deputados.

França destina R\$ 2,35 milhões ao Vale do Ribeira em 2009

O deputado federal Márcio França (PSB/SP) destinou, no Orçamento da União 2009, um total de R\$ 2,35 milhões para 15 municípios do Vale do Ribeira. As emendas foram apresentadas à Comissão Mista de Orçamento na primeira quinzena de dezembro de 2008 e já integram o projeto da lei orçamentária anual para 2009.

União empenha R\$ 933,75 mil para Vale do Ribeira em 2008

O Governo Federal já empenhou, em 2008, R\$ 933,75 mil para sete municípios do Vale do Ribeira. O recurso é oriundo de emendas parlamentares individuais do deputado federal Márcio França (PSB/SP) ao Orçamento 2008. Outros R\$ 620 mil poderão ser empenhados ainda este ano.

Márcio França traz Instituto do Pré-Sal para São Vicente

A Baixada Santista deverá ganhar, em 2010, o Instituto de Pesquisa do Pré-Sal, que vai oferecer cursos de graduação e de pós-graduação,

contribuindo na formação de mão-de-obra especializada na área de petróleo e gás para a geração de novos empregos. O campus da Unesp em São Vicente deverá ser o embrião do projeto na Região. A chegada do pólo de pesquisas foi articulada em Brasília, pelo deputado federal Márcio França (PSB/SP), junto ao reitor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Herman Jacobus, e ao ministro da Ciência e Tecnologia (MCT), Sérgio Rezende, que já determinou a criação de uma comissão de técnicos e pesquisadores para executar o projeto. Segundo o ministro, sua pasta destinará ao instituto R\$ 400 mil para a elaboração do projeto do instituto.

Veja os projetos de lei apresentados pelo deputado Márcio França

PROJETOS DE LEI ORDINÁRIA

PL PROPÕE NOVAS REGRAS PARA CRIAÇÃO DE ZPE

O Projeto de Lei nº. 4.199/2008 propõe o acréscimo de parágrafo à Lei nº. 11.508/2007, dando prioridade a regiões metropolitanas próximas a portos e aeroportos na criação das Zonas de Processamento de Exportação (ZPEs). Foi apresentado em plenário no dia 30 de outubro de 2008 e aguarda despacho da mesa diretora.

JUSTIÇA RESSARCIRÁ EMPRESAS QUE AJUDARAM NAS ELEIÇÕES

O Projeto de Lei nº. 4.174/2008 estabelece que as empresas privadas que fornecem imóveis ou trabalhadores à Justiça Eleitoral na época das eleições possam abater de tributos e contribuições federais o valor correspondente a esses gastos. Foi apresentado em plenário

no dia 28 de outubro de 2008 e encaminhado pela Mesa Diretora à Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio, à de Finanças e Tributação e à de Constituição e Justiça e de Cidadania.

COMÉRCIO DE PILHAS E BATERIAS PODERÁ TER RESTRIÇÕES

O Projeto de Lei nº. 2.882/2008, apresentado em plenário no dia 26 de fevereiro deste ano, se aprovado, imporá novas regras ao comércio de pilhas e baterias. Só poderão ser vendidas aquelas que tiverem o prazo de validade visível, um alerta sobre a necessidade de sua reciclagem após o uso, um detalhamento da composição química e as consequências do uso do produto para o meio ambiente. Também obriga a disponibilização de pontos de coleta em centros comerciais. Tramita em regime de urgência e aguarda apreciação do plenário.

PROJETO DÁ DESCONTO A POLICIAIS NA COMPRA DE CASA PRÓPRIA

O Projeto de Lei nº. 2.797/2008 propõe a alteração da Lei nº. 9.514/1997. O objetivo é conceder desconto no financiamento imobiliário de casa própria a policiais civis e militares. Foi apresentado em plenário no dia 14 de fevereiro de 2008 e encontra-se na Comissão de Desenvolvimento Urbano, tendo o deputado Fernando Chucre (PSDB/SP) como relator. No dia 16 de maio de 2008, foi recebido pela Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado (CSPCCO), onde o relator Lincoln Portela (PR/MG) deu parecer favorável ao projeto. Aguarda apreciação do plenário da comissão.

PL MODIFICA CRITÉRIOS DE REMUNERAÇÃO DE LOTÉRICAS

O Projeto de Lei nº. 2.051/2007 propõe a alteração dos critérios utilizados pela Caixa Econômica Federal (CEF) no cálculo da remuneração das casas lotéricas pelo serviço de recebimento de

tributos federais, estaduais e municipais. Apresentado em plenário em 18 de setembro de 2007, tramita na Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público. Aguarda parecer do relator Edgar Moury (PMDB/PE).

PROPOSTA DEFENDE CERTIFICAÇÃO DO ETANOL PELO INMETRO

O Projeto de Lei nº. 1.299/2007 propõe a certificação da qualidade do álcool combustível (etanol) produzido no Brasil. Proposto em plenário em 12 de junho de 2007, tramita na Comissão de Minas e Energia, onde tem como relator o deputado Arnaldo Jardim (PPS/SP).

PL AGILIZA TRAMITAÇÃO DE PROCESSOS NO SERVIÇO PÚBLICO

O Projeto de Lei nº. 1.246/2007 propõe a instauração imediata de processo administrativo disciplinar contra funcionário público que retardar o andamento de processos sob sua responsabilidade. Apresentado em plenário em 4 de junho de 2007, recebeu parecer favorável na Comissão de Constituição, Justiça e de Cidadania. Aguarda apreciação no Senado Federal.

PROPOSTA QUER COMPENSAR MUNICÍPIO POR GASTO EM ELEIÇÃO

O Projeto de Lei nº. 1.071/2007 propõe ressarcir os municípios pelos gastos realizados durante as eleições e com a manutenção dos cartórios eleitorais. Apresentado em plenário no dia 15 de maio de 2007, encontra-se na Comissão de Finanças e Tributação (CFT), onde obteve parecer favorável do relator Guilherme Campos (DEM/SP). Aguarda apreciação do plenário da comissão.

PL MUDA CRITÉRIOS NA FIXAÇÃO DE PENA A MENOR INFRATOR

O Projeto de Lei nº. 938/2007 propõe a alteração do art. 59 do Código Penal, estabelecendo que o juiz, na fixação da pena, considere os antecedentes da pessoa, mesmo aqueles atos praticados quando menor de idade. Apresentado em 2 de maio de 2007, foi aprovado pelo plenário Câmara dos Deputados. Obteve, ainda, parecer favorável da CCJ do Senado Federal e agora aguarda votação.

INTERPRETAÇÃO SOBRE GERENCIAMENTO COSTEIRO PODE MUDAR

O Projeto de Lei nº. 721/2007 propõe a alteração da Lei nº. 7.661/1988, que instituiu o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro. O PL objetiva consolidar interpretação da legislação com relação aos licenciamentos ambientais (relatórios de impacto ambiental). Apresentado em plenário em 12 de abril de 2007, foi encaminhado à Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, onde teve parecer favorável dos relatores e do plenário. No dia 16 de outubro de 2008 foi recebido pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, onde aguarda parecer do relator Beto Albuquerque (PSB/RS).

PROPOSTA QUER ISENTAR PERUEIROS DO PAGAMENTO DE IPI

O Projeto de Lei nº. 419/2007 propõe a isenção de pagamento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) aos concessionários de transporte alternativo na compra de vans e peruas. Apresentado em plenário em 14 de março de 2007, aguarda designação de relator na comissão de Finanças e Tributação (CFT).

OFICIAIS DE JUSTIÇA PODERÃO TER ISENÇÃO DE IPI

O Projeto de Lei nº. 418/2007 propõe a isenção de pagamento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) aos oficiais de Justiça na compra de veículos utilizados em serviço. Na Comissão de Finanças e Tributação, o deputado Manoel Junior (PSB/PB) foi designado relator e no dia 8 de agosto de 2007 pediu que a Receita Federal do Brasil realizasse um relatório sobre a estimativa de renúncia fiscal decorrente da isenção. Em 11 de junho de 2008, o relator deu parecer pela aprovação e adequação financeira do projeto. Aguarda apreciação do plenário da comissão.

PL QUER MAIOR PRAZO DE INTERNAÇÃO PARA MENOR INFRATOR

O Projeto de Lei nº. 395/2007 propõe a alteração do Estatuto da Criança e do Adolescente para ampliar o prazo de internação do adolescente infrator e estabelecer a possibilidade de aplicação de medidas de segurança, entre outras providências. Apresentado em plenário em 13 de março de 2007, foi apensado ao PL 2847/ 2000 e encaminhado à Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado (CSPCCO), onde aguarda sua apreciação.

PROPOSTA OBRIGA FÁBRICA A ADAPTAR VEÍCULO PARA DEFICIENTE

O Projeto de Lei nº. 2.190/2007 foi apresentado em plenário no dia 10 de outubro. Se aprovado, as montadoras de veículos serão obrigadas a fornecer veículos a deficientes com a adaptação necessária feita na própria fábrica, com um custo que não ultrapasse em 10% o valor de um automóvel comum. Obteve parecer favorável do relator Vicentino Alves (PR/TO), na Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio (CDEIC). Aguarda apreciação do plenário da comissão.

COMÉRCIO DE BICICLETA SEM RETROVISOR PODERÁ SER PUNIDO

O Projeto de Lei Nº 2482/2007 apresentado em plenário dia 27 de novembro propõe multa fixa de 20% sobre o preço do veículo para quem fabricar ou comercializar bicicletas sem equipamentos obrigatórios como campainha, sinalização noturna e espelho retrovisor. Aguarda parecer do relator Julio Semeghini (PSDB/SP), na Comissão de Viação e Transportes.

PROJETOS DE LEI COMPLEMENTAR

PL PROPÕE COMPENSAR MUNICÍPIO COM ÁREA DE PRESERVAÇÃO

O Projeto de Lei Complementar nº. 52/2007 propõe que municípios com áreas de preservação ambiental sejam compensados financeiramente com recursos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). O FPM Verde propõe que do total de recursos enviados ao FPM, 5% sejam distribuídos utilizando como critério a existência ou não de área de preservação no município e seu tamanho. Apresentado em plenário em 26 de abril de 2007, tramita na Comissão de Finanças e Tributação, onde aguarda designação de relator.

PROPOSTAS DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO

PEC PROPÕE A CRIAÇÃO DA GUARDA PORTUÁRIA FEDERAL

A Proposta de Emenda à Constituição nº. 59/2007 prevê a criação da Polícia Portuária Federal, com o objetivo de aumentar a segurança nos portos brasileiros. A PEC foi apresentada em plenário no dia 10 de

maio de 2007, obteve parecer favorável do relator Valtenir Pereira (PSB/MT), na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Em 17 de outubro de 2007, foi aprovada por unanimidade pelo plenário da comissão. No dia 10 de novembro, a presidência da Câmara determinou a criação de uma comissão especial para discutir a proposta.

PEC MUDA REGRAS DE DESINCOMPATIBILIZAÇÃO PARA PREFEITOS

A Proposta de Emenda à Constituição nº. 121/2007, se aprovada, permitirá que o prefeito de cidades com até 200 mil eleitores, que queira concorrer a cargo no Legislativo, apenas licencie-se do cargo, não tendo necessidade de desincompatibilização. Apresentada em plenário em 12 de julho de 2007, tramita apensada à PEC nº. 44/1999 na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, onde aguarda designação de relator.

R\$ 1,5 MILHÃO PARA O TRIPULANTES DO FUTURO

Márcio França conseguiu recentemente a liberação, via Ministério da Ciência e Tecnologia, de R\$ 1,5 milhão para a criação, em São Vicente, da terceira unidade no Projeto Tripulantes do Futuro. O projeto, da Secretaria de Assistência Social com apoio do Fundo Social, capacita jovens de núcleos mais carentes para trabalhar em cruzeiros marítimos e atividades turísticas em geral. Desta vez a nova unidade será na Vila Margarida, em frente ao Centro Náutico. As duas existentes funcionam no Boa Vista e Jardim Rio Branco.

Discurso de Posse de Márcio França em janeiro de 1997

“Quem se acostumou com grandes discursos em solenidades de posse, com palavras de efeito, com lamentações e reflexões somatizadas e exageradas das dificuldades de nossa cidade vai, literalmente, sair frustrado com minhas palavras.

Nunca compreendi direito porque muitos dos que se candidatam e lutam com tanto afincio para alcançar cargos públicos, logo que assumem começam a descobrir, como se não soubessem, as dificuldades e problemas do cargo desejado.

Algumas frases aparecem em quase todos os discursos de posse como pérolas do pessimismo que reinam e florescem no mundo do conformismo.

Quem já não ouviu

“O primeiro ano é só para arrumar a casa”.

“Não me cobrem nada agora, porque vamos ter que trabalhar com o orçamento feito pelo ex-prefeito”.

“Nossos esforços serão para realizar o possível”

Quantas palavras, quantas lamentações...

Esperamos, a partir de hoje, encerrar um ciclo de muitas palavras e poucas ações, muitos refletores para pouco artista, muita desculpa para pouca competência.

Em nosso pensamento, o possível sempre foi e continuará sendo, apenas, o máximo da insuficiência. Quando não se consegue o ideal, se faz apenas o possível.

E quem desiste do ideal, não se aprimora, não evolui. Porque ele sempre existe e é alcançável, basta perseverar, lutar e sonhar por ele.

E nós ousamos sonhar, desafiamos a realidade e nos tornamos depositários de parte da esperança vicentina. Todos

nós, que acreditamos nesse sonho, travamos a boa batalha, disputamos e vencemos juntos as eleições, e levamos agora, conosco, um pouquinho da esperança de nossa gente. Quem não sonha não tira os pés do chão, não ousa. A cidade fez a opção por ousar, por tirar os pés do chão, e nós, eleitos, agora, somos os condutores desse voo.

Somos porta-vozes da realidade dura, áspera, mas acima de tudo fraterna de nossos bairros. Temos a procuração para falar em nome das lágrimas derramadas pela falta de emprego e do sorriso maroto da esperança de reencontrá-lo. Somos defensores do orgulho vicentino adormecido, e da vontade de nossa gente de viver em uma cidade digna e importante.

Especialmente nós, vicentinos, que somos herdeiros de grandes perseguidores de ideais. Aqui nesta terra, onde tudo começou, cada pedaço de solo é sagrado e possui a alma vitoriosa, desbravadora e idealista de nossos antepassados.

Onde foi que escondemos essa herança inigualável?

Quando foi que perdemos nosso espírito empreendedor e perseverante?

Como foi que esquecemos do orgulho de sermos vicentinos?

Essas perguntas têm respostas divergentes, filosóficas, demoradas e nós temos pressa. São Vicente tem pressa de recuperar o tempo perdido.

Assim, nossa tarefa maior não será responder tais perguntas, mas trabalhar para que o ano de 1997 seja considerado o ano onde começamos a nos reencontrar com o otimismo e o orgulho de morarmos na Cellula Mater da Nacionalidade.

A décima cidade do Estado de São Paulo e uma das maiores do País não pode e não vai mais se acostumar com os títulos pejorativos e humilhantes que nos impuseram. É chegada a hora.

Fui eleito, bem como os nossos parlamentares, para

provarmos que os grandes problemas estão acompanhados de grandes soluções. Vamos encontrá-las e não haverá força na terra capaz de nos desviar dessa trajetória.

Basta de pessimismos e lamentações, façamos da criatividade e arma mortífera de nossas limitações. Temos a vontade, o lastro da vontade popular e acima de tudo, a força de um ideal.

Uma sociedade mais justa e equilibrada, uma cidade forte e um povo com dignidade e orgulho, esse é o cenário que compõe o quadro de nosso ideal. O povo nos deu os instrumentos, esperamos estar à altura dos compromissos assumidos e prontos para honrar a confiança depositada.

Conto com o apoio desse histórico parlamento, berço da minha vida política, para realizar essas transformações.

Da mesma forma, conclamo a sociedade de nossa terra, suas entidades e lideranças, meus secretários e auxiliares, os servidores públicos em geral, o comércio vicentino, a imprensa, enfim todos os que amam esta terra, que nos auxiliem nessa cruzada.

Finalmente, espero, nos próximos quatro anos, poder agradecer, com muito trabalho e dignidade o apoio e a compreensão de minha esposa Lúcia e dos meus filhos, da minha mãe e família, dos amigos e, acima de tudo, a Deus, agradeço a oportunidade única e inigualável de dirigir esta terra que eu tanto amo, motivo do meu orgulho e razão final de minha luta.

Prometo a todos, pela memória honrada de meu pai, que ao final do ano 2000, ao encerramento de nosso governo, continuarei andando pelas ruas vicentinas orgulhoso, como hoje, de cabeça erguida, de espinha ereta e com o coração tranquilo. Viva São Vicente!

Um feliz 97 e que Deus abençoe a todos nós”.

Discurso de Posse Reeleição de Márcio França

“Excelentíssimo amigo, Vereador Roberto Rocha, que neste ato preside esta sessão; caros antigos e novos amigos, completando o quadro de treze senhores vereadores desta Casa, durante a nova Legislatura, vereadores vitoriosos que conseguiram, nas urnas, demonstrar a força de sua representatividade naquela que foi, sem dúvida, a mais difícil das eleições no Parlamento vicentino ao longo de toda sua existência. Excelentíssimo senhor doutor Carlos Eduardo de Andrade Sampaio, digníssimo juiz diretor do Fórum de São Vicente, meu amigo de muitos anos, com quem tive a honra e o privilégio de poder trabalhar; Deputado e amigo Edmur Mesquita, meu contemporâneo de faculdade e antecessor na presidência do Diretório Acadêmico da saudosa Casa Amarela, da Faculdade de Direito de Santos, neste ato representando o excelentíssimo senhor governador Mário Covas, um homem público que é exemplo para nós de todo o Brasil; minha amiga, senhora Renata Covas, aqui presente, nossa embaixatriz em Brasília, neste ato representando o senhor ministro Paulo Renato de Souza; Senhores membros da Imprensa, nossos amigos de sempre; os meus cumprimentos às autoridades religiosas presentes; à Lúcia, minha eterna companheira; os meus filhos; minha mãe; os meus irmãos; amigos; senhoras e senhores.

Onde é que você estava quando tudo começou?

Será que reparou que depois daquela vitória muito mais apertada do que esta de agora, foi preciso muita paciência para compor um novo Governo que pudesse contemplar todas

as forças políticas que nos ajudaram na eleição, e ainda aquelas que, enfim, se engajaram depois na luta de resgate da nossa cidade?

Não era uma tarefa das mais fáceis. Salários do funcionalismo atrasados, dívidas aos montes, o nosso Hospital São José em greve e fechado, uma gente desmoralizada e sem ânimo, uma cidade sem rumo e sem esperança...

Onde é que você 'tava' hein? Deu para perceber que o discurso foi aquele que combinamos? Aqui neste mesmo auditório, nesta mesma tribuna, quatro anos atrás. Nada de lamentações, nem perseguições ou denúncias, do jeito que havíamos combinado. "Bola pra frente", e só uma promessa: cumprir com dignidade meu mandato, e ao final, poder andar pelas ruas de cabeça erguida e olhar para os meus filhos com a convicção de um dever cumprido. Cá estamos de novo, e a reeleição, da forma como veio, reforça o pensamento de que conseguimos o nosso objetivo. Com a ajuda de muitos amigos que colaboraram no Governo, da nossa família, da Lu e das crianças, dos partidos e vereadores, de todos os vereadores desta Casa, da Imprensa, das autoridades, do grande governador Mário Covas, a quem devo a maior das gratidões, de políticos, de deputados, como o deputado estadual Edmur Mesquita, de alguns amigos e colaboradores que até já partiram para outra vida. E. lógico, principalmente, com a ajuda irremovível da população de nossa Cellula Mater, conseguimos chegar até aqui.

Durante estes anos, muitas águas passaram por debaixo da velha Ponte Pênsil... A propósito... Onde é que você 'tava' quando restauramos a centenária Ponte Pênsil?

Teve até briga para conseguir dinheiro da iniciativa privada, para urbanizar as nossas praias. E os eternos chatos de plantão, que preferiam que tudo ficasse como era... lógico, na medida em que as coisas melhoram, eles perdem espaço. Enquanto

tudo era medíocre, eles se sentiam superiores, eram ícones, eram referências, conforme as coisas iam clareando, eles iam se apagando. Pois é, mas tudo foi entrando nos eixos.

Viu? Exatamente como nós prevíamos... Desafogou o trânsito e esticou o desenvolvimento de toda a cidade. Depois veio a Linha Vermelha e no rastro delas, centenas de ruas foram sendo pavimentadas, sempre com planos comunitários e muita disposição de empresas parceiras, de políticos, e especialmente da população de São Vicente, que devagarzinho foi retomando a confiança nas iniciativas da Prefeitura que, mesmo sem muito dinheiro, podia liderar iniciativas como essa. De 17%, hoje nós temos 70% de saneamento básico em toda a cidade. Diversas favelas receberam infraestrutura e hoje nem se pode mais chamá-las de favelas. Em cada uma das áreas, como na habitação, quase quinhentas casas foram entregues durante o nosso Governo. Muito dinheiro, dinheiro difícil, raro, numa época de crise.

E, por falar em dinheiro, onde você 'tava' que não viu a nossa São Vicente, que era o sexto menor orçamento das 612 cidades do Estado de São Paulo, duplicar o seu orçamento, com crise e tudo, e poder, orgulhosa, completar os quatro anos com superávit financeiro, não devendo um real para ninguém, e podendo iniciar o século como uma das vinte e poucas cidades de São Paulo a cumprir rigorosamente a nova lei fiscal?

Será que você viu a confusão da regulamentação do transporte alternativo? Sabia que isso fez saltar de 600 mil para 3 milhões de passageiros/mês no transporte municipal, o que possibilitou a integração definitiva do continente à ilha e a explosão comercial no Centro, além de milhares e milhares de empregos diretos e indiretos, quebrando um monopólio histórico de muitos anos em nossa cidade?

Por onde você andou enquanto reduzíamos pela metade a desnutrição infantil, fazendo despencar os índices de

mortalidade, dobrávamos o atendimento ambulatorial e implantávamos agentes comunitários de saúde e médicos de família...? Eu sei que está faltando muita coisa ainda, mas já começamos o novo Pronto-Socorro Central, que havíamos nos comprometido. As coisas não são mais como no seu tempo. Com as crises, todos se socorrem da saúde pública, por isso todo o nosso esforço parece pequeno e insuficiente, mas mesmo assim algumas coisas nós conseguimos resistir. O Hospital São José, sem intervenção, conforme combinamos, não fechou suas portas um único dia e continua sendo referência de saúde na região. Não é, Carlão?

E na educação, hein? Você chegou a ver as mudanças? Dezenas de novas salas de aula e escolas novas. Basta dizer que saltamos de 8 mil para 31 mil alunos. São mais de 70 mil refeições na merenda, por dia! Que número impressionante... As crianças especiais atendidas foram de 80 para quase mil e a Escola de Autistas é modelo no País. Além disso, milhares de crianças que repetiam vários anos, entraram no Projeto "Acelera Brasil", junto com o Instituto Ayrton Senna, e saltaram vários anos, retornando à sua classe compatível e recuperando a autoestima. E as nossas creches comunitárias, que belo exemplo, não é?

Onde você estava todos os dias que não viu o pai, humilde, pegar seu filho, ao final das tardes, saindo do serviço no Porto, fábricas ou na construção civil, sentar a criança no guidão da velha bicicleta e pedalar orgulhoso para sua casa, na certeza de que seu filho, todo de uniforme amarelo, alimentado e de banho tomado, tem os mesmos direitos e o mesmo tratamento que têm os filhos daqueles que são os seus patrões...? Foi um grande amigo que me descreveu essa cena, e me disse que só por tê-la visto em São Vicente, já teria valido todo o empenho despendido.

Você notou, né? Que elas eram seis e hoje são quarente

e cinco, e que esse modelo serve de exemplo para inúmeras cidades do País. Pois é, São Vicente exportando iniciativas, quem diria...

Para onde você foi que não viu nossas crianças nas escolinhas de esportes, no novo Ginásio de Esportes e pelos clubes da cidade? Imagina o quadro: em pleno Golf Clube, crianças da periferia aprendendo esportes e tudo em troca da isenção de IPTU que os clubes, antes, recebiam de graça. Legal, né?

Só no segundo semestre de 2000, implantamos mais seis quadras esportivas pelos bairros da cidade.

Por onde você esteve enquanto a nossa gente recuperou sua tradição cultural e histórica, gente comum misturada com grandes atores, transformando nossos espetáculos entre os maiores do Brasil? Até a Casa de Pedra do Bacharel nós encontramos. E por falar em Bacharel, me lembrei de Cananeia e de história, e como esquecer do momento histórico de ver as terras calungas, mais uma vez, como Capital do Estado de São Paulo? Quanto orgulho, que encheu o peito da nossa gente! Aliás, esse resgate do orgulho de ser vicentino foi nossa maior conquista, você não achou?

Um povo que voltou a ficar de pé e levantar a cabeça, um povo que se sentiu importante, que voltou a olhar as coisas pelo lado positivo, e que, acima de tudo, não mais aceita calado a pecha de "cidade-problema". Ao contrário, apontamos daqui, de onde o Brasil verdadeiro foi gestado, soluções simples para problemas que são tidos como insolúveis em outros lugares.

Criança de rua, por exemplo. Deu para perceber que aqui na nossa cidade elas não existem? O "Programa Resgatando" cuidou delas, enquanto os CECOFs ampliavam as jornadas letivas de milhares de meninos e meninas, evitando que outros fossem para as ruas. Profissionalizamos quase 10 mil pessoas

em quatro anos nas nossas oficinas, criamos entretenimento e ocupação para uma multidão de jovens da primeira, segunda e da terceira idades, nos CECOFs. Até a população, antigamente, que morava nas ruas, hoje mora conosco.

Dava para imaginar um atendimento social com esse nível em São Vicente?... Pois é, como nos versos do Juca Pirama que você tanto gostava:

*"E na noite das tapas,
Se alguém duvidava
Do que ele contava
Tornava prudente e dizia:
'Meninos, eu vi!!!'
Juro que vi!!!"*

Pois é, eu também vi. Vi meninos e meninas crescerem numa cidade já com outro clima, com outros ares, mas mesmo assim restava-me a dúvida impaciente: por que você não esteve por aqui enquanto tudo isso aconteceu?

Por que quando os nossos sonhos e ideias iam se tornando realidade, por que só você não estava?

Mas tudo tem que ter um fim, até nossas dúvidas e incertezas. Tudo durou até ontem à noite, isso mesmo, até 31 de dezembro de 2000, o último dia da gestão, do ano, do século e do milênio.

Até ontem à noite eu não havia desvendado esse aparente mistério.

Como em todos os anos conseguimos um grande evento para a passagem do ano, sempre achamos, lembram-se, que Natal combina com família, com fé, com reflexão, mas "réveillon" combina com festa, com alegria, com esperança e com coisas positivas. Pois é, com a Lei de Responsabilidade Fiscal e tudo, não podíamos decepcionar essa gente maravilhosa que me concedeu o privilégio

ímpar de governar, mais uma vez, minha cidade.

Então vá lá...

Para o melhor das gentes, da melhor das cidade, nós só poderíamos arranjar o melhor dos "shows". E corre-se atrás do romântico e premiadíssimo Daniel para ele abrir o século em praias calungas. Depois, arranjar alguém para pagar a conta, porque a ordem é não gastar.

Pronto, quando tudo parecia arrumado, esquecemos de um detalhe: combinar com São Pedro. E não deu outra, chuva de montão, o dia inteirinho que Deus dava.

Já no carro, dirigindo-me para o "show" no Itararé, vi de novo, meninos, juro que vi, aquela nossa gente debaixo de uma tremenda aguaceira, indo a pé pela Presidente Wilson, carregando seus filhos no colo, apertados num guarda-chuva, todos de branco conforme tínhamos pedido, enfim iam para lá centenas de milhares de pessoas que queriam, e podiam, se sentir orgulhosas de novo. Elas iam passar a virada do ano, do século, do milênio, juntas com todos e igual a tudo que um dia sonharam poder fazer.

Caminhavam assim, todos juntos, ricos e pobres, velhos e moços, importantes e anônimos, todos brasileiros com direitos iguais.

Mas meu coração estava magoado, porque eu podia imaginar aquela multidão de pessoas, ainda que feliz, se encharcando, desnecessariamente, para poder esperar o início do evento. Foi aí que, pela última vez, perguntei-me: onde é que você está? Será que aí de cima não olha para uma injustiça como essa?! Nosso povo bem que merecia terminar nosso governo, e começar o outro do jeito que tudo ocorreu nestes quatro anos, ou seja, tudo ótimo, em paz, feliz, com saúde e sem chuva... Por que não? Ele mereceria o melhor dos céus também.

Um pouquinho antes do Daniel subir no palco, aos cinco

minutos para a meia-noite, a chuva foi afinando até que inexplicavelmente parou. É, parou mesmo!... Ninguém acreditava. Fecharam-se os guarda-chuvas, as crianças puderam ir para os ombros de seus pais, e eu, singela e silenciosamente, pude te agradecer por mais esta força. Olhei para o céu, até então nublado, e vi duas estrelas azuis, serenas e solitárias, foi impossível não enxergá-las como se fossem seus olhos me mirando, seguros e certos que, como sempre, ensinavam-se as respostas perseguidas. Uma resposta muda e profunda dizendo que você sempre esteve aqui do meu lado.

Muito mais confiante e contente fui escrever só hoje este discurso, que agora encerro, mas peço permissão para mais uma vez me utilizar de um verso seu, adaptado para justificar as dúvidas que todos temos sobre as coisas que fazemos na vida.

Afinal, de onde vem essa força do Povo Calunga, que venceu tempestades, maremotos, incêndios, invasões de piratas e maus governantes, enfim onde se abastece essa esperança de que o Brasil vai conseguir ser, finalmente, um país melhor, mais fraterno, mais solidário e com muito mais justiça social? De onde se inspira para continuar lutando e servindo de exemplo para o país essa brava gente vicentina, legítima herdeira de tudo que somos e temos no Brasil?

Como descrevia precioso, o velho Luiz Gonzaga, sobre nossa terra, nossa gente e a fonte de sua força, que só podia refletir de um monumento único, singular, que aponta certo a todos nós, de onde vem a energia que mantém nossas vidas e as nossas esperanças.

Isso mesmo, esse monumento histórico do IV Centenário nas rochas da Praia do Gonzaguinha, que em dois versinhos curtos e simples ele contava, ao final de uma poesia, assim:

*"... Onde a areia, nas ruas, enfeita a paisagem,
onde a tarde do mar bate sempre uma aragem,
que ameniza o verão do nativo, do ilhéu,
e o caçara valente, anêmico e ossudo,
bravo herói não reclama da falta de tudo,
pois o Marco não move, e aponta pro céu.*

*As sacadas vazias de poucos sobrados
se misturam com prédios de poucos telhados
e nas ruas estreitas, milhares ao léu.
Mas o povo que vejo, feliz nessas ruas
tem mais fé nesta vida? Esperanças só suas,
ou tem fé nesse Marco, que aponta pro céu?*

*Que esse Marco que nos aponta o caminho eternamente
em nossa cidade, possa continuar nos inspirando, a mim, ao
meu companheiro Paulo de Souza, às nossas esposas, a toda
a nossa equipe de Governo, nessa nova jornada, a olhar
permanentemente para os céus, a inspirar de verdade nos céus
em Deus, lutando com dignidade por mais quatro anos,
agradecendo todos os dias a Deus por morarmos nesta terra
abençoada, linda e que eu amo, minha e nossa São Vicente, a
Primeira Cidade do Brasil!!!*

*A todos vocês, e a todos os vicentinos, meu desejo sincero
de um ano novo de muita saúde, com muita paz em suas
famílias e que Deus nos proteja a todos.*

Viva São Vicente, a mãe de todo o Brasil! Muito obrigado!

As mil obras e ações que mudaram São Vicente

- 1 – Pavimentação do acesso à rampa de saltos de voo livre no Morro do Itararé.
- 2 – Calçada ao longo da faixa de areia na Praia do Itararé.
- 3 – Obras de infraestrutura ao longo do Itararé: redes de água, esgoto e drenagem
- 4 – Iluminação da orla do Itararé
- 5 – Quadra esportiva no Itararé
- 6 – Lixeiras no Itararé
- 7 – Sanitários no Itararé
- 8 – Regularização dos 47 quiosques
- 9 – Praça 21 Irmãos Amigos
- 10 – Teleférico Turístico
- 11 – Pavimentação da Ilha Porchat
- 12 – Obras de contenção e muretas na Ilha Porchat
- 13 – Posto de Informação Turística (PIT) da Praia do Itararé
- 14 – Estátua na Pedra da Feiticeira
- 15 – Sinalização turística na orla do Itararé
- 16 – Memorial Niemeyer
- 17 – Cadeira para fotos logo abaixo do Memorial Niemeyer
- 18 – Reforma do quiosque e da praça da Sociedade Amigos do Boa Vista
- 19 – Píer da Escuna
- 20 – Reforma do Monumento da Praça Heróis de 32
- 21 – PIT da Praia do Gonzaguinha
- 22 – Pavimentação da orla do Gonzaguinha – Avenida Embaixador Pedro de Toledo
- 23 – Pavimentação da orla do Gonzaguinha – Avenida Antônio Rodrigues
- 24 – Píer do Marrocos (do surfista)
- 25 – Deck do Gonzaguinha (entre Tom Jobim e Frei Gaspar)
- 26 – Plantio de coqueiros na orla do Gonzaguinha
- 27 – Novo Posto de Salvamento – Gonzaguinha
- 28 – Novo Posto de Salvamento – Biquinha
- 29 – Canalização do Córrego do Sapateiro
- 30 – Iluminação do Marco Padrão
- 31 – Duplicação e sinalização da Avenida Embaixador Pedro de Toledo
- 32 – Píer do Careca
- 33 – Calçada da orla do Gonzaguinha
- 34 – Quiosques do Gonzaguinha
- 35 – Plataforma de Pesca e Lazer
- 36 – Portal de Naha, na Rua Japão
- 37 – Pavimentação do Morro dos Barbosas
- 38 – Casa de Martim Afonso
- 39 – Cine 3-D
- 40 – PIT do Parque Ipupiara
- 41 – Restauração do Monumento ao Quarto Centenário –Ipupiara
- 42 – Monumento do Monstro Ipupiara
- 43 – Estátua de Anchieta – Biquinha
- 44 – Nova Praça Coronel Lopes – jardins, bancos
- 45 – Shopping dos Comerciantes Informais – fachada e cobertura - Camelódromo
- 46 – Boxes do Camelódromo
- 47 – Pavimentação e drenagem da Rua Martim Afonso
- 48 – Nova Praça Barão
- 49 – Cobertura de policarbonato no Centro Novo
- 50 – Calçada da Rua Martim Afonso
- 51 – Pavimentação, drenagem e sinalização da Rua José Bonifácio
- 52 – Semáforo inteligente na José Bonifácio com Martim Afonso
- 53 – Novo calçamento em frente à Igreja Matriz
- 54 – Parque Cultural Vila de São Vicente
- 55 – Museu da Encenação
- 56 – Drenagem e Pavimentação da Rua Padre Manoel
- 57 – Espaço de lazer na Praça Bernardino de Campos
- 58 – Praça de Esporte da Praça Bernardino de Campos
- 59 – Reforma do Corpo de Bombeiros de SV
- 60 – Unesp - Primeira Faculdade Pública e Gratuita da Baixada
- 61 – Ampliação da Unesp
- 62 – Pavimentação e drenagem da Avenida Capitão Luiz Pimenta
- 63 – UBS do Parque Bitaru
- 64 – Trevo de Y
- 65 – Elevado Mário Covas
- 66 – Reforma do SV Atlético Clube (fachada)
- 67 – Arquibancada do SV Atlético Clube
- 68 – Rodoviária Provisória
- 69 – Cemitério Vertical - Memorial Vicentino
- 70 – Cruzeiro no Largo da Saudade

- 71 – Monumento ao Legislativo
- 72 – Anel Viário da Avenida Nações Unidas
- 73 - Pavimentação da Avenida Eduardo Souto
- 74 – Construção de canal da Av. Castelo Branco
- 75 – Pavimentação da Av. Castelo Branco
- 76 – Sistema de comportas da Cidade Náutica
- 77 – Pavimentação da Av. Juarez Távora
- 78 – Urbanização da orla do Canal dos Barreiros ao longo da Juarez Távora
- 79 – Pavimentação da Av. Eduardo Dias Coelho
- 80 – Núcleo de Atendimento ao Autista - Numaa
- 81 – Atividades laborais e educativas do Numaa
- 82 – Centro S. Camilo
- 83 – Piscina do S. Camilo
- 84 – Avenida Prestes Maia - Alargamento do canal
- 85 – Conjunto Habitacional da Cidade Náutica
- 86 – Construção da Unidade de Atendimento Vovó Valquíria
- 87 – Arborização das laterais da Linha Amarela
- 88 – Ginásio Poliesportivo Dondinho
- 89 – Pavimentação da Av. Cândido Rondon
- 90 – Acesso entre a Av. Pêrsio de Queiroz e Rua Campos Sales (novo acesso bairros-Centro)
- 91 – Novo acesso à Linha Amarela
- 92 – Nova Praça Cora Coralina
- 93 – Pavimentação e drenagem do Dique do Pompeba
- 94 – Novo Ambulatório do Pompeba
- 95 – Pavimentação e drenagem da Av. Nações Unidas
- 96 – Alça de acesso à Imigrantes a partir da Av. Nações Unidas, logo descendo do elevador
- 97 – Ambulatório do Saquare
- 98 – Novos sobrados na México-70
- 99 – Prédios na México-70
- 100 – Regional do Saquare
- 101 – Canal do Meio – Conjunto 1
- 102 – Criação da avenida no Canal do Meio na México-70
- 103 – Pavimentação e drenagem da Avenida Tupiniquins
- 104 – Pavimentação da Avenida Saturnino de Brito
- 105 – Urbanização e muretas ao longo da Av. Saturnino de Brito
- 106 – Obras de contenção da Prainha com salvamento de antigo jamboleiro
- 107 – Canal do Meio – Conjunto 2
- 108 – Avenida - Canal do Meio
- 109 – Desobstrução do Canal do Meio
- 110 – Abertura da Avenida Beira-Mar no Dique do Sambaiatuba
- 111 – Comporta no Dique Sambaiatuba
- 112 – Pavimentação da Av. Galeão Coutinho - Jóquei
- 113 – UBS do Sambaiatuba
- 114 – Estação de Transbordo no Parque do Sambaiatuba
- 115 – Viveiro de mudas do Parque Sambaiatuba – estufa
- 116 – Arborização do extinto lixão
- 117 – Mudas em aclimação no Sambaiatuba
- 118 – Sala de aula no Sambaiatuba
- 119 – Escola e escritório no Sambaiatuba
- 120 – Novo acesso ao Sambaiatuba
- 121 – Fortalezinha defronte do 2º BC
- 122 – Reurbanização da Av. Antônio Emmerich
- 123 – Abertura da Avenida Minas Gerais
- 124 – Revestimento do Canal da Av. Quintino Bocaiúva
- 125 – Novo acesso à Linha Vermelha (M. Lobato) a partir da Avenida Quintino Bocaiúva
- 126 – Passagens para pedestres e ciclistas sobre linha do trem (Linha Amarela) trecho da Av. Marechal Deodoro
- 127 – Pavimentação e sinalização da Avenida Presidente Wilson
- 128 – Semáforos inteligentes / Av. Pres. Wilson
- 129 – Nova interligação entre a Av. Pres Wilson e o Tapetão
- 130 – Recanto Japonês no Horto
- 131 – Projeto Equoterapia
- 132 – Vinícola de SV
- 133 – Centro de Biologia e Medicina Veterinária de SV
- 134 – Maior recinto de felinos do País
- 135 – Novos quiosques no Horto
- 136 – Recuperação do Museu do Escravo
- 137 – Entrada externa do Pesque-Pague
- 138 – Dois lagos do Pesque-Pague
- 139 – Recuperação do Recanto dos Macacos
- 140 – Pavimentação dos acessos internos do Horto
- 141 – Criadouro de peixes ornamentais
- 142 – Portal do Horto (nova entrada)
- 143 – Pavimentação da Av. Juiz de Fora
- 144 – Comporta do Canal da Av. José Rosindo
- 145 – Nova pista do Canal da Av. Lourival Moreira do Amaral
- 146 – Calçamento e drenagem na Praça Matteo Bei
- 147 – Praça de Esportes Radicais no Jóquei
- 148 – Revitalização da Praça Nossa Senhora das Graças
- 149 – Pavimentação da Rua Agostinho Pinto Jr.
- 150 – Pavimentação da Rua João Serrano
- 151 – Pavimentação da Rua Capitão José Meirelles
- 152 – Pavimentação da Rua Senador Nereu Ramos
- 153 – Pavimentação da Rua Antônio Militão de Azevedo

- 154 – Pavimentação da Rua Hermegildo Pacheco
- 155 – Pavimentação da Rua Líbano
- 156 – Pavimentação da Rua Manoel Nascimento Jr.
- 157 – Pavimentação da Rua Alexandre Sendin
- 158 – Pavimentação da Rua Adão de Barros
- 159 – Pavimentação da Travessa do Parque
- 160 – Pavimentação da Rua Francisco Monlevar
- 161 – Pavimentação da Rua José Benedito Henriques
- 162 – Pavimentação da Rua Piquerobi
- 163 – Pavimentação da Rua Dante Cecchi
- 164 – Pavimentação da Rua Márcilio Dias Nascimento
- 165 – Pavimentação da Rua Aurélio Pona
- 166 – Pavimentação da Avenida Alcides de Araújo
- 167 – Pavimentação da Avenida Monteiro Lobato
- 168 – Pavimentação da Rua São Gonçalo
- 169 – Nova Praça Uberlândia
- 170 – Pavimentação da Rua Coaracy Paranhos
- 171 – Pavimentação da Rua Cláudio Luiz da Costa
- 172 – Pavimentação da Rua André Retz
- 173 – Pavimentação da Avenida Prestes Maia
- 174 – Pavimentação da Avenida Antônio Pedro de Jesus
- 175 – Pavimentação da Rua Carmem Miranda
- 176 – Pavimentação da Rua Eulina Trindade
- 177 – Pavimentação da Rua Antônio Peixoto
- 178 – Pavimentação da Rua Yago de Castro
- 179 – Pavimentação da Rua André Rebouças
- 180 – Pavimentação da Rua Euclides Zenóbio da Costa
- 181 – Pavimentação da Rua da Imprensa
- 182 – Pavimentação da Rua Alípio Ferraz
- 183 – Pavimentação da Rua Yolanda Conte
- 184 – Pavimentação da Rua Caiamóré
- 185 – Pavimentação da Rua Alberto Tanganeli
- 186 – Pavimentação da Rua Luiz Gama
- 187 – Pavimentação da Rua Ernesto Intriéri
- 188 – Pavimentação da Rua Virgílio Veiga
- 189 – Pavimentação da Rua Gervásio Bonavides
- 190 – Pavimentação da Rua Olga Marques
- 191 – Pavimentação da Rua Joaquim Guaraná Santana
- 192 – Pavimentação da Rua Lúcio Bittencourt
- 193 – Pavimentação da Rua Francisco Santos
- 194 – Pavimentação da Rua Marechal Cândido Rondon
- 195 – Pavimentação da Avenida Nações Unidas
- 196 – Pavimentação da Rua Lovely Plauchut
- 197 – Pavimentação da Rua Libânia de Lima Crock
- 198 – Pavimentação da Rua Cidade de Santos
- 199 – Pavimentação da Rua Vale do Pó
- 200 – Pavimentação da Rua Arnaldo Rodrigues
- 201 – Pavimentação da Rua Olegário Alves
- 202 – Pavimentação da Rua Reno
- 203 – Pavimentação da Rua Monte Prano
- 204 – Pavimentação da Rua Panaro
- 205 – Pavimentação da Rua Monte Belvedere
- 206 – Pavimentação da Rua Carlos Zindel
- 207 – Pavimentação da Rua Polydoro de O Bittencourt
- 208 – Pavimentação da Rua Cidade de Cubatão
- 209 – Pavimentação da Rua Monsenhor J. Batista Carvalho
- 210 – Pavimentação da Rua Vereador José Vicente de Barros
- 211 – Pavimentação da Rua Odair Miller de A. Marques
- 212 – Pavimentação da Rua do Meio
- 213 – Pavimentação da Rua Um
- 214 – Pavimentação da Rua Hipólito da Costa
- 215 – Pavimentação da Rua Lucca
- 216 – Pavimentação da Rua Alexandria
- 217 – Pavimentação da Rua Martins Fontes
- 218 – Pavimentação da Rua Serchio
- 219 – Pavimentação da Rua Castel Nuovo
- 220 – Pavimentação da Rua Renato Sales de Abreu
- 221 – Pavimentação da Rua João José Ribas
- 222 – Pavimentação da Rua Particular Um
- 223 – Pavimentação da Rua Particular Dois
- 224 – Pavimentação da Rua Particular Três
- 225 – Pavimentação da Rua Particular Quatro
- 226 – Pavimentação da Rua Paulo Lourenço Oliveira
- 227 – Pavimentação da Rua Genivaldo Damasceno
- 228 – Pavimentação da Rua Particular Pedro Duarte
- 229 – Pavimentação da Rua Alberico R. Marigni
- 230 – Pavimentação da Rua General Marcondes Salgado
- 231 – Pavimentação da Rua Equador
- 232 – Pavimentação da Praça Nossa Senhora Aparecida
- 233 – Pavimentação da Rua Caetano Cardamone
- 234 – Pavimentação da Rua Antônio Fernandes
- 235 – Pavimentação da Rua Emílio Vaz Afonso
- 236 – Pavimentação da Rua Ernesto S. Nascimento
- 237 – Pavimentação da Rua José Júlio da Silva
- 238 – Pavimentação da Rua Joaquim Campos

- 239 – Pavimentação da Rua Joaquim Barbosa dos Santos
- 240 – Pavimentação da Rua Aviador Edu Chaves
- 241 – Pavimentação da Rua D. Duarte da Costa
- 242 – Pavimentação da Rua Pedro P. Barreto
- 243 – Pavimentação da Rua Carijós
- 244 – Pavimentação da Rua Ophélia C. Meirelles
- 245 – Pavimentação da Rua Wilson Thomaz
- 246 – Pavimentação da Rua Alberto Veiga
- 247 – Pavimentação da Rua Francisco Sá Júnior
- 248 – Pavimentação da Rua Gabriel dos Passos
- 249 – Pavimentação da Rua Arnaldo C. Teixeira
- 250 – Pavimentação da Rua Marcos Machado
- 251 – Pavimentação da Rua Jacy Alcuri
- 252 – Pavimentação da Rua Fernando Ferrari
- 253 – Pavimentação da Rua Edegar Cavaleiro
- 254 – Pavimentação da Rua Roberto Kock
- 255 – Pavimentação da Rua Anadir de Carvalho
- 256 – Pavimentação da Avenida Salgado Filho
- 257 – Pavimentação da Rua Oswaldo Toschi
- 258 – Pavimentação do Dique das Caxetas
- 259 – Pavimentação da Av. Galeão Coutinho
- 260 – Pavimentação da Av. Helvetia
- 261 – Pavimentação da Rua Graciliano Ramos
- 262 – Pavimentação da Rua José Rangel de Almeida
- 263 – Pavimentação da Rua Gago Coutinho
- 264 – Pavimentação da Rua Lourival Moreira do Amaral
- 265 – Pavimentação da Rua Miguel Rocha Passos
- 266 – Pavimentação da Rua Sacadura Cabral
- 267 – Pavimentação da Rua Vicente Leporace
- 268 – Pavimentação da Rua Caio Ribeiro
- 269 – Pavimentação da Rua Jurandir Dantas
- 270 – Pavimentação da Rua Euclides Figueiredo
- 271 – Pavimentação da Rua Santos Dumont
- 272 – Pavimentação da Rua Gilberto Cavalcante
- 273 – Pavimentação da Rua Júlio Maurício
- 274 – Pavimentação da Rua José Joaquim Azevedo
- 275 – Pavimentação da Rua Alice Machado Azevedo
- 276 – Pavimentação da Avenida Juarez Távora
- 277 – Pavimentação da Rua Wenceslau Braz
- 278 – Pavimentação da Rua Alferes Germano da Costa
- 279 – Pavimentação da Rua Antero de Moura
- 280 – Pavimentação da Rua Maurício Moura
- 281 – Pavimentação da Rua Maestro Vila Lobos
- 282 – Pavimentação da Rua Professor Domingos Aulicino
- 283 – Pavimentação da Rua Roberto Andraus
- 284 – Pavimentação da Rua Maria Pacheco
- 285 – Pavimentação da Rua Casper Líbero
- 286 – Pavimentação da Rua Julião L. de Lima
- 287 – Pavimentação da Rua Marcolino X. Carvalho
- 288 – Pavimentação do trecho final da Rua Frei Gaspar
- 289 – Pavimentação da Rua Olga Francisco de Moura
- 290 – Pavimentação da Rua Waldemar G. Zanchi
- 291 – Pavimentação da Rua João Francisco Bernsdorp
- 292 – Pavimentação da Rua Antonieta Rudge Del Picchia
- 293 – Pavimentação da Rua José Ritz
- 294 – Pavimentação da Rua Corifeu de Azevedo Marques
- 295 – Pavimentação da Rua Tecê de Bagby
- 296 – Pavimentação da Rua Tapuias
- 297 – Pavimentação da Praça Rui Barbosa
- 298 – Pavimentação da Rua Goitacazes
- 299 – Pavimentação da Rua Tamoyos
- 300 – Pavimentação da Rua Salvador
- 301 – Pavimentação da Rua Rubens Ferreira Martins
- 302 – Pavimentação e urbanização da Av. Antônio Pedro de Jesus
- 303 – Reforma e ampliação das escolas a seguir: EMEF Constante Luciano Clemente Houlmont
- 304 – EMEF Antonio Fernando dos Reis
- 305 – EMEI Prof. Edmundo Capellari
- 306 – UBS Praça Vitória
- 307 – EMEf Lions Clube
- 308 – EMEF Duque de Caxias
- 309 – EMEI Maria Guilhermina Martins Machado
- 310 – EMEI Clemente Ferreira
- 311 – EMEI Cidade de Naha
- 312 – EMEF Carolina Dantas
- 313 – EMEF Octávio de Césare
- 314 – EMEF Augusto de Saint’Hillare
- 315 – EMEI Monteiro Lobato
- 316 – EMEI Profª Regina Célia dos Santos
- 317 – EMEF Prefeito Jonas Rodrigues
- 318 – EMEF República de Portugal
- 319 – EMEF Raquel de Castro Ferreira
- 320 – EMEF União Cívica Feminina
- 321 – EMEF Prof. Jacob Andrade Câmara
- 322 – EMEI D. Pedro I
- 323 – EMEI Vila Jóquei
- 324 – EMEI Prof. José Borges Fernandes
- 325 – EMEF Manuel Nascimento Junior
- 326 – EMEI Adilza de Oliveira Rosa Sobral
- 327 – EMEF Prefeito Sebastião Ribeiro da Silva
- 328 – EMEF Renan Alves Leite

- 329 – EMEI Prof. Anuar Frayha
330 – EMEI Eulina Trindade
331 – EMEI Província de Okinawa
332 – EMEF Matteo Bei
333 – EMEI Profª Maria Mathilde Santana
334 – Reestruturação da Creche Municipal Nossa Senhora de Fátima
335 – UBS Ponte Nova
336 – Pavimentação da Avenida Terezinha
337 – Subprefeitura da Área Continental
338 – Pavimentação da Avenida Ulysses Guimarães
339 – Administração Regional do Humaitá
340 – Reforma da EMEF Caic Ayrton Senna
341 – PS Humaitá
342 – Projeto Ceres – Gleba II
343 – Pavimentação da Rua Mecanizada 1118
344 – Pavimentação da Avenida Alagoas
345 – Pavimentação Doutor Marcelo Nogueira
346 – Pavimentação Jaime Pinheiro Guimarães
347 – Pavimentação Padre André Soveral
348 – Pavimentação Padre Nivaldo Vicente
349 – Pavimentação Otávio Alves Machado
350 – Pavimentação Elaine Rosa dos Santos Fraga
351 – Pavimentação Eliseu Almeida Melo
352 – Pavimentação Pedro Leonardo de Souza
353 – Pavimentação Rivaldo L. Ferreira
354 – Pavimentação Rua 11
355 – Pavimentação Luiz Gonzaga Lopes
356 – Pavimentação José Benedito Ribeiro
357 – Pavimentação Rua 8
358 – Pavimentação Rua 6
359 – Pavimentação Rua Antonio Elias da Silva
360 – Pavimentação Rua 1
361 – Pavimentação Rua 4
362 – Pavimentação Milton C. Moura
363 – Pavimentação Rua José Evaristo da Silva
364 – Pavimentação Rua Ernande Souza
365 – Pavimentação Rua Simão Jahjah
366 – Pavimentação Rua Víctor Torquato
367 – Pavimentação Rua Marcílio Horneaux
368 – Pavimentação Rua Prefeito Rodolpho Mikulasch
369 – Pavimentação Rua Adão de Jesus
370 – Pavimentação Avenida 2
371 – Festa do Chocolate
372 – Pavimentação do Dique do Piçarro
373 – Rotatória Mc Donald's
374 – Legalização do Transporte Alternativo
375 – Trêileres de sanitários nas feiras
376 – Feira Livre – com mais disciplina
377 – Rotatória Carrefour
378 – Ponto final das lotações da Divisa
379 – Bolsão de estacionamento no Itararé
380 – Ampliação da Secretaria de Educação
381 – Monumento do Fórum
382 – Câmara Municipal de São Vicente - Gigantografia
383 – Palácio Martim Afonso/ Prefeitura de São Vicente – ampliações
384 – Paineiro dos 500 anos localizado na Prefeitura
385 – Reforma no pátio municipal
386 – Elevador no Paço Municipal
387 – Jardim em frente ao Gáudio
388 – Ponte de Travessia do Canal da Monteiro Lobato
389 – Rotatória do Gáudio
390 – NAPS São Vicente
391 – Centro de Reabilitação e Inclusão Social – CRIS
392 – Centro Municipal de Educação Supletiva – Cesin
393 – Apoio ao JIP
394 – Ponto final de lotação na Área Continental
395 – Kartódromo
396 – PS Náutica
397 – Abertura da Linha Amarela junto à linha férrea (em frente à fábrica de tintas)
398 – UBS Tancredo Neves
399 – Administração Regional Tancredo Neves
400 – CREI
401 – Clube da Melhor Idade
402 – Pavimentação da Rua 2
403 – Pavimentação da Rua 3
404 – Pavimentação da Rua 4
405 – Pavimentação da Rua 5
406 – Pavimentação da Rua 6
407 – Pavimentação da Rua 7
408 – Pavimentação da Rua 8
409 – Pavimentação da Rua 9
410 – Pavimentação da Rua 10
411 – Pavimentação da Rua 11
412 – Pavimentação da Rua 12
413 – Pavimentação da Rua 13
414 – Pavimentação da Rua 14
415 – Pavimentação da Rua 15
416 – Pavimentação da Avenida
417 – Pavimentação da Rua 16
418 – Pavimentação da Rua 17
419 – Pavimentação da Avenida C
420 – Pavimentação da Avenida Central
421 – Pavimentação da Alameda 2
422 – Pavimentação da Avenida A
423 – Pavimentação da Rua 43
424 – Pavimentação da Rua 38

- 425 – Pavimentação da Rua 36
426 – Pavimentação da Rua 35
427 – Pavimentação da Rua 32
428 – Pavimentação da Rua 30
429 – Pavimentação da Rua 29
430 – Pavimentação da Rua 27
431 – Pavimentação da Rua 25
432 – Pavimentação da Rua 1
433 – Pavimentação da Rua 23
434 – Pavimentação da Rua Mário Augusto S. Lopes
435 – Pavimentação da Rua Benigno Sobral
436 – Pavimentação da Rua Prof. Anuar Fraya
437 – Pavimentação da Rua Prof. Glay Espíndola
438 – Pavimentação da Rua Justiniano Passos
439 – Pavimentação da Rua Desembargador Thrasibolo P. Albuquerque
440 – Pavimentação da Rua Dra. Miriam P. Moreno
441 – Pavimentação da Rua Pinheiro Junior
442 – Pavimentação da Rua Cremiro Azevedo
443 – Pavimentação da Rua Sebastião Ribeiro da Silva
444 – Pavimentação da Rua Alfredo das Neves
445 – Pavimentação da Rua Ariovaldo de Oliveira Rosa
446 – Pavimentação da Rua Manoel Festas
447 – Pavimentação da Rua Saul Ventura
448 – Pavimentação da Rua 44
449 – Pavimentação da Rua Hermínia Intrieri Laqua
450 – Pavimentação da Rua Antonio Conceição
451 – Pavimentação da Rua Manoel C. Souza
452 – Pavimentação da Rua Pietro Ubaldi
453 – Pavimentação da Rua José Ramos Oliveira
454 – Pavimentação da Rua 8
455 – Encontro Nacional de Motociclistas
456 – Creche Municipal Vovó Peró
457 – Creche Municipal Vovó Lacerda
458 – Creche Municipal Douglas de Oliveira Coelho
459 – Creche Municipal Cantinho do Saber
460 – Creche Municipal Lar Cinderela
461 – Creche Municipal Gaetano Spartaro
462 – Creche Municipal Toquinho de Gente
463 – Creche Municipal Vovó Esperança
464 – Creche Municipal Peniel
465 – Creche Municipal Angelina Pretti
466 – Creche Municipal Luiza Parizotto Zanotto
467 – Creche Municipal Pastoril
468 – Creche Municipal Geralda Ernestina da Silva
469 – Cecof Novo Rumo
470 – Creche Municipal Cantinho do Zezinho
471 – Creche Municipal Pastor Sebastião Jorge de Lima
472 – Creche Municipal Iracy Lopes Caruso
473 – Creche Municipal Sol Nascente
474 – Creche Municipal Sorriso da Criança
475 – Creche Municipal Nayla – Amor à Vida
476 – Creche Municipal LAM
477 – Creche Municipal Jaime Pinheiro Guimarães
478 – Creche Municipal Judith Cunha Amorim
479 – Creche Municipal Maria Francisca dos Santos Oliveira
480 – Creche Municipal Alpha AAA
481 – Creche Municipal El Shaday
482 – Creche Municipal Suellen da Silva Batista
483 – Creche Municipal Danilo Rocha Ileck de Oliveira
484 – Creche Municipal Paula Lourenço de Oliveira
485 – Creche Municipal Vovó Mônica
486 – Creche Municipal Tia Carlota
487 – Creche Municipal José Ribeiro Moraes
488 – Creche Municipal Vovô Raimundo
489 – Creche Municipal Amor e Perseverança
490 – Creche Municipal Vovó Zefa
491 – Creche Municipal Antonio Fernando dos Reis
492 – Creche Municipal Casa da Vovó Libânia
493 – Creche Municipal Xodó da Vovó
494 – Creche Municipal Tempo de Semear
495 – Creche Municipal Dr. Luiz Gonzaga de Oliveira Gomes
496 – Creche Municipal Seitetsu Iha
497 – Creche Municipal Maria Josefa da Silva
498 – Creche Municipal Tia Regina
499 – Creche Municipal Caminho para o Futuro - Vila Ponte Nova
500 – PSF Quarentenário
501 – Creche Municipal Arcanjo Rafael
502 – Creche Municipal Vovô Vitalino Soares
503 – Creche Municipal Nova Esperança
504 – Creche Municipal Dilma Taipino Pedro
505 – Creche Municipal Profª Ondina Marques de Melo
506 – Creche Municipal Herbert de Souza – Betinho
507 – Creche Municipal Criança Feliz
508 – Creche Municipal Nova São Vicente
509 – Creche Municipal Menino Jesus
510 – PACS Parque Continental
511 – Creche Municipal Olga Teixeira Tavares
512 – Creche Municipal Parque Continental
513 – Creche Municipal
514 – Creche Municipal Criança Esperança
515 – Creche Municipal Vera Lúcia de Souza
516 – EMEF Raul Rocha do Amaral
517 – EMEF Prof. Jorge Bierrenbach Senra
518 – EMEF Prof. Leonor Guimarães A Stoffel

- 519 – EMEF Armindo Ramos
 520 – EMEI Carlos Caldeira
 521 – Associação Casa de Angola
 522 – Festival Gastronômico
 523 – EMEI Padre José de Anchieta
 524 – PS Parque das Bandeiras
 525 – EMEF Saulo Tarso Marques de Mello
 526 – EMEI Alberto Santos Dumont
 527 – UBS Jardim Rio Branco
 528 – EMEF Francisco Martins dos Santos
 529 – CAPS Jardim Rio Branco
 530 – NUMAPS
 531 – Construção do Complexo Habitacional do Bairro Vila Ema
 532 – Conjunto Habitacional I da Área Continental concluído
 533 – Equioterapia
 534 – Cecof I (R. Monte Prato com Castelo Novo - Vila Margarida)
 535 – Cecof II (R. Caimoré, 804 - Vila Margarida)
 536 – Cecof III (R. Helvétia, 162 - Jôquei Clube)
 537 – Cecof IV (R. 14, 111 – Jardim Rio Branco)
 538 – Cecof V (R. Anadir Dias de Carvalho, 438 – Jôquei Clube)
 539 – Cecof VI (R. Caramuru, 88 –Parque São Vicente)
 540 – Cecof VII (R. Campo Belo, 580 – Vila Ponte Nova)
 541 – Cecof VIII (R. Valdemar Geraldo Sanches, casas 1 e 2 – Náutica III)
 542 – Clube da Melhor Idade – Atividades e novo pátio com mesas para jogos (R. João Ramalho, 529 – Centro)
 543 – Centro de Convivência da Terceira Idade Renascer (Av. Juiz de Fora,s/n – Vila Voturuá)
 544 – Centro de Convivência da Terceira Idade Alegria de Viver (Av. Mota Lima, 487 – Vila Melo)
 545 – Centro de Convivência da Terceira Idade Vida Feliz (Av. Eduardo Dias Coelho, 687 – Cidade Náutica)
 546 – Centro de Convivência da Terceira Idade Vila São Jorge (R. Sinhá Junqueira, 161 – Vila São Jorge)
 547 – Centro de Convivência da Terceira Idade Vem Viver (R. Rodolfo Mikulasch, 901 – Parque das Bandeiras)
 548 – Casa de Estar
 549 – Medidas Socioeducativas em meio aberto
 550 – Projeto Novo Alvorecer
 551 – Centro Integrado de Atenção à Criança./
- Adolescente e Família
 552 – Centro de Iniciação e Capacitação Profissional
 553 – Projeto Arco-Íris
 554 – Projeto Vida
 555 – Projeto Sentinela
 556 – Projeto de Erradicação do Trabalho Infantil – Peti
 557 – Projeto Egressos do Peti
 558 – Projeto SOS Bombeiros no Resgate da Cidadania
 559 – Projeto Espaço Amigo
 560 – Biblioteca Fonada
 561 – Projeto Resgatando
 562 – Projeto Criando Asas
 563 – Departamento de Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência Física e Sensorial
 564 – Recuperação dos pontos de venda de doces na Biquinha
 565 – Centrinho comercial da Biquinha
 566 – Contenção das encostas e drenagem na Biquinha
 567 – Recuperação do Cruzeiro da Biquinha
 568 – Parque Ipuçara – Drenagem
 569 – PIT do Ipuçara
 570 – Preservação de parede de 500 anos na Casa Martim Afonso
 571 – Museu das Conchas
 572 – Jogos Estudantis
 573 – Velô – Circuito de Velocidade de Rua
 574 – Encontro Municipal de Atletismo
 575 – Joesv – Jogos Escolares de São Vicente
 576 – Projeto Capoeira
 577 – Hemeroteca
 578 – Programa Desenho Infantil/Adolescente
 579 – Projeto Dança de Rua Infantil/Adolescente
 580 – Projeto Dança de Salão
 581 – Oca Abigail
 582 – Teatro Infantil/Adolescente
 583 – Programa Bolsa Escola
 584 – Programa Aprendiz de Turismo
 585 – Projeto de Vento em Popa
 586 – Programa Sala de Apoio da Seduc
 587 – Classe de Recuperação Paralela
 588 – Programa Escola Campeã
 589 – Formação Continuada
 590 – Semana da Educação – Palestras e Oficinas
 591 – Programa Acelera Brasil
 592 – Programa Gosto de Ler
 593 – Proler – Incentivo à Leitura
 594 – Programa Leia São Vicente
 595 – Sala de Apoio Pedagógico

- 596 – Escola Inclusiva
 597 – Projeto Olho no Olho (MEC)
 598 – Quem ouve bem, aprende melhor (parceria com Ministério da Saúde)
 599 – Programa Jornal Escola
 600 – Proerd
 601 – BB Educar – Analfabetismo Zero
 602 – Programa A Hora do Poeta
 603 – Projeto Jornada Ampliada – Seduc/Secias
 604 – Escola Nota Dez (EMEF Saulo Tarso Marques de Mello e Cosipa)
 605 – Programa Treinamento Esportivo
 606 – Jogos Especiais da Baixada – Joeb
 607 – Oficinas Ocupacionais
 608 – Amigos da Escola, com Fundação Roberto Marinho
 609 – Programa de Racionamento de Água
 610 – Programa Racionamento de Energia nas Escolas
 611 – Educação no Trânsito
 612 – Programa de Prevenção às Drogas e DST/Aids
 613 – Programa Pais e Mestres
 614 – Programa Valores/ Diretoria de Educação Infantil
 615 – Brincar/Educação Infantil
 616 – Curso Solidário de Teatro/Seobam e Horto
 617 – Assistente Social na Escola/ UniSantos(parceria)
 618 – Alimentarte - Creches
 619 – Semeando – Diretoria de Creches
 620 – Projeto Contadores de Histórias
 621 – Reforma da UBS Catiapoã
 622 – Reforma da UBS Central
 623 – Reforma da UBS do Jardim Guassu
 624 – Reforma da UBS Jip
 625 – Reforma da UBS do Jóquei Clube
 626 – Reforma da UBS do Pompeba
 627 – Reforma da UBS da Vila Margarida
 628 – Reforma da UBS Samaritã
 629 – Reforma e ampliação do Posto de Atendimento do Gonzaguinha
 630- Reforma da Unidade Mista da Cidade Náutica
 631 – Reforma e ampliação da Unidade de Pronto Atendimento do Humaitã
 632 – Reforma da Unidade de Pronto Atendimento do Parque das Bandeiras
 633 – Centro de Apoio Diagnóstico – Cad – Área Continental. Rua 14, s/n, Humaitã
 634 – Centro de Especialidades – Rua Martim Afonso, 37
 635 – Centro de Atenção Psicossocial
 636 – Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas – CapsAD – Rua Diego Pires de Campos, 35, Vila São Jorge
 637 – Casa de Parto David Capistrano Filho – Vila Ponte Nova
 638 – Serviço de Atendimento Especializado (SAE), Rua Visconde de Tamandaré, 410, Centro
 639 – Coordenação do Programa de Saúde da Família e Programa de Agentes Comunitários de Saúde – Rua Martim Afonso, 214, Sala 21
 640 – Projeto Dengue, Rua Monteiro Lobato, 26, Vila Valença
 641 – Núcleo de Controle de Zoonoses – NCZ – Rua Catalão, sem número, Vila Voturuá
 642 – Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA -, Rua Martim Afonso, 37, 1º andar
 643 – Projeto Pintando o Sete – Secult e Seduc
 644 – Programa de Medicina Psicossomática – Cine 3-D, Hector Ojunian
 645 – Programa de Atendimento Clínico nos Presídios
 646 – Programa de Atendimento aos Idosos do Lar Vicentino
 647 – Programa de Ambulatório da Terceira Idade – Praça Vitória
 648 – Programa de Combate às Carências Nutricionais
 649 – Programa de Profilaxia da Visão (UBS e EMEIS)
 650 – Programa de Odontologia para Bebês
 651 – Programa de Triagem Auditiva
 652 – Programa de Medicina Desportiva – Dondinho
 653 – Projeto Noite – prevenção com profissionais do sexo
 654 – Projeto Camisinha Express – máquina de camisinha – rodoviária
 655 – Programa de Preservativos Femininos
 656 – Projeto de Prevenção à Aids realizado em instituições profissionalizantes
 657 – Programa de Órteses e Próteses – CRIS
 658 – Programa de Fornecimento de Cadeiras de Rodas Especiais – São Camilo
 659 – Programa de Serviços Odontológicos para Pacientes Especiais
 660 – TV Primeira (a primeira municipal a cabo do Brasil).
 661 – Site de São Vicente.
 662 – Jornal Azimute
 663 – Jornal Sambaiatuba
 664 – Jornal do Numaa/DAPP
 665 – Jornal do Meio Ambiente

- 666 – Nova iluminação da área continental
667 – Quadra esportiva atrás da SM do Humaitá
668 – Programa de Limpeza de Terrenos Baldios – Codesavi
669 – Programa de Limpeza das Praias com Tieta (máquina especial destinada a remover detritos da areia)
670 – Curso para catadores de lixo
671 – Programa de Coleta Seletiva
672 – Programa de Visitação ao Parque Ambiental do Sambaiaatuba
673 – Programa Cartão Fácil (para os servidores)
674 – Programa de Capinação Química
675 – Programa de Exposições sobre Meio Ambiente
676 – Reforma da Igreja Matriz
677 – Novo Jardim da Praça Barão com flores colhidas no extinto Lixão
678 – Novo calçadão do Gonzaguinha
679 – Programa e Treinamento de Defesa Civil
680 – Erradicação de Favelas em trechos de risco (perto do atual trevo do Y)
681 – Programa de Proteção às Árvores Imunes de Corte
682 – Nova iluminação do Marco Padrão
683 – Iluminação da Ponte Pênsil
684 – Fundo Social – Campanha contra câncer de mama
685 – Fundo Social – Projeto de Reciclagem de Alimentos
686 – Fundo Social - Criação do Conselho
687 – Fundo Social – Programa de Arrecadação de Alimentos
688 – Fundo Social – Curso para Merendeiras
689 – Fundo Social – Programa de Fornecimento de Veículos
690 – Fundo Social – Programa Intercâmbio com Educadores (Bertioga, Osasco)
691 – Escolinha de Esporte de Futebol de Salão
692 – Escolinha de Esporte de Vôlei
693 – Escolinha de Esporte de Basquete
694 – Escolinha de Esporte de Futebol
695 – Escolinha de Esporte de Natação
696 – Píer do Surfista Nino Matos (placa com denominação)
697 – Programa *City Tour* – dois ônibus
698 – Habitação – Projeto Saquare – 36 moradias
699 – Habitação – Projeto Sá Catarina – 17 unidades
670 – Operação Caça-Esgoto
671 – Guarda Municipal
672 – Jepom
673 – Programa de Cooperação Tecnológica com a Unesp
674 – Intercâmbio com Faculdades da Alemanha
675 – Intercâmbio com Naha – Japão
676 – Reforma da Praça Heróis de 32
677 – Novo prédio da Caixa de Previdência – Juca Azevedo
678 – Restauração das Gravuras de Benedicto Calixto (Salão Nobre)
679 – Infocentro
680 – Pátio superior do Paço
681 – Cativeiro do macaco-prego
682 – Espaço para avestruzes
683 – Monumento Maçonico
684 – Esculturas de Areia
685 – Estiva para barcos na Rua Japão
686 – Desativação das pedreiras Guaiúba e do Horto
687 – Novo acesso da Rua Messia Assú com a Avenida Presidente Wilson
688 – Sinalização na Ponte A Tribuna (dos Barreiros)
689 – Iluminação da Linha Vermelha
690 – Ciclovia ao longo da Linha Amarela
691 – Regional da Vila Samaritá
692 – Comporta do Dique Sambaiaatuba
693- Programa de instalação de Pontes Metálicas
694 – Programa de Cursos Profissionalizantes (Secias)
695 – Programa de Inclusão de Deficientes Físicos no Mercado de Trabalho
696 – Projeto Libras (Secias)
697 – Programa de Fornecimento de Enxovais para Crianças Carentes
698 – Projeto Eco Latas
699 – Fazendinha do Projeto Resgatando
700 – Projeto Agente Jovem
701 – Programa de Legalização de Casamentos – Casamento Comunitário
702 – Projeto Renda Cidadã
703 – Conselhos Tutelares
704 – Projeto Novo Alvorecer
705 – Festival de Inverno
706 – Desfile Oficial de Carnaval Beija-Flor em SV
707 – Lambaeróbica na Praia
708 – Curso de Inglês para Taxistas
709 – Festival de Naha
710 – Projeto Agita Verão
711 – Programa Natal Iluminado

- 712 – Programa de Incentivo aos Trios Elétricos e Bandas
713 – Casa de Angola
714 – Horta da Seduc
715 – Biblioteca Noturna
716 – Mutirão de Limpeza nas Escolas
717 – Merenda Escolar-100 mil refeições/dia
718 – Brinquedotecas
719 – Projeto Padarias Artesanais
720 – Esportes para Pessoas Especiais – Tênis de Mesa - campeonato
721 – Programa Refis
722 – Novas instalações para atendimento ao Programa Refis
723 – Incentivo ao Pagamento de Impostos – sorteio de carro zero
724 – Posto dos 500 Anos – Tapetão
725 – Reforma e Ampliação do Anexo Fiscal
726 – Procon
727 – Prédio para funcionamento do Juizado Especial
728 – Emissário Submarino – Itararé
729 – Programa de Balneabilidade das Praias – Bandeira Verde
730 – Conjunto Habitacional dos Servidores Públicos – Jóquei
731 – Projeto de Treinamento para Microempresários
732 – Programa de Ação Integrada - Sepes
733 – Revitalização da Igreja Nossa Senhora das Graças
734 – Centro Comunitário Manoel Bento Rabelo – Sambaiaatuba
735 – Programa de Prevenção à Febre Amarela
736 – Programa de Prevenção de Diabetes e Hipertensão
737 – Apoio a reformas no Hospital São José
738 – Núcleo de Esportes Radicais
739 – Programa de Incentivo ao Boxe Amador
740 – Sistema Semafórico na Av. Quarentenário
741 – Interligação da Linha Amarela
742 – Novos semáforos digitais
743 – Programa de Educação no Trânsito
744 – Programa de Conscientização dos Ciclistas – Pedal Legal
745 – Urbanização ao longo da Linha Férrea
746 – Sinalização nas ruas do Jóquei Clube
747- Novas instalações da Setran
748 – Novo acesso à Rua Saldanha da Gama (para quem vem da Ilha Porchat)
749 – Comportas da Avenida José Rosindo
750 – Alargamento do Canal da Avenida José Rosindo
751 – Restauração da Ponte Pênsil (parceria com Estado)
752 – Revestimento do Canal da Av. A, no Humaitá
753 – Operação Tapa-Buraco no Humaitá
754 – Praça H
755 – *Playground* junto ao Supermercado Cuca
756 – Pavimentação do entorno da Praça H
757 – Laboratório do Humaitá
758 – Implantação do Tele-Sancor (eletrocardiograma com resultado em cinco minutos via fax)
759 – Implantação de exames de ultrassonografia na área continental
760 – Programa de Carências Nutricionais
761 – Recuperação do sistema de Drenagem do Humaitá com caminhão hidrovácuo
762 – Alambrados do Caic Humaitá
763 – Nova ponte ligando Humaitá ao Parque Continental
764 – Reforma da Quadra do Caic Humaitá
765 – Regularização de área de 137.194,14 m² no Parque Bitaru, Rua Japão, marinas pela Seplan
766 – Regularização de área de 471.728,78 m² no Dique Sambaiaatuba, Batuira e Miau
767 – Regularização, pela Seplan, de área de 18.929,30 na Favela Charm
768 – Regularização de área de 158.184,97 m² no Piçarro, Caxetas e Pompeba
769 – Regularização de área de 716.054,12 m² na México-70
770 – Regularização de área de 38.752,88 m² ao longo da orla da Cidade Náutica, na Avenida Eduardo Dias Coelho
771 – Regularização de área de 141.142,03 m² no Bitaru
772 – Regularização de área de 152.185,95 m² no Sá Catarina
773 – Regularização de área de 139.916,62 no Saquare
774 – Regularização de área de 43.373,68 no Parque das Bandeiras, Gleba II
775 – Regularização de área de 216.637,32 no Humaitá e Parque Continental, incluindo Mangue Seco e Vila Feliz
776 – Área de lazer junto ao Rio Branco, com quiosques e churrasqueiras na gleba II
777 – Atracadouro para barcos de turismo no Rio Branco junto à Gleba II
778 – Alargamento de canal na Gleba II do Parque das Bandeiras
779 – Ginásio Esportivo do Jardim Rio Branco

- 780 – Profissionalização da Encenação da Fundação da Vila de São Vicente, com a contratação de atores famosos
- 781 – Instalação de arena para 10 mil pessoas na Encenação
- 782 – Programa de Atração de Empresas e Investimentos – Fase I Redução do ISS (empresas ao longo da Imigrantes, na Cidade Náutica)
- 783 – Programa de Atração de Empresas e Investimentos – Fase II (em andamento) Aplicação da Lei do Solo Criado (prédio na Praça 22 de Janeiro)
- 784 – Programa de Atração de Investimentos Estrangeiros (visita de comitivas da Rússia, China e Tailândia)
- 785 – Novas instalações da Secretaria de Negócios Jurídicos
- 786 – Pannel de Divulgação de Eventos na Divisa (praia)
- 787 – Réveillon – Grandes shows que levam mais de 100 mil pessoas à orla do Itaré
- 788 – Criação do Serviço de Cerimonial, que atende entidades, Ongs e clubes de servir
- 789 – Programa de Limpeza das Praias, com centenas de homens – Codesavi
- 790 – Criação do Site da Codesavi – presta informações à população
- 791 – Restauração da Casa do Barão
- 792 – Levantamento Aerofotogramétrico – mapa digitalizado
- 793 – Transporte de estudantes na Zona Rural
- 794 – Programa de Estágios da Prefeitura – mais de 500
- 795 – Fiscalização das praias com quadriciclos
- 796 – Carro de Resgate dos Bombeiros
- 797 – UTIs móveis
- 798 – Praça da Favela Saquare, junto à Ponte Esmeraldo Tarquínio
- 799 – Urbanização do Recanto no cruzamento das ruas Messia Assu com Saldanha da Gama
- 800 – Banco do Povo
- 801 – Informatização da Prefeitura
- 802 – Ônibus para deficientes – Porta a Porta
- 803 – Central Semafórica
- 804 – Festival de Rock
- 805 – Reforma do Mercado
- 806 – Sala de Educação Ambiental ao lado da Subprefeitura
- 807 – Programa de Coleta de Lixo Séptico
- 808 – Programa de Destinação Final dos Resíduos Domésticos
- 809 – Caçambas para Coleta de Entulho nos bairros
- 810 – Programa de Educação Supletiva (Cursos Supletivos)
- 811 – Criação da Assessoria Técnica Legislativa (ATL)
- 812 – Quiosques de Piaçava no Posto da PM junto à Ponte Pênsil
- 813 – Quiosques de Piaçava na Plataforma de Pesca e Lazer
- 814 – Abertura de Passagem de Nível sobre linha férrea para a Rua XV de Novembro
- 815 – Criação do Site da Secretaria de Saúde
- 816 – Regional do Jôquei Clube I – Praça Maria de Lourdes Batista, s/n
- 817 – Regional do Jôquei Clube II – Rua Santos Dumont, 106
- 818 – Regional da Vila Fátima/Piçarro – Rua Equador, 476
- 819 – Regional da Cidade Náutica I – Rua Alferes Germano da Costa, 375/401
- 820 – Regional da Cidade Náutica II – Rua Jardel França, 479
- 821 – Regional do Tancredo Neves - Rua Luz M. de Araújo, 106 (posto policial)
- 822 – Regional da Vila Margarida I – Praça Avelino Teixeira Tavares Filho, 46
- 823 – Regional da Vila Margarida II – Rua Cidade de Santos, 883
- 824 – Regional do Saquare – Rua Panaro, 189
- 825 – Regional da México-70 – Rua Cidade de Santos, 130
- 826 – Regional da Esplanada dos Barreiros – Avenida Marechal Rondon, 1773
- 827 – Regional do Parque São Vicente I – Rua Carijós, 907
- 828 – Regional do Parque SV II – Rua Antero de Moura, 338
- 829 – Regional do Sá Catarina de Moraes – Av. Lourival Moreira do Amaral, 688
- 830 – Regional do Beira Mar – Rua Padre Saboya, 136
- 831 – Regional da Vila S.Jorge – Rua Francisco Sá, 284
- 832 – Regional do Jardim Independência – Av. Juiz de Fora, 50
- 833 – Regional da Vila Melo – Av. Mota Lima, 539
- 834 – Regional do Catiapoã – Rua Palmeira dos Índios, 1205
- 835 – Regional do Jardim Nosso Lar – Rua Ataliba Leonel, 600
- 836 – Regional do Parque Bitaru - Rua Antão de

- Moura, 451
- 837 – Regional do Japuí – Rua José Júlio da Silva, 56
- 838 – Regional do Jardim Pompeba – Rua E, s/n
- 839 – Regional do Jardim Guassu – Rua Francisco Silva Santos, 276
- 840 – Regional do Centro – Praça Bernardino de Campos s/n
- 841 – Regional do Humaitá – Rua 38, nº 19
- 842 – Regional do Parque Continental – Alameda 2, 140, fundos
- 843 – Regional do Jardim Rio Branco – Av. Central, 211
- 844 – Regional da Vila Ponte Nova – Av. Angelina Pretti, 180
- 845 - Regional do Quarentenário – Av. Quarentenário, 810
- 846 – Regional do Parque das Bandeiras I – Rua Rodolfo Mikulasch, 475
- 847 – Regional do Parque das Bandeiras II – Rua Milton Pinto, 110
- 848 – Regional da Nova SV – Rua 14, 61
- 849 – Regional Vila Ema/Samaritá – Rua Sergipe, 150
- 850 – Construção de casas depois do primeiro incêndio na Vila Fátima – 40 unidades
- 851 – Construção de casas depois do segundo incêndio na Vila Fátima – mais de 100 unidades
- 852 - Novo acesso ao Bitaru a partir do final da Rua Japão, junto à Foz do Rio da Vó (depois da Garagem Tune)
- 853 – Pavimentação e drenagem do trecho final da Rua Polydoro de Oliveira Bittencourt
- 854 – Abertura de uma nova rua ou viela (ainda sem nome) depois do final da Rua Polydoro de Oliveira Bitencourt
- 855 – Emplacamento de ruas da Cidade, com novo padrão (placas azuis que dão nome às ruas)
- 856 – Sistema de Sinalização de bairros e equipamentos públicos (bom exemplo desta sinalização está no cruzamento da Frei Gaspar com Linha Amarela)
- 857 – Canal da Avenida Antônio Bueno Capolupo – alargamento e pavimentação (Gleba II)
- 858 – Alargamento do Canal da Rua 20 – Gleba II
- 859 - Novo acesso da Rua Marquês de SV à Rodovia dos Imigrantes (que havia sido fechado depois da inauguração do Elevado Mário Covas)
- 860 – Pavimentação, drenagem e instalação de guias e sarjetas nas seguintes ruas do Jardim Rio Negro: Rua O
- 861 – Rua M – Jardim Rio Negro
- 862 – Rua N – Jardim Rio Negro
- 863 – Rua A – Jardim Rio Negro
- 864 – Rua B – Jardim Rio Negro
- 865 – Viela 2 – Jardim Rio Negro
- 866 – Pavimentação e drenagem da Rua 19 – Jardim Rio Branco
- 867 – Pavimentação e drenagem da Rua 22 – Jardim Rio Branco
- 868 – Pavimentação e drenagem da Rua 24 – Jardim Rio Branco
- 869 – Ajardinamento do canteiro da Avenida Marechal Cândido Rondon
- 870 – Quadra Poliesportiva no Parque Ambiental Sambaiaatuba com piso de concreto
- 871 – Campo de futebol com piso de areia no Parque Ambiental Sambaiaatuba
- 872 – *Playground* no Parque Sambaiaatuba
- 873 – Sanitários para agentes de reciclagem no Parque Sambaiaatuba
- 874 – Cobertura para proteção dos agentes de reciclagem no Parque Sambaiaatuba
- 875 – Drenos (total de 27) para escape dos gases do subsolo no Parque Sambaiaatuba
- 876 – Viveiro de Mudas no Parque Sambaiaatuba
- 877 – Horta em produção dos agentes de reciclagem no Parque Sambaiaatuba
- 878 – Confecção de móveis com Pet no Dique Sambaiaatuba
- 879 – Saneamento e drenagem no Dique Sambaiaatuba
- 880 – Portal da Linha Amarela – Junto à Imigrantes (Paulo H. de Moura).
- 881 – Rampas para Deficientes (Programa Cidade para Todos)
- 882 – Cemitério - Mausoléu Heróis de 32
- 883 – Quiosquinho na frente do Monumento dos 500 Anos
- 884 – Programa Morar Melhor - Ação Saneamento Básico
- 885 – Sistema de Tratamento de Efluentes - Vazadouro do Sambaiaatuba
- 886 – Planta da Cidade - Estudo Acústico-Ambiental (Alemãs)
- 887 – Obras de ampliação no JEPOM - sanitários, sala de aula, almoxarifado
- 888 – Casa do Menor - Reforma
- 889 – Posto Secretaria de Esportes
- 890 – Centro de Convivência Quarentenário
- 891 – Teatro municipal e auditório – anexo ao C. Convenções
- 892 – 3º Distrito – reforma

- 893 – Reforma da Fábrica de Sardinhas para o 39º Batalhão da PM
- 894 – Construção de 2 comportas no Dique do Piçarro - Sambaiaatuba e na Av. Alcides de Araújo – Catiapoã
- 895 – Rede coletora de esgoto e águas pluviais do Conjunto Habitacional do Canal do Meio
- 896 – Fonte da Praça Barão do Rio Branco
- 897 – Salas de informática em 16 escolas municipais
- 898 – Pavimentação do acesso ao Reservatório da SABESP – Ilha Porchat
- 899 – Muro e calçada na Praça da Rádio Cultura (Jockey Club)
- 900 – Pavimentação do acesso à antena da Rede Globo (R. 4) – Morro da Asa Delta
- 901 – Reforma da Praça Walter do Amaral – Catiapoã
- 902 – Reforma do Hospital São José – ALA “A”
- 903 – Galpão Tancredo Neves
- 904 – Ossuários – 84 unidades
- 905 – Iluminação das quadras de bocha e malha do Ginásio Poliesportivo
- 906 – Construção de 2 sanitários e 1 depósito junto à Biquinha
- 907 – Travessa Vila Amorim
- 908 – Reforma do Refeitório - Paço Municipal
- 909 – Reforma do Protocolo - Paço Municipal
- 910 – Programa de Levantamentos Topográficos e Projetos da Codesavi (mais de 400 realizados)
- 911 – Elaboração do Plano Diretor e Uso e Ocupação de Solo do município de São Vicente
- 912 – Digitalização e desenho do Plano Diretor Físico de São Vicente, em escala 1:15.000, constituído pelas plantas de Uso e Ocupação de Solo, Sistema Viário, e Abastecimento
- 913 – Construção do lago de patos no Parque Iupiará
- 914 – Casa de Parto (Jardim Irmã Dolores)
- 915 – Quadra de Malha e Bocha (Tancredo Neves)
- 916 – Construção de “Trilogia de Azulejos” comemorativos aos 500 anos do Descobrimento do Brasil
- 917 – Balança e escritório no Sambaiaatuba
- 918 – Rede para contenção de lixo na Ponte do Mar Pequeno
- 919 – Retorno da Divisa Santos-São Vicente
- 920 – Galpão de Triagem da Coleta Seletiva de Lixo
- 921 – Reforma do Almoxarifado - Paço Municipal
- 922 – Programa Clube do Choro
- 923 – Criação da Martim Afonso Big Band
- 924 – Projeto Comunidade Terapêutica Caminho da Vida
- 925 – Apoio ao Centro de Recuperação Humana Missão Manaim
- 926 – Apoio ao Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência
- 927 – Apoio ao Centro Hipupiará Integração e Vida
- 928 – Medidas Socioeducativas em Meio Aberto – Convênio Prefeitura de São Vicente / FEBEM (Secias)
- 929 – Apoio à APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.
- 930 – Apoio ao AGAD – Associação de Grupos de Apoio aos Deficientes do Estado de São Paulo
- 931 – Apoio ao Lar Cristão de Amparo ao Idoso
- 932 – Apoio à Sociedade São Vicente de Paula
- 933 – Guia Virtual de São Vicente
- 934 – Conjunto Habitacional do Saquare
- 935 – Conjunto Habitacional do Sá Catarina de Moraes
- 936 – Conjunto Habitacional do Canal do Meio
- 937 – Conjunto Habitacional do Canal do Meio 2
- 938 – Conjunto Habitacional do Canal do Meio 3
- 939 – Conjunto Habitacional do Sambaiaatuba
- 940 – Conjunto Habitacional da Esplanada dos Barreiros
- 941 – Conjunto Habitacional da Vila Ema (Constr. Til)
- 942 – Conjunto Habitacional do Samaritá (Constr. Civic)
- 943 – Conjunto Habitacional do Samaritá (Constr. TecnoSul)
- 944 – Conjunto Habitacional do Samaritá (Constr. Aprojeto 1)
- 945 – Conjunto Habitacional do Samaritá (Constr. Aprojeto 2)
- 946 – Conjunto Habitacional do Jôquei Clube I
- 947 – Conjunto Habitacional do Jôquei Clube II
- 948 – Conjunto Habitacional do Rio Branco (Obra licitada)
- 949 – Conjunto Habitacional do Sítio Barranco 1 (em processo de licitação)
- 950 – Conjunto Habitacional do Sítio Barranco 2 (em processo de licitação)
- 951 – Conjunto Habitacional dos Servidores – perto da Piracicabana
- 952 – Quadra poliesportiva na Av. Eduardo Dias Coelho
- 953 – Bancos na orla da Av. Eduardo Dias Coelho
- 954 – Pier na orla da Cidade Náutica III
- 955 – Projeto Desperdício Zero de Merenda
- 956 – Projeto Mãos à Horta – Departamento da Merenda
- 957 – *Playground* na orla da Cidade Náutica

- 958 – Projeto Paisagístico e Jardim ao longo do estuário na Cidade Náutica
- 959 – Pavimentação da Rua Santa Cruz
- 960 – Pavimentação da Rua Monte Belvedere
- 961 – Laboratório do CREI
- 962 – Jardim da Divisa, na Praia do Itaré
- 963 – Estacionamento 45 graus na Av. Embaixador Pedro de Toledo
- 964 – Plantio de 600 mil mudas de árvores
- 965 – Reforma do recanto dos aposentados na Av. Getúlio Vargas, sopé do Morro dos Barbosas
- 967 – Acesso à Prainha da Saturnino de Brito
- 968 – Baía de estacionamento em frente à Escola Raquel de Castro – Newton Prado
- 969 – Arborização da Av. Capitão-Mor Aguiar
- 970 – Ciacaf da Rua Jacob Emmerick
- 971 – Programa de Oficinas do Projeto Sambaiaatuba
- 972 – Posto de Assistência Social na México-70
- 973 – Programa de Cursos de Qualificação Profissional no Projeto Sambaiaatuba
- 974 – Serviço móvel de som para eventos (townner)
- 975 – Drenagem e saneamento do Dique do Sambaiaatuba
- 976 – Projeto Reluz (14 mil luminárias)
- 977 – Sinalização náutica da Baía de SV
- 978 – Serviço de patrulhamento com barcos
- 979 – Sala de Troféus no Dondinho
- 980 – Programa de Defesa Civil
- 981 – Programa de Convênios da Sejur – Oscips, Ongs e entidades
- 982 – Padronização dos ambulantes
- 983 – Instalação da Jari
- 984 – Programa de Manutenção da Frota de Veículos
- 985 – Local de Recuperação de Animais (Horto)
- 986 – Memória da Informação – Seicom – Fotos, releases, recortes de jornais, filmes, gravações, documentos
- 987 – Programas de Treinamento e Cursos do Recursos Humanos (Sead), que capacitaram 1.822 servidores
- 988 – Centro Cirúrgico do CREI
- 989 – Pediatria do CREI
- 990 – Instalação da Capital do Estado em São Vicente em 22 de janeiro de 2000
- 991 – Monumento à Ordem De Moley
- 992 – UTI do CREI
- 993 – Laboratório do CREI
- 994 – Programa de Incentivo à Pesquisa e à Arqueologia Histórica
- 995 – Trilhas ecológicas do Parque Voturua
- 996 – Monumento à Associação dos Engenheiros e Arquitetos de São Vicente
- 997 – Estátua de Benedicto Calixto no Ipuipara
- 998 – Instalação da Sede do Conselho Tutelar da Área Continental
- 999 – Programa de Recuperação dos Manguezais
- 1000 – Complexo de Eventos e Convenções da Costa da Mata Atlântica
- 1001 – Sala de Imprensa João Vieira Jr., no Complexo de Eventos e Convenções
- 1002 – Urbanização Praça Vicente de Carvalho
- 1003 – Drenagem do Complexo Goitacazes
- 1004 – Pavimentação e drenagem da Avenida Antônio Bueno Capollupo
- 1005 – Comportas Canal do Meio e Saquare
- 1006 – Calçada na Avenida Getúlio Vargas
- 1007 – Plantio de flores do Parque Ambiental nas praças da Cidade
- 1008 – Rodoviária
- 1009 – Estátua O Coletor
- 1010 – Cinco banheiros para cães (Pip Dogs)
- 1011 – Nova iluminação no Japuí, Náutica, Rio Branco, Humaitá e Parque Continental
- 1012 – Iluminação da Av. Angelina Pretti
- 1013 – Restauração de mapa de 1899
- 1014 – Transporte de Deficientes
- 1015 – Reurbanização da Rua Princesa Isabel
- 1016 – Campanha Educativa para Ciclistas
- 1017 – Iluminação da Linha Vermelha
- 1018 – Convênio Dap/Jepom
- 1019 – Urbanização da Av. Eduardo Dias Coelho
- 1020 – Lançamento da Revista Literária
- 1021 – Mostra de Cinema
- 1022 – Revista Okinawa-Te
- 1023 – Escola Maria de Lourdes Batista
- 1024 – Instituição da Feira de Ciência
- 1025 – Ampliação da EMEF Mário Covas Jr.
- 1026 – Salas de Portadores de Necessidades na EMEI Santos Dumont
- 1027 – Copa São Paulo de Futebol
- 1028 – Escola de Surfe
- 1029 – Projeto Nadando para o Futuro
- 1030 – Casinha de Brinquedos
- 1031 – Fanzinoteca
- 1032 – Laboratório de Informática na CEESV
- 1033 – Curso de HQ
- 1034 – Festival de Comédia
- 1035 – Gibiteca Bigail
- 1036 – Creche Olga Cury Gigliotti
- 1037 – Quadra na República de Portugal
- 1038 – Creche Noturna Catarina Rampon
- 1039 – Projeto Ler é Legal
- 1040 – Centro Comunitário Bento Ribeiro
- 1041 – Projeto Tocando SV – Orquestra Sinfônica

Anexos

Vereadores em São Vicente (de 1997 a 2005)

- | | |
|---|--|
| - Adelson Dantas Prado (PL) | - Cláudio Valverde (PSB) |
| - José Natalício de Melo (PFL) | - Koken Iha (PSDB) |
| - Gilson Mattos do Nascimento (PFL) | - Luis Claudio Bili (PSB) |
| - Antonio Carlos de Oliveira (PFL) | - Luiz Antonio dos Santos (PSB) |
| - José Válder dos Santos (PPS) | - Luciano da Silva (PPB) |
| - Altair Aparecido Di Marco (PSB)* | - Marcos Estevão Calvo (PT) |
| - Carlos Alberto Santiago (PSB)* | - Nicolino Bozzella (PSB) |
| - Davi Leopoldo de Mendonça (PSB) | - Dilara Prates de Oliveira e Castro (PSB) |
| - Carlos Roberto da Silva (PSB) | - Paulo Humberto Lacerda (PSB) |
| - Luciano Batista (PSB) ** | - Maria José Massuno Antonioli (PSB) |
| - Renato Caruso (PSB) | - Ricardo Veron Guimarães (PSB) |
| - Eduardo Palmieri (PSB) | - Roberto Luiz Lopes (PSDB) |
| - Emmanuel Pimentel (PSDB) | - Roberto Veiga Rocha (PSB) |
| - Sérgio Medeiros (PSDB) | - Rubens Riguelo (PMDB) |
| - João de Oliveira Gonçalves (PSB) | - Fernando Bispo (PSDB) |
| - José Aparecido dos Santos (PSB) | - Geovane Oliveira de Souza (PSB) |
| - Gregório Molero Martins (PTB) | - Gilberto Domingos Rampon (PSB) |
| - Alfredo Soares de Moura (PDT) | - Beto Zoinho (PSB) |
| - José Eduardo Ottoni de Almeida (PSDB) | - Léo Santos (PSB) |
| - Ivan de Souza (PFL) | - Mara Valéria Giangiulio (PT) |
| - Carlos Gigliotti (PPS) | - Obedes Ferreira da Cunha (PSL) |
| - José Hildemar Brito Coelho (PT) | - Juracy Francisco de Jesus (PFL) |
| - José Sebastião Soares (PSB) | - Rogério Barretos Alves (PPS) |
| - Ubirajara de Mello Júnior (PSB) | - Ulisses Roberto Morozetti Martins (PSB) |

Fonte: Câmara de São Vicente

* Presidente da Câmara uma vez

** Presidente da Câmara três vezes

Vice - Prefeitos

Nízio José Cabral – 1997 até 2000

Paulo de Souza – 2001 até 2004

Vereadores em São Vicente (de 2005 a 2008)

- Obedes Ferreira da Cunha (PSL)
- Mara Valeria Giangiulio (PT)
- Roberto Veiga Rocha (PSB)
- Rogério Barreto Alves (PPS)
- Alfredo Soares de Moura (PPS)
- Fernando Bispo (PSDB)
- Geovane Oliveira de Souza (PSB)
- Gilberto Domingos Rampon (PSB)
- Ivan de Souza (PFL)
- José Alberto da Silva (PFL)
- José Eduardo Ottoni de Almeida (PSDB)
- Léo Santos (PSB)
- Luciano Batista (PSB)
- Luiz Claudio Bili Lins da Silva (PSB)
- Paulo Humberto Lacerda (PSB)

Suplentes:

- Nicolino Bozzela (PSB)
- Carlos Santiago (PSB)
- Carlos Gigliotti (PPS)
- Lídia Illeck (PPS)
- Luiz Antonio dos Santos (PSB)

Fonte: Câmara de São Vicente

Vice - Prefeitos

Paulo de Souza – 2005 até 2008

Vereadores em São Vicente (de 2009 a 2011)

- Caio França (PSB)
- Pedro Gouvêa (PSB)
- Paulo Lacerda (PSB)
- Dr. José Eduardo (PSB)
- Roberto Rocha (PSB)
- Gilberto Rampon (PSB)
- Diogo Batista (PP)
- Jura (PT)
- Valter Vera (PSB)
- Ferrugem (PDT)
- Tiça (PDT)
- Macedo (PSDB)
- Marcelo Correia (PP)
- José Soares (PSDB)
- Marco Bitencourt (PRP)

Vereadores licenciados :

- Fernando Bispo (PSB)
- Alfredo Moura (PSDB)
- Luiz Claudio Bili Lins (PSB)
- Léo Santos (PSB)

Fonte: Câmara de São Vicente

Vice - Prefeito

Rogério Barreto Alves – 2009 até 2011

Secretários

Abilio Checci Junior	José Carlos Benfato
Alfeu Rodrigues de Araújo	José Hildemar Brito Coelho
Alfredo Martins	José Ricardo Leite Ruas
Alfredo Soares Moura	José Roberto Rodrigues de Lima
Altair Di Marco	José Sebastião Soares
Altamir Capparelli	Kátia Perez Locatelli
Amauri Alves	Leônidas Lúcio dos Santos
Antonio Nunes Monteiro Filho	Lúcia França (Fundo Social)
Ayrton Alexandre Có	Luís Cláudio Bili Lins da Silva
Bernadete Bacellar do Carmo Mercier	Luiz Eduardo Mauro Terra
Carlos Alberto Santiago	Marcelo Machado
Carlos Bento Dias Farias	Márcia Regina Cardoso Papa Garcia
Cláudio Figo dos Santos	Márcio Perretti Papa
Cláudio Luiz França Gomes	Marco Antonio Sabino
Cláudio Valverde Santos	Maria Aparecida Tavares Cardoso
Clóvis Rodolpho Carvalho de Vasconcellos	Maria José Massuno Antonioli
Daniel Martines	Miguel Antonio da Silva Neto
Davi Leopoldo de Mendonça	Nicolino Bozzella
David José Gomes	Oliviero Pierotti Junior
Denise Reis Buldo	Paulo Augusto Pereira Rodrigues
Dilara Prates de Oliveira e Castro	Paulo de Souza
Dílmir de Castro	Paulo dos Santos Paixão
Eduardo Palmieri	Paulo Humberto Lacerda
Elisabete Bacellar do Carmo	Pedro José Luiz Coelho
Elizabeth Antonio Pereira Correia	Pedro Luís de Freitas Gouvêa
Emerson dos Santos	Radamés Gomiero
Emílio Carlos Ximenes	Raimundo dos Santos Oliveira
Fabiano Mathias Scudelli	Regina Ponte do Carmo
Fernando Antonio Gomes de Oliveira	Renato Caruso
Fernando Bispo da Silva	Ricardo dos Santos Duran
Flávia da Cunha Lima	Rino Tadeu Ambrósio
Gregório Molero Martins	Rogério Barreto Alves
Henrique César Simões de Oliveira	Satoru Kishi
Ivan Arruda Alvarez	Seitetsu Iha
Jânio Francisco Benith	Sidnei Rezende Strauss
João da Silva	Sueli Gonçalves de Oliveira
João Jorge Pereira Fernandes	Tânia Maria Teixeira Simões de Oliveira
João Vitor Ortiz de Freitas	Tercio Augusto Garcia Júnior
Joaquim José Bernardes	Ulisses Garavatti de Araújo
	Vitor de Jesus Figueiredo

Secretários - Adjuntos

Alexandre Morais Rodrigues	Márcia Cristina Lopes Ruas Fagundes
Alexandre Santi Casasco	Márcio Rebuá Bonfim
Carlos Alberto Leal Teixeira	Marilene Sergi Perdiz Longo
Carlos Augusto Freixo Corte Real	Nicolino Bozzella
Cid Omar de Souza Sylos	Osvaldo Bueno dos Santos Junior
Cláudia Regina Bahdur Schlithler	Patrícia Silva de Paula Buzatti
Darci Amaral da Costa	Paulo Augusto Pereira Rodrigues
Davi Leopoldo de Mendonça	Paulo Sergio Carvalho do Nascimento
Débora Ferreira da Silva Vassão	Reinaldo Oliveira Guedes
Diogo Angelin	Renato Pirauá Cabral
Eduardo Batista do Nascimento	Rute Maria Alexandre de Mendonça
Eduardo Palmieri	Seitetsu Iha
Egeferson dos Santos Craveiro	Sérgio Cunha Martinez
Elisabete Bacellar do Carmo	Sérgio Luiz Guerreiro
Elizeu Gonzalez Cação	Silas Antonio Gulielmetti
Fernanda Pimenta	Sueli Gonçalves de Oliveira e Silva
Fabiano Mathias Scudelli	Vera Maria de Hollanda Mollo
Francisco Carvalho Rodrigues	Vera Lúcia Vasconcellos Sarmiento
Geovane Oliveira de Souza	Vera Teresa Devesa Vaz
Gilberto Massaru Chinen	Walter Rodrigues Gonçalves
Gilmar Fernandes	
Hélio Santiago	
Jânio Francisco Benith	
João Vital Pedron	
Joaquim José Bernardes	
José Alves dos Santos	
José Paulino de Souza Junior	
Jurema de Araujo Mendonça	
Karla Aparecida Vasconcellos Alves da Cruz	
Kátia Perez Locatelli	
Koken Iha	
Lenita Lopes Lichti Martins	
Leonardo Augusto Amaral de Carvalho	
Lucy Serrano	
Marcello do Amaral	